

**Peças do
Destino: Sob o
Véu**

Rodrigo Kravlaar

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Peças do Destino

Sob o Véu

Rodrigo Kravlaar

Direitos autorais © 2021 Rodrigo Kravlaar

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

ISBN-13: 9781234567890

ISBN-10 1477123456

Design da capa por: Pintor de arte

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2018675309

Impresso nos Estados Unidos da América

Para Ítalo, porque quando as luzes se apagaram ele estava lá.

"Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o

tempo que nos é dado."

- Gandalf

Índice

Página do título

Direitos autorais

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Livros dessa série](#)

[Livros deste autor](#)

Capítulo I

Os escolhidos do rei

Às vésperas de comemorar seu vigésimo aniversário, Aidan ainda tentava se acostumar ao seu novo posto como capitão da guarda e conselheiro real. Desde que o rei havia comunicado a traição de Fergus, antigo comandante da armada, o novato recebera a honra de ser sagrado o mais jovem capitão que a Guarda Real já teve.

A barba, que ainda se esforçava para aparecer em seu rosto, não negava a tenra idade que lhe repousava sobre os ombros. A cicatriz do lado direito do rosto – uma lembrança dolorosa do dia em que fora aceito como candidato à Guarda Real – já não o incomodava mais. De certa forma, ele se orgulhava de ter alguma marca de batalha para se vangloriar para os antigos companheiros. A armadura esmeralda escura, que ele havia preferido em vez da tradicional armadura negra do exército do rei, caía-lhe como uma

luva e ele gostava de mantê-la perfeitamente asseada. Na cintura, carregava uma espada reluzente de lâmina muito afiada, um presente real que ele guardava com enorme estima. O pomo da arma, no formato da cabeça de uma ave de rapina, enchia-lhe a vista e o coração, não importava quantas vezes os olhos repousassem sobre ela.

Ser o capitão da Guarda Real, especialmente o mais jovem que assumira o posto, era uma tarefa solitária naqueles tempos. A traição do antigo comandante havia se espalhado pelos rankings do batalhão de honra e semeado a discórdia entre os soldados de elite. O próprio Fergus havia treinado e escolhido pessoalmente a maioria dos homens que compunha aquela companhia e, quando o rei se virou contra ele, muitos – para não dizer todos – sentiram-se divididos entre honrar seu voto de servitude à Coroa e a lealdade ao seu comandante e mentor. Por fim, muitos membros abandonaram o serviço real, preferindo deixar de oferecer braços fortes ao exército do soberano. A fratura deixada por aquela rebelião silenciosa teve que ser preenchida por convocações de novas cerimônias de candidatos que selecionariam novos homens para compor o batalhão de elite.

O novo capitão carregava nos ombros o enorme peso da responsabilidade de fazer o que é certo e cumprir o seu papel como guarda juramentado a serviço de Sua Majestade. O brio e a emoção que carregava no peito eram sua maior motivação. Não era fácil substituir um homem como Fergus, que, apesar das decisões que tomou e do destino que teve, deve ter sido o capitão mais talentoso que já passou por todo o reino, talvez por toda a Galabor. A sombra de seu antigo líder e irmão de armas parecia vagar constantemente pela parte de trás de sua mente e o jovem soldado sentia uma pressão desconunal de fazer honrarias ao seu mentor da melhor forma que pudesse, mesmo que ele não estivesse mais ali.

O tempo ia passando como o galope de um cavalo de carreira, mas ainda assim ele parecia não se acostumar completamente às suas novas atribuições e constantemente se pegava patrulhando as muralhas ao anoitecer. Os muros que protegiam Miramir eram paredes formidáveis, feitas da pedra pesada, praticamente indestrutível. O fosco da construção desenhava uma silhueta negra

colossal no horizonte, fosse dia ou fosse noite. Ao fundo do cenário, o castelo fabuloso – que carregava o mesmo timbre turvo – inundava os olhos e se erguia aos céus.

A vista dali de cima era magnífica e ele tinha certeza de que nunca se acostumaria à vastidão que aquele monumento rochoso lhe proporcionava.

Ainda mais agora.

Aidan observava, esparramando-se para bem longe no horizonte, até onde era possível ver – pelo menos com um par de olhos humanos – todas as luzes do acampamento que estava sendo construído por ordem imperial. A obra do novo acampamento de soldados ainda não estava terminada e talvez nunca fosse concluída. A cada dia, mais e mais corpos, jovens e velhos, chegavam para se voluntariar ao exército. Ao contrário do que ditava a tradição do reino – os soldados do rei eram escolhidos quando completassem dez vezes a estação do seu nascimento e eram treinados até a maioridade, quando receberiam suas designações de acordo com suas competências e aptidões, o que fazia daquela uma armada imponente –, todo o tipo de homem estava sendo aceito para o treinamento básico. Milhares de camponeses eram recepcionados diariamente em busca de uma oportunidade para servir ao patriarca, ao reino e à Coroa, ou pelo menos em busca da chance de ter o que comer.

– É uma vista e tanto, não é mesmo? – resmungou Roy puxando assunto.

O novo investigador do reino, e conselheiro por essa razão, era tão jovem quanto o próprio Aidan. Ele havia sido escolhido pelo rei em pessoa. O soberano o viu surripiar duas dúzias de bolsas de ouro, sem sequer ser notado, enquanto uma das muitas procissões reais passava pelas ruas da cidade. O patriarca o observou com muito interesse por todo o percurso, analisando seus movimentos e habilidades, e ficou muito impressionado com sua agilidade em meio à multidão. As demonstrações de furtividade do ladino lhe garantiram a oferta do cargo de investigador, que ainda não havia sido preenchido. O argumento em favor de sua escolha era o de que um larápio das ruas seria uma ótima forma de se manter informado

até mesmo das menores divergências que pudessem surgir por ali. A capacidade do rapaz de se misturar, parecendo quase invisível, acrescentava grande valor às alegações da necessidade de tê-lo sob as ordens da Coroa.

– E fica cada dia melhor – respondeu Aidan indiferente.

– O que ele pretende com isso? – questionou o investigador sem muito interesse, apenas para manter o papo vivo.

– Talvez nem o próprio rei saiba.

O jovem capitão colocou a mão por dentro do pescoço da armadura e tirou de lá um cachimbo muito bem adornado. Ele esticou o braço para uma das tochas que se espalhavam pelas ameias – que repartiam espaço entre as seteiras e os merlões que guarneciam as passarelas da muralha – e puxou um graveto incandescente, o qual usou para acender seu cachimbo às tragadas.

– É um belo cachimbo – disse Roy. – Onde o conseguiu? Parece meio caro para um mero capitão.

Aidan tirou o cachimbo da boca e sorriu enquanto analisava a peça de madeira.

– Pertenceu a um rei – ele virou um sorriso malicioso para o amigo.

– Um rei?! – era mais uma afirmação do que uma pergunta. – O nosso rei?

Aidan deu um suspiro zombeteiro, mas não se preocupou em elaborar.

– O que está achando do novo posto? – perguntou o capitão mudando de assunto. – Deve ser muito melhor do que dormir na lama, eu imagino.

– É, eu não tenho muito do que reclamar – respondeu o rapaz dando de ombros. – Ele não presta muita atenção no que eu falo, de qualquer forma.

– Que rei presta atenção no que qualquer um fala?

– Um rei que não toma uma facada nas costas enquanto usa a latrina? – ironizou o jovem investigador.

A risada dos novos escolhidos do patriarca encheu a noite enquanto eles se viravam para admirar o horizonte.

– Não deixe que lhe escutem dizer isso, ou vai acabar com uma corda no pescoço – aconselhou Aidan quando conseguiu parar de rir.

– Pelo que eu ouvi dizer do último investigador... – Roy passou a mão afetivamente pelo próprio pescoço, encarando o companheiro com olhos ligeiros. – Até que a corda no pescoço seria um destino agradável. – Um passeio no parque, eu diria.

– Você viu acontecer? – o questionamento parecia tentar morder o interrogado em busca de uma resposta.

Aidan deu uma longa tragada em seu cachimbo.

– Você não vai querer saber – respondeu o jovem capitão encarando o companheiro com um sorriso maldoso no rosto.

– Wow! – foi tudo o que o investigador conseguiu dizer.

– Não se preocupe muito com isso – continuou Aidan se virando novamente para encarar o acampamento.

– Vou me preocupar muito com isso sim – o dedo acusador veio acompanhado de mais um riso pretencioso. – Vou ficar de olho em você, capitão.

Eles gargalharam uma vez mais.

As luzes do acampamento à noite imitavam uma gigantesca nuvem de vagalumes e Aidan sempre se maravilhava com como aquilo parecia formar uma longa estrada que levaria para muito, muito longe dali.

O jovem capitão se perdia em seus pensamentos e sonhava acordado com o mar de pirilampos à sua frente quando uma luz muito mais intensa surgiu no horizonte. Em algum canto ao norte

do acampamento, os dois companheiros podiam ver enormes chamas que se lambeavam em direção aos céus. Os gritos de horror dos soldados eram ouvidos mesmo dali.

– Não nos convidaram para a festa? – indagou o investigador casualmente.

Enquanto eles observavam as chamas aumentarem no acampamento longínquo, Aidan se virou para o crescente clangor metálico batendo às suas costas. Dois soldados vestindo armadura completa, inclusive o capacete, corriam em sua direção. – Senhor, aconteceu um novo ataque ao acampamento! – informou um dos patrulheiros ofegante. – Quais são as ordens, capitão?

– As ordens são as mesmas – o comandante respondeu sem emoção, tentando disfarçar o incômodo que crescia no fundo da garganta. – Vasculhem a área e contabilizem os danos. Tentem apagar aquele fogo o mais rápido possível e acalmem os cavalos. E, pelos céus, façam os camponeses pararem de gritar. Se o próprio corpo deles não estiver em chamas, eu prefiro que eles fiquem calados. Eles são soldados agora, não precisam agir como um bando de garotinhas.

– Sim, Senhor! – acatou o homem com um olhar estranho na cara.

Os dois guardas se viraram e correram para longe. O fogo no acampamento continuava a queimar e os gritos ainda ecoavam pela noite fria.

– Você não acha estranho dar ordens assim? – perguntou Roy. – Aquele homem deve ter o dobro da sua idade.

– E um pouco mais – respondeu o capitão descontraído. – Mas o que eu posso fazer? Para falar a verdade, eu até gosto. Nenhum deles me respeitava antes e, agora, o recruta que eles tanto provocavam é quem dá as ordens por aqui.

Era verdade que Aidan sofria muitas provocações, mas ele nunca fora desrespeitado para valer. Muito pelo contrário, suas habilidades de combate eram guardadas na mais elevada estima e seu pensamento pragmático diante das situações difíceis – como aquela – era muito admirado.

– Você não acha que deveria tomar alguma atitude sobre isso? – questionou o investigador depois de outro longo período de quietude em que eles apenas observavam o acampamento arder em chamas. – Acho que esperam um pouco mais do capitão supremo da Guarda Real e sumo comandante de todos os exércitos do rei e todo esse blá blá blá.

– Não há muito que fazer – Aidan deu de ombros. – Eles se infiltram, queimam os suprimentos e vão embora. É difícil lutar contra um inimigo invisível. Se fosse um campo de batalha, eles seriam esmagados facilmente.

– Mas ficar sem suprimentos também não me parece a melhor alternativa – Roy estava cada vez mais cismado pela letargia do companheiro frente àquela situação. – O que vai fazer quando eles tiverem queimado tudo e os camponeses começarem a matar uns aos outros por um pedaço de pão?

– Não se preocupe com isso – respondeu o jovem capitão sobriamente.

– O que? – a insistência do investigador era crescente. – Você acha mesmo que eles não se matariam por comida? Meu amigo, nós já vimos mendigos se matando por menos. Por acaso você acha que eles não se matariam entre eles se estivessem morrendo de fome, mesmo no acampamento de Vossa Majestade? Eu aposto que, se as coisas ficarem difíceis o suficiente, eles provavelmente comeriam uns aos outros.

Aidan olhou para o amigo com um sorriso maroto no canto da boca.

– O que você fez? – uma expressão peculiar, um misto de pasmado e orgulhoso, desenhou-se no rosto de Roy.

O jovem capitão demorou para responder, queria criar um efeito dramático. Ele deu várias tragadas em seu cachimbo, a erva era maravilhosa, oferecida a ele pelo próprio mercador de tabaco por um preço muito amigável, umas das muitas vantagens de estar servindo tão próximo ao rei.

– Digamos que os suprimentos vão ficar bem – disse ele finalmente

de forma debochada.

– Você conversou com eles? – perguntou o jovem investigador enquanto beliscava suavemente as bochechas do companheiro e imitava uma voz de bebê. – Os sacos de trigo estavam se sentindo sozinhos?

O soldado empurrou o braço do rapaz em meio a risadas.

– Mais ou menos isso – disse ele tentando recuperar a compostura. – Eu simplesmente os troquei de lugar.

Aidan apontou para algum lugar no horizonte.

– Aquilo queimando lá longe provavelmente é um monte de lixo que já seria queimado de qualquer jeito.

– Muito astuto da sua parte, senhor mestre supremo da guerra – respondeu o companheiro admirado, mas sem perder a oportunidade de debochar do amigo. – Eu imagino que seu rei tenha ficado muito feliz com isso.

– Como você disse, ele não parece ouvir ninguém senão ele mesmo – Aidan deu de ombros e suspirou. – Pelo menos ninguém além daquele mascote que ele carrega para cima e para baixo.

– Ah! O mascote – Roy parecia muito interessado pela primeira vez.
– O que você acha deles?

– O que quer dizer? – perguntou Aidan confuso.

– Você sabe, sobre eles... – Roy fez um sinal muito sugestivo, criando uma argola no ar e passando um dedo pelo centro.

O capitão não se conteve e gargalhou alto.

– Às vezes eu acho que você tomou muitas pancadas na cabeça quando era pequeno – ele ainda tentava controlar os risos que enchiam o ar. – Não deixe que te vejam fazer isso ou teremos outro guisado de investigador.

– Mas então? – pressionou o jovem investigador ignorando as

risadas do companheiro. – O que você acha?

– Eu não tenho certeza – a resposta veio de uma forma um pouco mais grave. – Às vezes eles parecem se odiar.

– O rei parece odiar todo mundo, para falar a verdade.

Os companheiros assentiram com a cabeça um para o outro, concordando pela primeira vez.

– Talvez seja só uma briguinha de casal – pontuou o investigador.

– É possível – respondeu Aidan já meio cansado do assunto.

– Nós já brigamos assim, lembra?

Roy se lançou sobre Aidan, que se protegia com um braço enquanto o amigo o lançava beijos invisíveis em meio às gargalhadas.

– Chega! – por mais que se esforçasse, aquelas palavras não carregavam nenhuma seriedade.

Dois guardas apareceram nos vãos laterais do balestreiro de uma das torres de vigia, provavelmente atraídos pelos sons de luta. O jovem investigador tentou disfarçar, mas foi completamente em vão.

– Viu? – disse ele rindo baixinho. – É por isso que nunca vão te respeitar.

– Eu te odeio! – Aidan riu de volta.

– Pelo menos você não precisa se preocupar em ficar aqui por muito tempo – sugeriu o rapaz sem muita preocupação. – Eu não dou mais um mês para que uma dessas hienas velhas tente lhe cortar a garganta enquanto você dorme.

– Então... – Aidan olhou intensamente para o companheiro. – Eu acho bom que você seja mais desconfiado que o antigo investigador.

Roy estremeceu involuntariamente e o jovem capitão não conseguiu conter as risadas.

– É, talvez eu não fique aqui por muito tempo...

Capítulo II

Traços de lealdade

O vento gelado soprava forte e invadia as frestas do casebre.

Loran odiava aquele lugar mais do que podia descrever. O cheiro de suor e vinho que o ambiente carregava o deixava nauseado e, muitas vezes, no auge da tontura, ele sentia o corpo se entorpecer por completo e o controle dos músculos falhar.

Ao redor do rapaz, a casinha de um único cômodo parecia se preparar para engoli-lo a qualquer momento. Sentia que o chão se abriria e o tragara. A madeira meio apodrecida das paredes dava a sensação de que o lugar viria abaixo sem qualquer aviso. Em uma das paredes, embaixo de uma pequena janela – que era pequena demais para servir de rota de fuga daquele quarto infernal –, havia uma cama, muito grande, feita de um amontoado fedorento de peles, fabricos e um couro curtido muito velho. O forro da mobília era uma palha que se espremia timidamente entre os tecidos grossos. Noutro canto, sobre uma mesa velha, vários jarros e copos, a maioria deles trincado ou completamente em pedaços, esparravam-se sobre a madeira muito surrada pelo tempo. Ao redor da tábua, outros tantos utensílios de porcelana apresentavam a mesma situação. Ao lado da mesa, vários barris se amontoavam cobrindo a parede até o teto, alguns dos cilindros de madeira sequer haviam sido tocados e estavam perfeitamente lacrados, era a única coisa ali dentro – com exceção do rapaz que se tremia todo no centro do quatinho – que parecia novo em folha. Cada um deles trazia uma seleção generosa de bebidas diversas, licores, cervejas, vinhos e uísques. Uma seleção digna da nobreza! O vento, que invadia os espaços entre as tábuas de madeira, fazia balançar suavemente um caldeirão de ferro fundido que exalava um cheiro forte de comida podre, pendurado em uma vara sobre um fogareiro.

O braseiro em si estava pronto para queimar assim que o desejo surgisse. Atrás da porta, um quadro de madeira muito largo e de um aspecto rústico, como um painel de ferramentas de ferreiro, exibia diversos instrumentos de metal de uma forma arredondada muito peculiar e chicotes, vários chicotes, de todos os tipos, desde alguns muito suaves, feitos de uma lã macia, até ferrolhos grossos e sujos de sangue de aparência pavorosa.

Loran abominava aquele lugar.

A ventania castigava o mundo para lá das paredes do casebre. Mesmo no clima ameno do outono, ele suava profusamente, seus poros pareciam desregulados e o fluido corporal escorria pelo seu corpo e encharcava sua veste.

Ele queria sair dali. Correr para bem longe.

O servo hesitou por um segundo e tomou sua decisão. Ele partiria! E para bem longe. Buscaria a proteção de seu príncipe, ele o haveria de proteger.

Mas era tarde demais.

Os cascos dos cavalos do lado de fora foram o anúncio de sua perdição. Ele ouviu o casquear ressoante se aproximando e o ruído pesado de uma carroça que parecia estar sendo arrastada, como se as rodas estivessem quebradas ou travadas de alguma maneira.

Loran andou passos incertos até a janelinha e sentiu seus braços estremecerem. Olhou pelas frestas da tábua pútrida e, lá fora, pôde ver, sentado na guia da carroça, um outro valete de olhar vazio que provavelmente era ainda mais jovem que ele próprio.

Seu coração pulava no peito descontroladamente. Ele precisava escapar dali.

Loran percebeu a porta da carruagem se abrir em um rangido perturbador e podia ouvir alguém praguejar em algum lugar para além das paredes da casinhola, embora ele não conseguisse formar uma única palavra do que era dito. Ele pulou nas próprias botas com um estrondo vindo do lado de fora, provavelmente a porta

sendo espancada violentamente de volta para seu fecho. Sentia seu corpo assumir o mesmo ritmo que seus braços haviam adotado e começar a tremer por completo. Um arrepio subiu por sua espinha. Ele andou de costas em passos cegos e sentiu seu dorso tocar a parede atrás dele, fazendo subir o cheiro putrefato da madeira.

O jovem servo podia ouvir vindo de fora o som característico do laçado contra a carne crua de um homem e isso o fez pressionar as costas contra a parede. Sua respiração agora era profunda e pesada, ele se sentia perdendo o controle do próprio corpo a cada segundo. Podia sentir a terra sacudir sob seus pés a cada passo que ouvia se aproximar da entrada do casebre.

A porta se abriu com um estrondo ruidoso e bateu forte no painel de instrumentos peculiares.

– Ora, ora... – disse Sorim com uma alegria maliciosa na voz. – O que temos aqui?! Se não é o conselheiro mais próximo do rei. Que honra poder finalmente reencontrá-lo, meu querido Loran.

O nobre bojudo entrou pelo casebre e cada passo corpulento fazia o chão gemer sob seus pés, a madeira apodrecida sugeria que cederia a qualquer instante diante da vastidão do homem. Ele fechou a porta lentamente e a encostou com cuidado, virando um trinco de ferro que ficava preso na parede; observando Loran com olhos cobiçosos.

– Faz tempo que não nos vemos, Loran – o Mestre dos Nobres andou até a mesa e pegou um dos jarros que parecia estar em melhores condições.

Loran prendeu a respiração, a voz do homem lhe causava profundos arrepios e ele não conseguia evitar sentir o terror que lhe revirava as vísceras incessantemente. O nó na sua garganta apertava a cada instante e ele tinha a sensação de que desmaiaria a qualquer momento.

– O-o... re-rei – gaguejava o servo descontroladamente. Ele sentia que perdera completamente a habilidade de colocar duas sílabas juntas. – É... é... m-muito...

– Relaxe, rapaz! – interrompeu o nobre, cansado da turbulência na voz de seu valete mais precioso. – Sente-se.

O vassalo foi até a cama sem dizer outra palavra e se sentou.

Sorim encheu um dos jarros com uma quantia generosa de uísque de um dos barris que ainda possuía o lacre intocado. O cheiro forte da bebida preencheu o ar por todo o lugar. O nobre colocou a vasilha sobre a mesa e virou-se para acender o fogareiro, ele se abaixou com dificuldade e levou uma outra era para acender o fogo. A luz cálida finalmente dançou nas paredes do casebre e iluminaram os olhos vazios de Loran.

– Então, quais são os planos do rei? – indagou o nobre casualmente.
– Ele parece muito ocupado com seu novo acampamento, não acha? Ele parece estar se preparando para uma grande festa. Diga-me, querido Loran, o que sabemos sobre isso? O que pode me dizer sobre os planos de Vossa Graça?

Sorim andou até o painel de madeira e pegou dois pares dos instrumentos metálicos. Os objetos tinham uma cor característica de ferro fundido, mas carregavam várias marcas carvoadas por toda sua extensão. Fez o caminho de volta para o fogareiro e colocou os instrumentos por entre as brasas. Virou-se para pegar sua caneca improvisada, pressionou o jarro entre as bochechas rechonchudas e, em longas goladas, secou-o de uma vez, fazendo o líquido caramelo escorrer pelos cantos de sua boca gulosa. Então, tornou ao barril uma vez mais e se inclinou para encher novamente seu copo avantajado, deu mais um gole no uísque que havia extraviado das adegas do rei e limpou o rosto com as costas da mão.

– Então... – o tom do nobre continuava casual, mas agora sua voz estava um pouco enrolada. Ele se abaixou e pegou um dos objetos que havia colocado em meio às chamas. – Vamos falar sobre o rei.

Ele andou até Loran com passos tortos.

– Tire a camisa! – ordenou sem rodeios.

O servo obedeceu sem objeções, levantou sua camisa mecanicamente, o cetim delicado passou por cima de sua cabeça e

deixou seu torso completamente à mostra, ficando apenas com as longas mangas da bata viradas do avesso cobrindo seus braços. Os olhos eram inertes e o movimento automático. Era como se ele não estivesse mais ali.

Sorim levantou o instrumento incandescente e apertou contra o peito do rapaz. O cheiro de carne queimada tentava encobrir o forte odor de uísque no hálito do mestre. Ele apertava com força e balançava o espeto ardente de um lado para o outro, tentando aproveitar o máximo possível do ferro em brasa e encostar todas as partes quentes contra a pele.

O corpo do garoto relaxou e os olhos ficaram serenos.

– Agora... – recomeçou Sorim. – Agora que estamos mais... relaxados, por que não me conta sobre nosso querido patriarca? Por que não me fala sobre os planos do rei e sobre o que ele anda tramando por aí? Vamos, meu querido. Vamos! Eu preciso saber. O que anda planejando nosso querido amigo?

O servo estava completamente entorpecido. Sua mente viajava para longe. Seus olhos viam as paredes de madeira crua, mas, em sua mente, ele vagou para algum lugar distante. Vivia o mundo em um campo de flores, onde o sol aquecia seu rosto e ele podia viajar nos flancos fortes dos cavalos selvagens de sua terra natal.

– Eu não sei... – os lábios apertados suspiraram uma resposta inebriada. – Ele não me conta muito.

– O que ele conta? – pressionou o mestre. – Eu tenho certeza de que, a essa altura, ele deve ter lhe feito muitas confidências. Vamos, meu rapaz, conte-me. Pense um pouco. Ele deve ter dito algo, detalhes que possam ser úteis. Vamos, pense! Pense!

– Ele é desconfiado... – a resposta foi outro sussurro sem qualquer emoção. – Muito...

– Disso eu já sei! – Sorim levantou a mão e deu um tapa forte no rosto do vassalo com as costas da mão. – Detalhes, eu preciso de detalhes.

O lábio inferior do garoto sangrava, mas ele parecia não se importar. Sua mente o abraçava calorosamente para abrigá-lo daquele momento, ele podia sentir o cheiro das flores e ouvir os cantos dos pássaros, o ruído caudaloso de um riacho pontuava a sinfonia de proteção. Duas gotas de sangue pingaram de sua boca e mancharam a camisa que repousava do avesso sobre seu colo, mas ele próprio estava muito longe dali.

– Ele não confia em mim – um murmúrio letárgico se formou uma vez mais nos lábios ensanguentados. – Ele não confia em ninguém.

O Mestre dos Nobres avaliou atentamente o garoto e respirou fundo, considerou seu valete favorito por alguns segundos e olhou para longe. Caminhou tranquilamente até o painel de madeira atrás da porta, ponderou sua escolha por um par de instantes, estendeu os dedos gordos e agarrou um dos chicotes, de um couro bem grosso e meio gasto, que estava dependurado pelo meio do painel.

– De joelhos! – comandou o nobre enquanto voltava para o lado do servo.

O criado se levantou e virou de costas para o nobre, ajoelhando-se de frente para cama, e se debruçou com os braços esticados acima da cabeça.

– Por... que... você... não... tem... aparecido... para... dar... notícias? – questionou o nobre. Cada uma das palavras foi pontuada com uma pancada violenta da chibata de couro que ele tinha entre os dedos roliços.

Os golpes, que ruborizaram a carne já muito marcada daquele ritual, sequer o fizeram vacilar.

– Ele tenta me afastar do senhor, Mestre – a voz estava sonolenta, ainda mais apática do que antes. Outra chibatada encheu seus ouvidos. – Finn acha que eu vou traí-lo – continuou. A cada segundo ali dentro, o torpor parecia dominá-lo a cada segundo ali dentro. – Ele acha que eu me aproximei dele para espioná-lo.

– Pelo menos nisso ele está certo – gargalhou o nobre.

Sorim andou até a mesa e pegou seu caneco improvisado. Bebeu até secar o jarro, foi até o barril para encher o utensílio novamente e depois cambaleou de volta para seu convidado, servindo-lhe de outra chibatada, ainda mais forte que as anteriores. O estalo vicioso vibrava no ar.

– Ele acha que pode me convencer – o rapaz falava sempre do mesmo jeito. – Ele acha que pode me libertar.

– Ninguém pode te dobrar! – o homem babava pelos cantos da boca e o nariz escorria. – Ninguém pode te libertar. Você é meu! Você é minha propriedade!

– Não, Mestre... – suspirou o valete com os olhos vazios. Sua mente ia aonde ele não podia ser ferido. Aquilo acabaria em breve. – Eu sou sua propriedade, Mestre...

Sorim tirou a longa túnica e a atirou contra parede. Seu corpo já estava muito suado e as pelancas batiam umas nas outras. O cheiro de bebida forte se misturou com o azedo do suor do nobre; o mesmo cheiro que impregnava todo o lugar.

Ele levantou o braço bem alto e desceu mais uma dúzia de chibatadas no couro do servo que sangrava sem esboçar qualquer reação.

– Conte-me, rapaz – ele perguntou ofegante. – O que teme o rei?

Outro golpe violento na pele fez o sangue jorrar pelo couro encardido da cama.

– Ele teme perder a coroa...

– Todo rei teme isso – mais um golpe. – Seja mais específico. Eu preciso saber. Eu preciso de informações! Fale! Vamos! Diga-me!

Os golpes se acumulavam sobre a casca fragilizada do garoto.

– Ele teme ser traído – suspirou mais uma vez o servo.

O rosto do nobre se contorceu em frustração. Ele andou até o painel de madeira e colocou cuidadosamente o chicote de couro em seu

devido lugar. Seus olhos passearam por alguns instantes, eram muitas opções, *qual escolher* ? Ele esticou o braço e pegou um chicote rabo de tatu, que estava mais à direita. Esse flagelo era um pouco diferente do anterior, o couro duro carregava em cada uma das tiras de pontas trançadas pequenas navalhas muito afiadas.

O Mestre dos Nobres coçou o queixo e fez um sinal de aprovação para si mesmo. Virou-se e andou até seu pupilo submisso que ainda se estirava sobre a cama, imóvel. Os passos pesados faziam o chão pútrido se curvar levemente sobre o peso do homem.

– De quem ele tem medo? – demandou, o rancor crescendo em sua voz.

Ele ergueu o chicote e bateu com força nas costas já sensibilizadas do rapaz que gritou pela primeira vez. Ele foi arrancado do seu refúgio em sua mente e trazido de volta para o casebre que tanto odiava.

– Quimir! – berrou o escravo. – Quimir... Ele desconfia de Quimir!

– Só dele? – questionou o algoz. – Diga, rapaz! É só dele que o rei desconfia?

O garoto gemeu em silêncio. Outro golpe violento.

O lamento horripilante do rapaz rasgou o ar e ele podia ouvir os cascos dos cavalos baterem nervosos do lado de fora. O que ele mais odiava era saber que do outro lado havia uma testemunha para sua vergonha. Mas ele sabia que o outro servo fiel sentado imóvel sob a guia da carroça provavelmente recebe a sua parcela de atenção do nobre.

– De todos... Ele não confia em ninguém... – o gemido engasgado tentava produzir as respostas necessárias. – Mas principalmente de Quimir. Ele acha que Quimir está tramando algo pelas suas cotas.

– Ele planeja fazer algo a respeito? – rosnava o nobre.

– Eu não sei! – respondeu o servo com a voz trêmula.

– Responda! – a mão de Sorim desceu outro açoite violento que foi

seguido de mais um grito desesperado.

– Eu não sei!! – berrava o rapaz enquanto recebia uma chuva de golpes. – Por favor... Eu não sei... Ele não confia em mim... Por favor... Ele não confia em ninguém... Mestre... Por favor...

Sorim se afastou e foi até a mesinha. Secou o jarro outra vez e o atirou contra a parede com todas as forças.

– Eu acredito em você – ele disse com uma voz enrolada. – Eu acredito em você, meu bom rapaz!

O Mestre dos Nobres caminhou até Loran e se abaixou sobre ele.

– Você não está mentindo, não é? – inquiriu o nobre ofegante.

– Não... por fav... – choramingava o garoto. – Por fa-fa-fa...

– Shh! Shh! Já passou – Sorim se inclinou sobre seu pupilo. – Shh! Shh! Calma, está tudo bem.

Loran podia sentir o hálito quente do homem em sua nuca, o suor salgado que escorria do corpo de seu agressor ardia em suas feridas. Sorim se inclinou e lambeu lentamente as costas ensanguentadas do rapaz. Subindo devagar e preenchendo cada espaço das costas de seu valete favorito até encostar em seu pescoço.

– Tire a roupa!

Sem conseguir se mexer, o servo sentiu o corpo suado de Sorim apertando contra o seu e sabia que era hora de sua mente viajar por outros lugares mais uma vez.

Capítulo III

Investigador e Investigado

As ruas de Miramir estavam apinhadas de gente.

Por todos os lados, comerciantes, mercadores, nobres e plebeus caminhavam apressadamente, tropeçando nos próprios passos. O movimento na capital havia aumentado significativamente desde que o rei mudara as regras do recrutamento para seu exército. De todas as partes do reino, todo tipo de figura aparecia para preencher o cenário.

As mudanças no reino não paravam por aí. O soberano havia ordenado diversas reformas pela capital. Os ladrilhos avermelhados que dividiam espaço com os tijolinhos áureos e que, por várias gerações, carregaram o símbolo da realeza – uma pata de urso pardo – foram pouco a pouco substituídos por bloquinhos ornamentados com a silhueta do rei. As novas placas do passeio, feitas de uma argila muito suave, traziam o contorno perfeito de uma cabeça coroada, delineado à perfeição para lembrar a todos o perfil austero e nobre de seu governante.

A cidade inteira era alvo das transformações ofertadas pela Coroa, desde as pequenas bodegas nas proximidades do castelo até as pocilgas imundas e bordeis fedorentos que se estendiam até onde a vista alcançava nas periferias de Miramir. Ali o trabalho era ainda mais árduo. Muitos dos homens que haviam se oferecido para fazer parte do exército do rei foram designados para realizar o extenuante trabalho braçal que as reformas periféricas exigiam. Grande parte da força que atendia às demandas do serviço era formada de velhos fazendeiros de mãos muito calejadas do ofício no campo e de mulheres e crianças que haviam perdido tudo, inclusive a moradia, por conta dos novos decretos reais. O trabalho parecia nunca ter fim, a madeira porosa custava amargamente para receber a tinta nova e o acabamento de cada prédio torto e porta intumescida parecia levar dias, talvez semanas.

Todos aqueles novos operários da Coroa potencializavam a sensação de aglomeração pelas ruas da cidade. O empilhado de gente andava para lá e para cá carregando ferramentas para as reformas ordenadas pelo rei. Empregados carregando mercadorias, uma infinidade de caixotes com todo o tipo de especiaria e produtos para o comércio. Gaiolas com animais de todas as espécies, galinhas, porcos, ovelhas, todos esperando o abate. Outras muitas miudezas enchiam o cenário e transbordavam o lugar da sensação sufocante

de estar sendo tragado por aquele manancial humano.

Nascer e crescer naquelas ruas encharcadas de lama deixavam Roy muito mais confortável àquela situação do que a maioria das pessoas ali. Ele passeava tranquilamente pelo lugar, como se deslizasse suavemente por entre os corpos da multidão. O perfil esguio e ligeiramente subdesenvolvido devido à pobreza na qual crescera o proporcionava o tipo físico ideal para um ladino ardiloso. Na cabeça, ele ostentava os fios teimosos de madeixas alaranjadas que ele tentava sempre manter muito bem aparados – uma cabeleira chamativa não era muito recomendada para a sua ocupação. No rosto, exibia uma pelugem suave, no mesmo tom de seus cabelos, que lhe dava um ar inocente; pureza essa que ele havia perdido há muito tempo. Suas roupas novas, de couro leve, eram ideais para se movimentar furtivamente pela multidão, o tom celeste com timbres luminosos lhe conferia um aspecto honesto e ele se aproveitava muito bem disso para surrupiar uma bolsa de ouro aqui e ali, algo que ele fazia por puro impulso, já que agora a preocupação de qual – ou quando – seria sua próxima refeição não pesava mais em sua mente. Ele simplesmente não conseguia resistir à tentação dos trocados dependurados inocentemente na cintura de um desavisado.

Roy confiava plenamente em seus instintos. A intuição, muito refinada pelo tempo que viveu na rua, nunca o decepcionava. Sempre sabia quando estava sendo seguido, de perto ou de longe; exatamente como era agora. Ele podia ouvir as passadas apressadas de botas de couro, muito rígidas, batendo contra a pedra na ruas da cidade. Cada passo, do que ele desconfiava serem dois soldados muito grandes, tocava o solo perfeitamente sincronizado com os seus. O ladino aumentou a velocidade de sua marcha, serpenteando na multidão, e avistou de longe um longo trecho de chão esburacado – parte do plano de reformas do rei –, então deslizou por entre os corredores apertados que os transeuntes formavam pelo caminho. Ziguezagueou de um lado para o outro, às vezes se abaixando ou acelerando o passo para desviar dos obstáculos que o trajeto oferecia. A multidão ao seu redor era tão densa que as pessoas pareciam se fundir e se separar em intervalos regulares, como gotas de óleos perdidos em um balde de água, os corpos passavam em sua frente como um borrão, entrando e saindo do foco de seus olhos bem treinados.

Com o compasso ligeiro nos pés e a visão sempre atenta ao seu redor, ele passou mais uma e depois outra rua e se virou para uma travessa muito longa e escura. Caminhou para o beco olhando por cima dos ombros, procurando por algum sinal de seus perseguidores, sem perceber que já era aguardado ali.

– Ora, parece que eu já descobri por onde andam suas botas, jovem Roy.

O investigador se virou de sobressalto e seus olhos focaram a silhueta de um enorme nariz ganchoso.

– Quimir! – disse o gatuno com uma adulação muito exagerada. – Que prazer em vê-lo, Meu Senhor! É sempre bom encontrar um camarada conselheiro. Que alegria vê-lo, Mestre da Moeda.

O rapaz fez uma reverência tão debochada quanto conseguiu performar e continuou.

– Venha! Venha! Fique à vontade, o que é meu é seu. Seja muito bem-vindo! Ao que devo o prazer dessa maravilhosa visita em meu... – ele olhou à sua volta e concluiu com um sorriso amarelo. – Beco? – O ladino passeou tranquilamente pela ruela escura, o lugar tinha vários caixotes espalhados por toda a parte, muitos barris e outro empilhado de utensílios quebrados e móveis de madeira muito velhos. Ele se aproximou de um dos barris, que estava rachado em vários lugares, e enfiou a mão dentro. – Posso lhe oferecer algo para comer? – sorridente, tirou do barril um enorme pedaço de peixe. O bicho estava meio mordido e sem a cabeça, algumas larvas já banquetevavam os restos do animal em alguns lugares. – Servido?

Em algum lugar, na sua retaguarda, o investigador ouviu as botas duras que o perseguiram até ali se aproximarem e reverberarem pela viela. Ele viu dois soldados fecharem a única saída do beco. Por detrás de Quimir, viu surgir outro homem, muito magro e velho, que mancava lentamente em sua direção.

Ele estava cercado. O Mestre da Moeda deu uma risada cínica e seca.

– Pare de bobagem, rapaz – disse Quimir com sua voz entediada. Ele deu um passo na direção de Roy. – Eu estou aqui a negócios. Se você colaborar, ninguém precisa se machucar. Eu só quero ter um bate-papo saudável e amigável entre dois membros do Conselho. Que tal?

– Sabe que vai precisar de mais do que esses dois brutamontes para me pegar, não é? – indagou Roy sem qualquer preocupação.

– Não se preocupe, meu jovem – respondeu o Mestre da Moeda, sua voz era tão despreocupada quanto a do rapaz à sua frente. – Eu sei exatamente do que você é capaz e garanto que estou preparado para seus malabarismos.

Quimir se virou e caminhou alguns passos pelo beco. Ele dava voltas para cima e para baixo, como se tentasse criar alguma tensão no lugar. Caminhava pequenos círculos lentamente e, por um longo tempo, o homem parecia ter esquecido completamente o propósito de sua visita.

– Eu preciso de informações – disse o Mestre da Moeda finalmente, sem muita emoção.

– Todos precisamos! Informação é poder – a resposta insolente reverberou dura pelo bequinho. Roy seguia despreocupado, encostou-se numa parede e começou estudar, muito atentivamente, as cutículas de sua mão direita.

– Informação é poder! – concordou Quimir com olhos inquietos. – Informação é poder e nós dois compartilhamos uma habilidade fora do comum de obter informações.

Roy não se mexeu, sequer levantou a cabeça para reconhecer as afirmações do companheiro de prosa.

– Porém, algumas informações parecem impossíveis de serem conseguidas – continuou o homem tediosamente por detrás do nariz avantajado. – Mas, talvez, um jovem investigador muito hábil e bem conectado possa ter informações valiosas para... barganhar.

– Bom, isso depende de que tipo de informação e sobre quem ela

trata – o rapaz levantou a cabeça para encarar o colega conselheiro pela primeira vez desde que havia assumido a árdua tarefa de avaliar suas próprias unhas. – A quem a informação se refere é muito importante. E isso também muda o seu... poder de barganha, como você bem deve saber.

– Sobre o rei – respondeu Quimir. – Nossa Majestade real está preocupada com as intenções do patriarca.

Roy o encarou como se fosse louco por um segundo, depois tirou do bolso um pedaço de tabaco de corda e mordeu, com muito esforço, uma porção generosa da especiaria, mastigando-a preguiçosamente.

– O rei parece muito preocupado com as reformas de sua cidade – a resposta lutava para sair pela bochecha cheia da saliva viscosa que se misturava com o fumo gorduroso. – Talvez ele esteja esperando visitas ou queira dar uma festa.

– Vossa Majestade real tem outras coisas em mente – continuou Quimir. – Talvez o rei esteja perdendo a cabeça.

– Talvez... – respondeu Roy com dificuldade, os dentes quase colavam pelo sebo em suas gengivas. – Ele só queira um lugar... bonito... para morar. Eu tenho a impressão de que ele gosta de coisas bonitas.

– Ah! – o nariz avantajado baloiçou freneticamente para os lados com o interesse pelo assunto renovado. – Chegamos ao ponto chave desse encontro. Coisas bonitas!

O Mestre da Moeda se virou pelo beco e caminhou na direção de seu ouvinte involuntário.

– Eu tenho um grande interesse em saber quem é aquela figura que está frequentemente na companhia do rei.

– Meu Senhor, eu achei que o senhor valorizava informações – debochou o rapaz. – Ele fez uma pausa e engoliu um pouco de saliva para aliviar a pressão em suas bochechas. – Aquele... – disse o jovem investigador em um sussurro. Ele olhou para os lados com uma desconfiança exagerada e fez um gesto para o Mestre da

Moeda se aproximar, que se moveu a passos largos. – Aquele... que está sempre junto do rei... é... – fez uma pausa e gesticulou para que colega conselheiro chegasse ainda mais perto. – É... Loran, o amante do rei.

Quimir perdeu a calma e agarrou o gatuno pelo pescoço, apertando-o com força contra o paredão de rocha do beco.

– Pare de palhaçada, seu moleque atrevido... – rosnou o conselheiro mostrando os dentes.

– Meu Senhor... – respondeu Roy com dificuldade, tanto pela pressão em sua garganta quanto pela boca cheia da especiaria viscosa. – O senhor não é mais tão jovem para esse tipo de exercício, pode acabar se... machucando.

O ladino astuto apertou os lábios sujos do visgo marrom que ele moía por entre os dentes e forçou um sorriso pretencioso. Quimir sentiu leves batidinhas contra o colete de veludo que usava por cima da camisa de seda carmesim, olhou para baixo sem mexer a cabeça e, com o canto do olho, conseguiu ver um pequeno canivete roçando suavemente na altura de suas costelas. Virou os olhos para encarar o companheiro outra vez, que sorriu alegremente, fazendo movimentos sugestivos com as sobrancelhas.

O Mestre da Moeda se afastou do investigador com um movimento rápido e deu dois passos para trás, ajeitando o castanho aveludado de seu colete.

– Pois bem... – disse Quimir enquanto limpava a garganta. – Você é talentoso, eu devo admitir. Não me admira que tenha chamado a atenção do rei.

– Ora, obrigado! – veio a resposta com a boca cheia. Um pouco da baba viscosa escapou no canto da boca e fez o nariz ganchoso dilatar as narinas e o resto da face carrancuda contrair o maxilar.

– Quem é a figura... a outra figura que tem andado o tempo todo na companhia do rei nos últimos tempos?

O tom de Quimir era casual, mas Roy sabia que não devia mais

provocar o homem, que já estava com os nervos à flor da pele.

– Qual figura? – perguntou o jovem investigador com tranquilidade. O Mestre da Moeda disparou um olhar feroz para o rapaz. – Tudo bem, tudo bem... – continuou ele antes que o homem tivesse um troço. – A figura encapuzada? Que está sempre com o rei não importa o que aconteça?

– Precisamente – respondeu Quimir ávido. – O que sabe sobre ele?

– Nada – o ladino não hesitou sua resposta. – Sei tanto quanto você.

– O que lhe faz pensar que eu não sei nada a respeito?

– Se soubesse, não estaria aqui me perguntando.

O Mestre da Moeda sorriu.

– Talvez eu estivesse lhe testando.

– Oh, claro... – começou o rapaz debochado. – Eu imagino que vida muito excitante alguém pode levar para pensar um dia: “hum, não tenho nada para fazer de interessante neste lindo dia de primavera, vou testar o que o investigador da corte sabe sobre o rei e os insanos que ele veste de palhaço para segui-lo para cima e para baixo”

As narinas ganchosas se abriram mais uma vez em meio à risada sarcástica.

– Muito esperto... – a gargalhada com uma histeria forçada continuava a balançar o ar. – Mas, então, o que sabe a respeito?

– Eu já disse! – Roy já estava perdendo a paciência, sentia seu maxilar adormecer. – Eu não sei de nada. A figura apareceu do nada e não sai do lado do rei. Eu dei uma espiadela por debaixo do capuz uma vez e o rosto todo é enrolado por uma faixa, é impossível ver a cara por trás das bandagens. E, pelo que eu andei perguntando, ninguém nunca o viu sem as ataduras, capuzes, mantos, casacos e todo o resto do estofado. Nem as mucamas, guardas, cozinheiros, ninguém sabe de nada. É como se fosse um boneco enfeitado para

seguir o rei aonde quer que ele vá.

Quimir o considerou por um longo período e olhou em volta por alguns instantes.

– Eu acredito em você! – ele deu uma risada forçada e andou para longe. – Parece que o rei está se tornando um excelente guardador de segredos, você não acha?

O conselheiro parou a alguns passos do jovem investigador e virou-se em sua direção.

– É uma pena... Você parecia um rapaz com um futuro muito promissor – ele fez um gesto ligeiro com a cabeça para os guardas no fim do beco.

Os dois homens caminharam beco adentro, eles vestiam armaduras de desenho semelhante, um púrpura opaco adornado nas bordas com detalhes em preto e uma folha de cerejeira estampando o peitoral metálico. Desembainharam as espadas e partiram rapidamente na direção de Roy.

– Ei... ei... rapazes... Para que toda essa violência? – as palavras saíam espremidas pelo tabaco grosso que grudava entre os dentes. – A gente não pode resolver isso de uma maneira amigável? Vamos... vamos conversar...

Um dos soldados levantou a espada bem alto, o homem era muito grande, como um poste de amarrar os cavalos, e sua espada parecia ainda maior que ele próprio. O guarda desceu a lâmina sobre Roy com um grunhido alto, que desviou para o lado, fazendo as botas do sujeito tamborilarem na pedra enquanto ele tropeçava vários passos para frente. O segundo atacante veio correndo na direção do ladino, a lâmina se projetando ao lado do corpo. Lançou um golpe lateral e o rapaz se abaixou e, depois, levantou-se o mais rápido que pôde e pulou em direção ao seu oponente. Ele cuspiu com todas as forças o conteúdo de suas bochechas através da viseira da armadura e o soldado começou a balançar a espada descontroladamente pelo ar, desferindo golpes erráticos por todo espaço que a arma alcançava até acertar o companheiro que vinha correndo ao seu auxílio assim que conseguiu se recuperar do tropeço. Os dois guardas se

entrelaçaram em um abraço não intencionado e se debateram confusos. Roy aproveitou a oportunidade e os empurrou com todas as forças, derrubando-os estatelados sobre o barril de peixe podre, que se espatifou em um rio de chorume purulento.

O jovem investigador olhou para o Mestre da Moeda e bateu uma continência debochada, com um largo sorriso no rosto, deu uma piscadela e disparou a correr para fora do beco.

– Ele tem mesmo um futuro brilhante – Quimir riu ironicamente consigo mesmo.

Ele andou passos preguiçosos pelo beco e parou ao lado de seus guardas pessoais.

– Inúteis! – gritou enquanto chutava um dos soldados na costela. – Era só um moleque!

Outro chute vicioso na cabeça.

Ele se virou para o velho atrás dele.

– Você sabe o que fazer...

O serviçal se aproximou lentamente, mancando cada passo, e seu mestre lhe deu às costas. Quimir caminhou outros passos desinteressados e se misturou à inundação de corpos da capital.

Capítulo IV

As vozes da floresta

As chamas fortes mais uma vez iluminavam a noite pelo acampamento.

Diversos materiais diferentes haviam sido empregados naquela construção. As tendas improvisadas – a maioria meio torta – eram

construídas às pressas pelos próprios ocupantes conforme eles iam chegando no lugar. A primeira leva de novos voluntários que se colocaram à disposição do serviço real teve o privilégio de receber uma oferta abundante e diversificada de recursos por parte da Coroa para que eles pudessem se estabelecer ali da melhor forma possível. O acampamento, que crescia em um ritmo muito acelerado, estava se tornando vistoso para todos os olhos, era uma vista impressionante. O alinhamento retumbante de dezenas de milhares de barracas – talvez já formassem uma centena de milhar, erguidas em perfeita ordem – era realmente uma razão para se orgulhar.

Mas o compasso ligeiro do crescimento do lugar trouxe também um emaranhado de novos e variados problemas. Com a chegada de mais e mais camponeses – que vinham aos montes fugindo da miséria e da fome –, a incapacidade da Coroa de prover meios de satisfazer as necessidades mais básicas de todos começou a se tornar evidente. Lentamente, as fileiras de belas tendas foram dando lugar a construções rudimentares de todo o tipo de material inusitado. O fabrico grosso e bem adequado ao propósito ao qual era empregado, de um negro fosco, que dava às barracas um aspecto mais sólido e confiável, foi aos poucos substituído por couro curtido, que, apesar de conferir proteção do vento e da chuva, ainda era pesado demais. Quando a demanda pelo material se tornou insustentável, os camponeses receberam uma nova leva de peles, que, mesmo longe do ideal para o casario improvisado, conferiam algum conforto frente às variações climáticas. Naquela altura, o visual campestre do acampamento, com os contrastes da lona bem asseada com o couro e as peles de diversas origens, ainda dava ao lugar um aspecto extravagante e até mesmo elegante, a depender dos olhos do observador. Mas as barracas vulgares e tortas que vieram em seguida nada tinham de glamoroso. Os abrigos, de ângulos oblíquos muito agudos, montados com pouca ou nenhuma determinação com lençóis ou cobertores de pano velho jogados sobre um amontoado de madeira não tratada colhida na floresta eram uma visão deprimente, para dizer o mínimo.

E não era aí que os problemas terminavam. Conceder moradia para o novo plantel militar, que não parava de crescer, ainda era – por incrível que pareça – a menor das dificuldades. Manter todas

aquelas novas bocas alimentadas era complicado, transportar e estocar todo os mantimentos era uma tarefa árdua. A maioria dos camponeses que chegou no lugar já era vítima da miséria e da fome há algum tempo – o rei havia decretado o confisco de todos os recursos de alimento, de qualquer natureza, para servir aos propósitos de sua nova armada – e estava anêmica ou doente. Os que não haviam perecido pelo caminho, famintos ou enfermos, aglomeravam-se ali em situação desesperadora. Os recursos, já imprescindíveis a uma força militar em situações normais, eram de uma necessidade incomensurável àquela altura.

Em circunstâncias ideais, conduzir aquele mar de problemas já seria uma missão absurda, beirando à loucura, mas, naquelas condições, parecia simplesmente impossível. O quartel improvisado foi repartido em diversos setores, cada um deles com sua própria linha de suprimentos – cruzar toda a extensão do acampamento sempre que precisasse de um ou outro recurso ou serviço seria um desperdício enorme de tempo –, armaria, estábulos, ferreiro, estocagem de comida e água, tudo que fosse necessário para atender às necessidades de cada repartição.

A organização do lugar era outro desafio a ser vencido. Grande parte – para não dizer todos – dos novos recrutas era formada de fazendeiros, artesãos e bêbados – principalmente bêbados. Aqueles homens não tinham a menor noção do que era disciplina, respeito, honra ou lealdade e muito menos entendiam o que era uma cadeia de comando. Era fácil observá-los perderem a cabeça – por vezes literalmente – por discordarem das ordens diretas de um oficial superior. Aquilo não era um exército – ainda não –, era apenas uma horda de desajustados.

Uma horda de desajustados curta em suprimentos e mais nervosa a cada dia.

– Senhor! – gritou um soldado correndo em direção ao seu comandante. – Outro ataque!

Aidan continuou andando com a cara fechada.

– Alguma baixa? – questionou o comandante carrancudo sem se virar para o homem.

– Não, Senhor! – respondeu o subordinado ofegante. – Apenas... apenas os suprimentos...

– Não importa! – disparou Aidan despreocupado. – Apaguem o fogo e vasculhem a área.

– Mas, Senhor! – insistiu o guarda. – Os suprimen...

– As ordens são as mesmas, soldado! – a resposta foi um grunhido incomodado. – Esses ataques são uma tentativa de chamar a atenção da Coroa e nada mais. Se dermos mais importância do que essas traquinagens merecem, estaremos oferecendo a eles o que eles procuram. Apaguem o fogo como puderem, acalmem os animais e atendam aos feridos.

– Mas, Senhor... – tentou o homem mais uma vez.

– Dispensado, soldado! – vociferou Aidan.

O comandante apertou o passo e o sentinela teve que correr para acompanhar o ritmo. O sujeito, que era um pouco mais velho que seu próprio capitão, usava proteções de couro muito velhas e grandes demais para terem sido fabricadas para seu corpo, as peças batiam umas contra as outras furiosamente enquanto ele corria.

O combatente cruzou correndo pelo lado de seu oficial superior e parou em seu caminho fazendo uma continência, sua expressão era muito grave. O comandante quase passou por cima do homem.

Senhor... – ele pressionou. – Por favor...

Aidan revirou os olhos e suspirou. Ele estava cansado daqueles aldeões covardes fazendo um escândalo por qualquer coisa que acontecesse. Soldados, era tudo o que ele queria, soldados de verdade!

– Diga, soldado.

– Eles... eles sabiam... – hesitou o homem. – Eles sabiam que os suprimentos não estavam nos barracões, Senhor. Eles sabiam...

O capitão arregalou os olhos e trincou os dentes.

– Eles queimaram tudo o que estava escondido no meio das carroças de palha, todo o suprimento – continuou o sentinela. Ele disse tudo o mais rápido que seus lábios permitiram.

Aidan rosnou sua frustração e desceu um punho pesado em direção ao rosto do sujeito, que bateu no chão com um baque pesado.

– Como?! – berrou, inclinando-se ameaçadoramente sobre o homem. – Como eles descobriram?!

O soldado caído cuspiu sangue e limpou a boca com as costas da mão.

– Eu... eu não sei... Senhor – respondeu com olhos injetados.

– Soem o alarme! Vasculhem a floresta! – gritou Aidan. – Eu quero esses vermes vivos!

O comandante cruzava o acampamento a passos apressados, gritando ordens aqui e ali. O lugar fervilhava de soldados correndo para todos os lados, os milhares de homens percorriam afoitos o lugar, obedecendo às ordens.

Aidan cruzou por longos corredores de barracas até chegar nos estábulos improvisados e demandou sua montaria ao cavaleiro. O homem correu para atender ao seu comandante e, um par de momentos depois, voltou apressado, puxando as rédeas de um enorme corcel de guerra. A égua de um pelo caramelo brilhoso trotava pomposamente ao lado do tratador.

O rapaz caminhou até sua montaria e encostou no animal, testa com frente, acariciando-o nos chanfros delicadamente.

– Vamos dar um passeio, Skarlet? – sussurrou ele para a égua.

Aidan deu a volta e se lançou sobre o bicho.

– Procurem em todas as partes! – as instruções aos comandados eram dadas aos berros. – Eu quero eles vivos! Eu quero todos eles vivos!

O rapaz esporou o cavalo bem forte. O corcel levantou as patas da

frente, relinchando, e disparou em uma carreira.

Um fino sereno começava a umedecer o ar enquanto o capitão cruzava ligeiro por entre as fileiras. Ele gritava sua vontade a plenos pulmões por onde passava e os soldados respondiam afoitos. O som alto dos tambores ditavam o ritmo da passada.

No limiar do campo de soldados, uma carroça ainda queimava alto, em uma bola de fogo colossal. Vários camponeses disfarçados de militares corriam apressados, gritando desesperadamente e carregando baldes na tentativa de extinguir as chamas do incêndio. O fogo impresso em sua retina fez com que outra chama se acendesse, agora dentro do próprio capitão. Ele esporou sua montaria mais uma vez e se debruçou sobre o dorso do animal. Cavalo e cavaleiro ofegavam intensamente, em um esforço conjunto, enquanto corriam pelo solo instável, agora enlameado. Em uníssono, eles saltaram obstáculos e desviaram, para um lado e para o outro, dos corpos que apareciam em seu caminho.

O passo acelerado rompeu as fronteiras do acampamento e eles se lançaram para a floresta. Os galhos baixos e as raízes altas eram um novo desafio no trajeto, mas eles não diminuíram o ritmo.

Por entre os galhos da selva escura, os olhos de Aidan demoraram para se acostumar. Então reduziram a marcha ligeira para um trote cauteloso e depois para um passo tranquilo. Os ouvidos alertas tentavam escutar os sons da floresta.

Tudo estava muito quieto.

Seu corcel, muito bem treinado, tocava com leveza o solo e seus cascos esmagavam suavemente as folhas pelo caminho. O cavaleiro tentava formar os ruídos ao seu redor, mas a tarefa era complicada. Conseguia ouvir seu coração tamborilar em seus tímpanos. A respiração pesada, fruto do esforço da corrida, raspava em sua garganta enquanto ele tentava controlá-la. Aidan sentiu o couro sob suas pernas tiritando suavemente. Inclinou-se mais uma vez sobre a cabeça de sua égua e afagou o maxilar da companheira.

– Calma... – sussurrou.

Um rugido agudo ecoou por toda a floresta.

Ginete e montaria viraram os olhos nervosos por todo o lugar. Espreitando avidamente, eles esquadrinharam cada traço da paisagem.

Outro bramido se aproximava, como se perseguindo sua presa.

Os olhos temerosos hesitaram por cima das folhas e outro par de esporadas fez a égua cruzar a noite mais uma vez. Os corpos harmônicos dispararam rumo ao desconhecido. A floresta escura parecia não ter fim, eles correram e correram por muito tempo até o comandante ouvir um estalo forte de galho se partindo.

A cavalgada foi interrompida com um tranco sem que o cavaleiro precisasse oferecer qualquer sinal, era como se estivessem conectados por pensamento. Aidan olhou mais uma vez à sua volta. Puxou as rédeas suavemente para um lado e a égua respondeu com um passo sorrateiro por entre as folhas.

Ao empurrar um maço de copado muito denso, de um tronco baixo, viu, encostado em uma das árvores, vigiando algum outro ponto da mata, o escudeiro fiel do rei, Alma. Aidan abaixou a mão lentamente para a adaga em seu cinto e retirou a lâmina da bainha com um tintilar suave. Então, ergueu o braço bem alto, por cima do ombro, e fez um movimento vigoroso para frente.

Antes de o punho da adaga dar partida de seus dedos, ouviu um baque surdo e um zunido nas orelhas e sentiu uma dor aguda em sua nuca. Suas pálpebras se dissolveram como uma cortina sobre os olhos e seu mundo foi engolido pelas sombras.



Aidan sentiu um toque gelado em sua bochecha e se mexeu incomodado. Sua égua de guerra bufava suavemente enquanto empurrava a cabeça de seu cavaleiro desacordado.

– Para com isso, Skarlet! – disse o rapaz rindo. – Eu já acordei, eu já acordei.

Ele abriu os olhos, encarando os intensos olhos negros de sua companheira, e não pôde deixar de sorrir. O riso alegre se misturou com a dor irradiante em sua cabeça. Ele se sentou e ergueu uma mão meio trêmula, passando os dedos por entre os fios de cabelo ensanguentados.

– Desgraçada... – sussurrou Aidan para si mesmo e deitou-se de novo na folhagem.

De olhos fechados, ele tentava bloquear a dor que latejava de sua nuca e descia pelo pescoço. E ficou ali, inerte. A respiração pesada enchia seus pulmões com o ar gelado da mata enquanto o sereno acariciava seu rosto, dando algum reconforto ao calor fervente que sentia sob a pele.

Depois do que poderiam ter sido horas, ele ouviu os barulhos da floresta crescerem e se intensificarem ao redor. O som de botas pesadas se misturando com os guinchos agudos das corujas e os urros felinos que enchiam o ar. O capitão reuniu todas as suas forças e se levantou como podia. Empunhou sua espada e esperou por seus inimigos encostado, com certa dificuldade, em uma árvore.

A iminência do combate crescia em seus ouvidos. O aperto se tornava mais firme no punho da espada e o guerreiro se preparava para o embate. Ele se mexeu com cautela e olhou por cima de um arbusto.

Aidan respirou aliviado ao ouvir o clangor metálico das armaduras. A luz turva das tochas iluminava uma companhia de soldados do rei.

– Se tivesse alguém por aqui e isso fosse uma armadilha! – gritou o comandante, surgindo por cima da relva. – Vocês todos estariam mortos!

Os homens viraram de sobressalto suas caras apavoradas.

O oficial superior cambaleou até a companhia enquanto guardava a

espada com dificuldade.

– Relatório! – comandou com muito esforço enquanto esfregava a parte de trás da cabeça.

Um homem muito velho, vestido de uma armadura muito antiga – de um desenho que Aidan sequer tinha visto na vida – e muito enferrujada, deu um passo à frente e bateu uma continência desajeitada.

– Senhor! – a voz rouca do sujeito lutava para sair. – Não encontramos ninguém, Senhor.

– Eu imaginei que não... – a resposta veio em um gemido irreprimido. – E os suprimentos?

– Eles queimaram tudo, Senhor. Todos os suprimentos... em todas as carroças...

Aidan respirou fundo e controlou como pôde o impulso de socar o homem, e a dor aguda que ele sentia na cabeça o preveniu de vociferar sua frustração.

– Reúnam os batedores, nós vamos caçar... – começou o oficial. Um cintilar suave por entre as folhas tomou sua atenção e ele andou passos cautelosos na direção do objeto que lhe roubara a atenção.

Sua adaga estava gravada forte em uma árvore, exatamente no centro de uma enorme letra F. Aidan esticou o braço, puxou a arma e concluiu.

– E nem uma palavra sobre isso... com ninguém...

Capítulo V

Bocas e ouvidos

O fim da primavera se aproximava e os dias quentes ficavam mais longos.

As reformas propostas pela Coroa promoveram um grande alívio visual para boa parte da cidade. Mas, mesmo com o esforço e as restaurações, as periferias da capital ainda carregavam um aspecto lastimável. Os traços deprimentes pareciam se recusar a abandonar o lugar. Alguns donos de casas de apostas tiveram a iniciativa de tentar deixar as fachadas de seus estabelecimentos um pouco mais convidativas, mas a madeira velha se recusava a cooperar e tudo se mostrava tão asqueroso quanto antes, senão pior.

Sorim abria sua rota pela multidão, criando espaço com sua linha medial avantajada. O Mestre dos Nobres não tinha o costume de se aventurar por aqueles lados – pelo menos não em plena luz do dia – tampouco de passar por tanta gente que ele considerava inferior, pouco ou nada digna de sua presença, quem dirá de ter o privilégio do seu toque austero, que ele era obrigado a compartilhar enquanto empurrava todos em seu caminho.

Os passos pesados do nobre bojudo o levavam para seu ponto de encontro usual com o Mestre da Moeda – os dois representantes haviam firmado um acordo tácito de sempre se reunir em um casebre nas periferias de Miramir; a pocilga, de aspecto deplorável, era o lugar ideal para os pequenos bate-papos que eles gostavam de compartilhar aqui e ali. Quimir tinha um gosto peculiar no que dizia respeito a pontos de encontro.

Mesmo ali era possível enxergar as obras ordenadas pelo soberano. O caminho tortuoso, antes lamacento, agora era aparelhado pela mesma pedra preta à qual o nobre já estava acostumado na corte. O tom escuro da rocha opaca parecia absorver toda a luz, e o calor que se acumulava nos tijolinhos improvisados fazia seus pés ferverem dentro das botas de veludo.

O movimento corriqueiro do punho suculento fez reverberar sua presença em uma porta pesada. O som retumbou dentro do casebre e, momentos depois, um postigo abriu timidamente na madeira grossa. A silhueta magra de um homem velho analisou a presença corpulenta do visitante e bateu com força a portinhola. Em um instante, o ruído das muitas fechaduras e correntes ecoou no

destrancar da porta.

O Mestre dos Nobres já estava acostumado a ser recebido com todas as pompas de um rei. Quimir sempre lhe providenciava enormes banquetes de comida succulenta, e muito bem preparada, e bebida farta.

E dessa vez não seria diferente.

O Mestre da Moeda o aguardava, como de costume, sentado em uma mesa posta para dois. Ao seu redor, como já era de se esperar, diversas bandejas de prata cobriam uma grande variedade de pratos. O cheiro da refeição enchia o lugar, manjares, especiarias, petiscos e todo o tipo de iguaria que havia caído nas graças do conselheiro real.

– Venha, meu amigo – convidou o anfitrião alegremente. Ele se levantou e puxou a cadeira que esperava o convidado de honra. – Sente-se e coma à vontade.

Os olhos de Sorim se encheram e ele cruzou o quartinho apertado com uma velocidade impressionante para o seu tamanho. Um par de passos gananciosos foi tudo o que ele precisou para se atirar sobre a cadeira de madeira, que rangeu baixinho sob o peso avantajado.

As mãos do homem se tornaram um borrão, ele mexeu os braços de tampa em tampa, analisando o conteúdo escondido na prataria cintilante. Analisou cada prato minuciosamente com olhos gulosos. Os dedos gordos, já empapados de suor, esticaram-se para iniciar seu ritual de engorda. O vinho de excelente qualidade sugerido por seu amigo seria a primeira oferenda da cerimônia.

Na outra ponta da tábua, a napa ganchosa esbanjava o contento estampado na cara. Era excelente ver que tudo estava ao agrado do paladar tão exigente de seu companheiro, era ótimo saber que ainda podia suprir as necessidades do nobre insaciável. Mantinha no rosto um sorriso jubiloso que adotou para disfarçar a constante expressão de tédio que ele costumava carregar na face. Estava satisfeito em assistir aos pedaços de comida que voavam sobre a mesa e não pensava em interromper a voracidade do homem, aguardando

pacientemente até que o convidado estivesse pronto para papear. Levantou uma mão e fez uns gesto peculiar com os dedos, seu servo atento andou passos silenciosos em sua direção e lhe entregou uma tacinha de um vinho de aroma muito adocicado.

E assim Quimir aguardou.

Sorim devorava a comida com o ímpeto de um homem que viveu há pouquíssimo tempo próximo à inanição e que precisava encher suas veias de nutrientes o mais rápido possível ou colapsaria a qualquer instante e nunca mais abriria os olhos. O suor escorria pelo seu rosto, mas o ritmo do maxilar não diminuía. Enchia a boca de tudo que conseguia alcançar e engolia furiosamente em meio a uma respiração pesada, quase doentia. Seus olhos analisavam cada uma das oferendas que se espalhavam em sua frente e decidiam, quase que por conta própria, qual seria o próximo alvo da fúria do glutão. Olhos, mãos e boca pareciam ter cada um uma vontade própria e davam a impressão de funcionar no próprio acorde, selecionando as iguarias que seriam devoradas a seguir.

Depois de um longo tempo de uma comilança sobre-humana, o ritmo da batida de copos e talheres foi diminuindo gradativamente. A protuberância bojuda do Mestre dos Nobres balançava sob a bata, mas ele poderia garantir que teria espaço para muito mais.

O glutão deu um gole generoso direto de um jarro de cerveja e o líquido dourado escorreu pelos cantos de sua boca, que ele limpou com as costas da mão, e respirou fundo o aroma floral muito peculiar que exalava de sua bebida. Bateu bem forte seu caneco improvisado e se virou para o colega conselheiro.

– Bem... – a afirmação precisou lutar seu caminho em meio a um soluço fedorento. – Temos problemas...

O Mestre dos Nobres deu sinais de estar pronto para uma conversa, mas ainda assim ele continuou a comer. Começou a mastigar em um ritmo mais civilizado – ou ao menos um pouco menos animalesco –, mas queria falar de negócios.

– O rei... desconfia... de... você... – as palavras do homem insaciável dividiam espaço com a voracidade de seus dentes, que trituravam

uma pedaço muito gorduroso de costela de porco.

– E como sabe disso? – indagou o anfitrião despreocupado.

– Loran... – as bochechas recheadas com o bolo de comida não ofereceram nenhuma explicação complementar.

Quimir observava atentamente o colega conselheiro se satisfazer, um sorriso presunçoso estampava sua cara. A expressão no rosto do Mestre da Moeda atraiu a atenção do nobre, que decidiu elaborar sua resposta. Ele engoliu, com esforço, um pedaço particularmente grande de carne.

– Loran... – repetiu enquanto enfiava a mão na boca, tentando alcançar um pedaço de carne que ele tinha preso entre os dentes. – Loran diz que o rei desconfia que você possa traí-lo

– Ora, qualquer rei com o mínimo de bom senso desconfiaria de todos ao seu redor e, principalmente, de seus conselheiros – a informação não lhe causou nenhuma surpresa. – Nossa Majestade real está preocupada com a formação do exército e à sombra de uma revolta... uma de verdade dessa vez.

Sorim parecia ter aproveitado a oportunidade para retomar sua missão de extinguir toda a comida do reino.

– Não se preocupe, meu amigo corpulento – disse o anfitrião ao notar a voracidade do companheiro. – Tem muito mais de onde essa veio.

O convidado deu uma gargalhada com a boca cheia e fez chover pedaços de um galeto por todo o lugar.

– Há! Talvez nem toda a comida do mundo seja suficiente para mim, meu amigo – ele ria alto enquanto batia cheio de orgulho na barriga estufada. A toga já tinha manchas de suor e gordura por todo o lado, os sinais da infundável tarefa de comer o mundo. – Eu preciso manter a boa forma, Quimir!

O Mestre da Moeda deu uma risada forçada para se juntar ao companheiro.

– Seu animalzinho tem alguma informação importante a respeito disso? – a pergunta se desenhava despretenhosa por detrás do nariz ganchoso, como sempre tentando manter seu ar de mais completo desinteresse.

– Ele resmungou algo como “Quimir está planejando algo” – respondeu o nobre esfregando o dorso da mão na cara lambuzada mais uma vez. – Loran estava resistente, eu tive que ser mais duro com ele dessa vez.

– Talvez ele não soubesse de nada – ponderou o conselheiro. – Talvez ele tenha inventado qualquer coisa para encerrar a tortura.

– Eu saberia! – retorquiu o comensal rechonchudo indignado, finalmente concedendo uma trégua do ritual hiperfágico. – Eu trabalhei muito bem nele, eu conheço cada detalhe daquela alma, cada pedacinho daquele espírito e, o mais importante, cada traço daquele corpo.

– Para o nosso bem, eu espero que você esteja certo disso – a voz do Mestre da Moeda era grave pela primeira vez. – Eu realmente espero que você esteja certo... Para o seu bem...

Sorim o encarou intensamente, uma coxa de peru escorria gordura por entre seus dedos e pela manga da bata oleosa.

– O que quer dizer com “para o meu bem”? – perguntou indignado.

– O rei parece estar se tornando cada dia mais paranoico, como você com certeza já deve ter notado – disse Quimir, retomando o tom casual. – Ele parece ter contratado algum tipo especial de guarda-costas que o acompanha para onde quer que ele vá.

– Eu notei... – Sorim decidiu encher a boca de comida mais uma vez. – O que sabemos sobre isso?

– Nada... – respondeu o conselheiro frustrado mordendo os lábios. – Absolutamente nada! Ele parece ter surgido do próprio ar. Como um fantasma.

– Como Vallro... – acrescentou o nobre, a boca fazendo chover comida outra vez. – Ele costumava aparecer do nada e ninguém

entendia como ele fazia.

– Ah... Vallro nunca mais vai incomodar a ninguém, ele e Fergus são coisas do passado – Quimir parecia satisfeito consigo mesmo. – Vallro tinha uma habilidade incomum de identificar o momento exato em que todos estavam distraídos. Ah, sim, o homem era um observador nato, tinha olhos para todos os lados, era maravilhoso. Mas essa era sua única habilidade. Fora isso, ele não tinha absolutamente nada de especial, apenas uma incrível capacidade de observação.

– E o novo investigador? Ele parece meio jovem.

– Ah! – exclamou Mestre da Moeda surpreendentemente muito empolgado. – Eu tive um papo descontraído com ele recentemente.

– Ele ainda consegue andar? – indagou o nobre despreocupado.

Quimir gargalhou animadamente.

– Sim! Ele é um jovem muito peculiar. Custou-me dois soldados, mas é realmente um rapaz muito interessante. Ele parece ser o único que tem a confiança do rei. Que irônico, o menos nobre dos servos da Coroa é o que recebe o maior crédito.

– Ele parece precisar receber um pouco de... – Sorim fez uma pausa, um sorriso maquiavélico deformou os traços de seu rosto. – Trabalho...

O Mestre da Moeda sentiu um calafrio que disfarçou como pôde.

– Eu acho que ele serve bem aos próprios interesses, não parece se interessar nem pelo rei nem por poder – o conselheiro tinha certeza de que já havia decifrado completamente o rapaz, e a forma com que dizia tudo aquilo deixava isso muito claro. – O novo investigador parece feliz apenas com uma cama confortável e quantas refeições puder comer. Ter uma origem humilde faz as pessoas terem ambições... limitadas.

O silêncio entre eles se esticou por vários minutos, tempo no qual o Mestre dos Nobres resolveu preencher a quietude com os sons vigorosos de sua mastigação, que ele fazia de boca aberta sem o

menor pudor.

– E o garoto... Aidan? – perguntou Sorim de boca cheia.

– O que tem ele? – Quimir outra vez entediado.

– De que lado ele está?

– O nosso amado patriarca confia completamente nele. Segundo o rei, o ódio que o rapaz nutria pelo antigo governante era a motivação perfeita para lhe oferecer o cargo. Não que lhe tivessem restado muitas escolhas.

– Já sabemos por que ele montou aquele acampamento? – questionou o nobre com um olhar atento.

– Eu tenho minhas suspeitas. Mas ele não tem sido muito aberto com ninguém ultimamente. Se o seu animalzinho de estimação não conseguiu nenhuma informação sobre isso, provavelmente ninguém conseguirá.

– E a figura encapuzada? – perguntou Sorim avidamente jogando de lado um osso roído e cruzando os dedos engordurados na altura dos olhos. – Poderíamos sequestrá-lo.

– Há! – o anfitrião forçou uma risada. – Nós teríamos que sequestrar o rei junto, o dois não se desgrudam, aparentemente nem para dormir.

– Será outro amante?

– Talvez – disse Quimir desviando o olhar do amigo. – Eu não tenho certeza nem se o seu servo é assim tão próximo a ele. As aparências enganam.

Sorim bateu a mão gorda na mesa e se levantou furioso.

– Eu já disse pra não se preocupar com isso! – a voz esganiçada reverberou nas paredes. – Eu trabalhei bem nele!

– Acalme-se... – disse o conselheiro sem qualquer hesitação. – Eu quis dizer que talvez o rei esteja plantando informações erradas no

seu pupilo. Eu confio plenamente no seu julgamento quanto aos jovens que ficam sob sua... proteção. Eu tenho total confiança em suas hábeis mãos.

Quimir apontou para os grossos dedos engordurados do companheiro, que ainda apertavam um pedaço de costela cordeiro. O homem olhou bem para os dedos roliços e tombou na cadeira com uma gargalhada maléfica.

– Então... O que faremos sobre o rei? – perguntou o nobre baixinho.

– Não se preocupe, Vossa Majestade real acha que sabe exatamente o que precisa fazer com a situação...

Capítulo VI

Atos reais

Os conselheiros trocavam olhares em silêncio no salão abafado.

O rei havia criado o irritante hábito de se atrasar, às vezes por horas, em atender aos seus compromissos com o Conselho real e isso irritava profundamente alguns de seus fiéis assessores.

O salão do Conselho era uma sala apertada e de teto baixo. A pedra preta do castelo dava um aspecto extremamente claustrofóbico ao lugar e deixava todos ali muito desconfortáveis. Quase todos, pelo menos. O único que parecia completamente relaxado era Roy, o tempo que havia passado morando nas ruas e becos da cidade o deixou acostumado a praticamente qualquer tipo de situação ou acomodação. Ele se esparramava sobre a cadeira com os pés sobre a mesa.

– Por onde será que anda o rei? – perguntou Aidan com certa impaciência.

– Penteando os cabelos, provavelmente – respondeu Roy sem

levantar a cabeça. O capitão trincou os dentes para conter a risada. – Ele vem ostentando madeixas exuberantes ultimamente, não acham? – continuou o investigador descontraído. Até mesmo Quimir teve que cobrir a boca para disfarçar o riso que se formou no fundo de sua garganta.

O soberano entrou pela porta com todas as pompas da realeza. À sua frente, puxando a fila, dois pares de mucamas jogavam pétalas de rosas pelo caminho – o rei havia decidido em algum momento que seus pés eram nobres demais para tocar o chão gelado do castelo –, as servas cobriam a pedra puída com flores multicoloridas, desde os timbres carmim muito pesados até um salmão suave que parecia iluminar o caminho. A cada passo que o patriarca dava salão adentro, ele preenchia o lugar com uma essência adocicada que impregnava sua pele devido aos muitos banhos diários que ele havia adotado.

Ladeando o soberano, vinha Loran, à sua direita, com olhos orgulhosos e atentos, seus lábios se curvavam de prazer pela posição privilegiada que havia conquistado. À esquerda do rei, uma figura sinistra – que parecia flutuar pelo caminho ao invés de caminhar – estava coberta por completo, da cabeça aos pés, por diversas camadas de vestes pesadas e muito largas de um alaranjado turvo que revoava suavemente a milímetros do chão.

Na retaguarda, a escolta real. A nova guarda de honra era composta de quatro pares de sujeitos muito grandes que acompanhavam atentamente a procissão do imperador. Eles usavam armaduras douradas, demasiadamente reluzentes, mas sem qualquer adorno, e os capacetes tinham espaço apenas para os olhos injetados de cada homem.

O rei caminhou até a sua posição no Conselho – a antiga cadeira fora substituída pelo trono suntuoso que ficava no salão real, a cadeira elevada era feita de um ouro maciço, meio fosco pelo tempo, ornado com o requinte do toque dos melhores joalheiros do reino com diversas pedras preciosas cintilantes – e todos se levantaram. O patriarca fez um gesto complicado com as mãos e sua comitiva saiu pela porta. Ele ostentava muitos anéis em seus dedos, peças graciosas de ouro e prata, todas as joias muito bem adornadas por composições suaves e gemas raras dos mais variados timbres.

Em seus punhos, exibia vistosos braceletes de ouro branco, o metal suave lucilava sua beleza sem embaraço e os lapidados de rubi e safira, que ataviavam a liga, arrematavam as peças à perfeição. Suas vestes eram longas e luxuosas, a seda suave, feita pelas mãos dos tecelões mais qualificados do reino, parecia se moldar ao seu corpo como um fluido exótico sobre a pele, as várias camadas do fino tecido se sobrepunham e diversos tons de magenta e anil – as cores favoritas do rei – e uma longa cauda, que se esparramava por vários metros, completavam o figurino deslumbrante do nobre.

A cabeça do soberano era ornamentada por uma pesada coroa áurea, de natureza intensa. A nova composição, de um desenho deslumbrante, carregava um enorme diamante que parecia ter sido esculpido por dedos mágicos e, ao redor da pedra gigantesca, diversas safiras e esmeraldas se revezavam no espaço entre pequenas ametistas que bordavam toda a peça fabulosa. Os cabelos, agora longos, escorriam suavemente pelo pescoço e por cima dos ombros, com muitos cachos dourados, quase brancos, para todos os lados – muito bem delineados. E no rosto ele carregava o olhar de um rei.

O patriarca abriu os braços, ajeitando a veste suave, e se sentou pomposamente.

– Sentem-se! – proclamou depois de um longo tempo.

Todos acataram a ordem encarando a mesa, como que com receio de olhar diretamente ao rei.

– Meu Senhor... – começou Mestre da Moeda cauteloso.

O senhoril o encarou por um longo tempo com um sorriso pretencioso no rosto.

– Sim?! – a resposta desinteressada veio com um enorme atraso.

O nariz volumoso se contorceu enquanto seu portador limpava a garganta para continuar.

– O Senhor acha prudente ter um estranho na reunião do Conselho?
– Quimir voltou os olhos para a figura encapuzada e fez um gesto

com a cabeça. – Nós... Os conselheiros não sabem nada sobre esse homem.

– Mas eu sei! – um suspiro zombeteiro se misturou à explicação. – E isso basta.

– Mas, Meu Senhor...

O patriarca levantou a mão e seu conselheiro interrompeu o argumento.

– O próximo – disse imperador depois de um longo tempo olhando entediado para os membros da mesa.

– Vossa Majestade... – começou o Mestre dos Nobres. Ele fez uma pausa e limpou a garganta, desconfortável. – Nós estamos tendo problemas com os estoques.

O rei se virou para o seu novo conselheiro pessoal.

– Loran, estamos tendo alguma escassez de comida? – a indagação se desenhcou nos lábios com apatia no timbre de voz.

– Não, Alteza! – respondeu o rapaz no mesmo tom, lançando um olhar debochado para Quimir. – O castelo está perfeitamente abastecido.

– Mas o povo está faminto! – insistiu Sorim encarando o garoto com olhos injetados.

– Ah, não me diga que agora você se preocupa com os plebeus, Sorim – intercedeu o soberano simulando um bocejo. – Isso é tão sentimental de sua parte.

O conselheiro virou olhos irados para o seu aconselhado.

– Deseja dizer mais alguma coisa, Mestre dos Nobres? – questionou Loran desdenhoso.

– O próximo! – o governante levantou uma mão e olhou em volta.

– A cobrança dos novos impostos está acontecendo conforme o

planejado, Meu Senhor – disse o Mestre da Moeda orgulhoso.

– Claro. Enquanto a Coroa cobra mais impostos, o povo morre de fome – disparou o representante dos nobres de atravessado.

– Se você está tão preocupado com os esses saloios boçais, por que não divide sua própria comida com eles, meu caro? – questionou Quimir preguiçosamente.

– Por que eu tenho que dividir minha comida? – Sorim respirava pesado por entre os dentes apertados. – É só a Coroa parar de extorquir nossas terras! Vamos acabar com uma revolta nas mãos.

O rei observava o embate de seus assessores com olhos entretidos, apreciando profundamente as desavenças entre eles.

– Teremos uma revolta porque você e os outros nobres não conseguem parar de aumentar seus luxos sem necessidade – insistiu o Mestre da Moeda.

– Essa história de revolta é uma bobagem sem tamanho – interveio Aidan. O capitão não se preocupou em levantar a cabeça.

– Mas não é verdade que o novo acampamento do rei está sendo atacado frequentemente?! – esbravejou Sorim irritado. – Quantas dezenas de ataques já sofremos? Quantas toneladas de mantimentos eles já destruíram?

– Isso nada tem a ver com os impostos – respondeu Roy. – Não são os camponeses que estão por trás disso.

– E como você sabe, seu moleque arrogante?! – o nobre ficava mais nervoso a cada instante. – Você por acaso se tornou algum tipo de vidente ou profeta? Você não sabe o que diz! O povo está na miséria e passando fome, é claro que fariam esse tipo de ataque!

– Eu não seria um bom investigador se não soubesse dessas coisas, não é mesmo, Senhor dos nobres?

Sorim encarava o ladino com olhos furiosos, as bochechas balançavam enquanto seus dentes tremiam de ódio.

– E quem está por trás disso, caro investigador? – perguntou Quimir se inclinando sobre a mesa

– Um velho partidário do antigo rei... Alma – respondeu Aidan.

– Com a ajuda de alguns suseranos, ao que parece – completou Roy.

Todos os olhos se voltaram para o representante dos nobres.

– Vo-Vossa Graça – disse o homem gaguejando, seu rosto escorria o suor viscoso de sempre. – Eu... eu não sei nada sobre isso... eu... eu juro.

O imperador o encarou intensamente por um longo período, criando uma tensão densa no ar. O olhar vicioso do soberano penetrava fundo a carne gorda do homem.

– Ma... Majestade... e... eu... – tentou novamente.

– Relaxe, meu caro amigo – sugeriu o governante. – Eu sei que estamos enfrentando alguns... focos de resistência.

O soberano se virou para o capitão da Guarda Real.

– Fale-me sobre a faca cravada na árvore – ele parecia muito interessado no assunto.

Os olhos de Aidan se arregalaram por um instante.

– Não foi nada, Majestade – o capitão tentou disfarçar como podia o impacto que aquele questionamento lhe causara. *Como teria o rei descoberto sobre a adaga?*

– É mesmo? Aquilo me apareceu uma ameaça – o soberano simulava grande preocupação com as unhas entre os dentes.

– É uma ameaça vazia, Majestade – o decoro na voz oferecia garantias. – Ninguém pode penetrar nossas defesas.

– Será que não pode? – questionou o governante curioso enquanto encarava Quimir.

O Mestre da Moeda olhou fundo nos olhos do rei e depois se virou para o investigador sem entregar nada em sua expressão.

– Sabemos quais nobres estão envolvidos nos ataques? – perguntou Quimir.

Roy coçou o queixo e analisou os olhos preocupados de Sorim por alguns instantes.

– O de sempre, alguns que lutaram ao lado de Fergus ou Arw... – O rei socou a mesa com todas as forças pela menção aos nomes. – Desculpe-me, Majestade – continuou o rapaz dando de ombros.

O fidalgo relaxou e ajeitou as mangas de seda suave.

– Mais alguma coisa? – indagou ele, levando a mão mais uma vez à boca e simulando um bocejo muito exagerado.

– Meu Senhor?! – Quimir hesitou por um segundo – Nós... os conselheiros, estávamos nos perguntando... Por que o senhor criou aquele acampamento?

As palavras pareciam balançar no ar enquanto eles aguardavam a resposta do patriarca.

– Eu queria estar mais próximo de meu povo – respondeu o rei finalmente. – Não é isso que os bons reis fazem? – Ele ostentava um sorriso largo no rosto. – Vocês mesmos disseram que o povo estava passando fome, então eu os estou trazendo para perto de mim e lhes dando de comer. Eu estou colocando todos os meus súditos e vassalos sob meus cuidados. Eu os colocarei debaixo de minhas asas e cuidarei deles com todo o amor e carinho que meu povo merece. E, como disse, é isso que os bons governantes fazem, zelum por seu povo.

Os conselheiros trocaram olhares.

– Por hoje é só? – indagou o soberano uma vez mais.

Antes que qualquer um dos conselheiros pudesse responder, o rei se levantou, fez um gesto para Loran e o rapaz correu até a porta. O jovem conselheiro convocou as mucamas floristas que entraram

apressadamente. Com seu tapete de rosas se estendendo sob seus pés, o soberano se levantou e saiu pomposamente pelo caminho colorido.



Os novos aposentos do rei o deixavam muito mais satisfeito que o antigo calabouço em que costumava viver. Ele não conseguia deixar de admirar o bom gosto dos portais que seu irmão havia projetado para substituir as janelas quando era o residente daquela torre.

O imperador havia se mudado para o quarto que um dia havia sido a moradia de outro rei, seu irmão mais novo, Arwin. O lugar, que já era muito bonito e bem decorado, agora parecia definitivamente uma galeria de arte. Apetrechos magníficos, de todos os cantos de Galabor, ornamentavam todos os espaços disponíveis sobre paredão de penedo negro.

O novo morador daquela residência havia transportado todas as peças de sua antiga morada para lá. As várias tapeçarias que se espalhavam pelas paredes carregavam as histórias de glória do rei. Elas ilustravam à perfeição as muitas faces do patriarca. Os rostos perfeitos em corpos bem torneados – alguns carregando certo exagero nos traços bem delineados – se esparramavam no espaço. Os grés porcelânicos que carregavam os espólios do rei estavam por todo o lugar. Pendurado na parede, ao lado da cama, um vistoso quadro que estampava o rosto de um belo rapaz debruçado sobre um elegante divã de cores quentes – um jovem que portava o mesmo rosto daquele que agora se esparramava pelo ninho do fidalgo –; do outro lado do leito, enfileirados lado a lado, os bustos dos antigos reis, suas coroas ornamentadas com ouro brilhoso sobre as cabeças de pedra. Na outra extremidade do quarto, uma enorme estátua, que quase tocava o teto, exuberava todo esplendor do patriarca montado às avessas em um enorme corcel de batalha, seu arco empunho e a confiança flamejante no olhar instantes antes de um disparo certeiro.

– Eles parecem nervosos – riu Loran alegremente. – Os conselheiros... Eles parecem estar perdendo completamente o nervo.

– Parecem! Mas eu não posso me dar ao luxo de relaxar agora. Preciso mantê-los tão incomodados e nervosos quanto possível.

Parado ao lado dos deslumbrantes portais, o rei analisava o contorno longínquo do cenário e contemplava toda a extensão de seu magnífico reino.

– Quando vai dizer para eles? – continuou o jovem conselheiro casualmente. O clima entre os dois era leve. – Sobre seus planos para os plebeus, eu digo.

– Ah! Em breve – suspirou o patriarca. – Não há pressa, muitos ainda estão chegando. E muitos mais virão, eu tenho certeza. Ainda precisamos resolver alguns detalhes. Não podemos continuar perdendo suprimentos assim.

– E o que você fará a respeito? – o garoto se virou de bruços para encarar seu príncipe de frente.

– Eles querem o antigo rei de volta – o discurso se desenhava no ar tranquilamente, sem qualquer pressa. Ele apreciava as longas conversas que tinha com seu conselheiro pessoal. – Para acabar com essas farras, eu precisaria enviar a eles uma mensagem que acabasse com suas esperanças de tê-lo novamente algum dia.

– Você vai matá-lo? – indagou o rapaz cheio de curiosidade no peito.

– Talvez! – o fidalgo alegremente ofereceu um sorriso pueril ao companheiro. – O caminho mais curto definitivamente seria matá-lo e exibir seu corpo em um espigão bem alto. De preferência, um espigão para cada um dos membros e outro ainda mais alto para a cabeça. Mas a chance de isso transformá-lo em um mártir seria grande demais para arriscar. Isso poderia encorajar algum tipo de união entre nobres e plebeus... e até mesmo entre eles e aquelas bestas asquerosas. Não... A essa altura, o caminho ideal é mostrar a todos não o que eu posso fazer com o seu corpo, mas o que eu posso fazer com seu espírito. Um corpo dilacerado pode inspirar, mas espíritos partidos jamais serão inspiração para contos de glória.

Loran admirou a palestra do rei em silêncio, agarrando-se à cada

palavra.

– Você acha que um dia ele vai se recuperar? – a pergunta tinha uma preocupação legítima, ele se importava tanto com seu príncipe.

O patriarca se virou, andou até o rapaz e tocou-lhe o rosto afetivamente.

– Eu acho que o único neste mundo que seria capaz de resistir a algo como aquilo seria você, meu querido – o sussurro do rei o fez estremecer, ele ruborizou profundamente e abaixou a cabeça. O senhoril segurou seu queixo com um aperto firme e levantou o olhar do companheiro. – Você, meu querido, é provavelmente a pessoa mais forte em toda a Galabor – ele se inclinou lentamente e tocou a testa do rapaz com seus lábios quentes. – Só você tem a força para suportar as dores deste e do outro mundo.

Loran olhou fundo nos olhos de seu príncipe e sorriu. O patriarca sorriu de volta e se afastou lentamente.

– Então, o que nosso amigo Sorim tem a dizer? – questionou o soberano dando as costas para o rapaz. – Descobriu algo em sua visitinha?

O companheiro podia notar a mudança no tom de voz que o inquiria.

– Não... – ele sussurrou, simplesmente.

– Não?! – retorquiu o imperador. – Só isso? Não?!

– Você sabe que eu não gosto de falar sobre essas coisas... – a voz do garoto o traiu por um segundo.

O soberano se virou para seu conselheiro pessoal mais uma vez. Ele se aproximou lentamente e se ajoelhou na frente do rapaz, encarando-o no fundo dos olhos. A expressão terna o convidava a falar.

– Você tem que tentar... – sussurrou o patriarca. – É pelo bem do reino. Pelo meu bem... Pelo *nosso* bem.

– Finn... – suspirou o garoto com olhos marejados tentando controlar a voz que se estrangulava para sair. – Por favor... – O soberano se mexeu com uma velocidade assustadora e agarrou os dois braços do rapaz em um aperto muito firme. – Ai! Você está me machucando – exclamou o vassalo de sobressalto. – Finn, por favor. Você está me machucando. Por favor.

– Eu sei que você aguenta muito mais que isso, sua putinha – rosnou o imperador. – Vamos! Me dê alguma coisa. Alguma coisa que eu possa usar!

– Finn... por favor... – as lágrimas corriam pelas bochechas coradas do rapaz. – O aperto era cada vez mais firme, os dedos marcavam a pele pálida de Loran, que gemia suavemente sob as pregas em seus braços. O soberano se levantou abruptamente, empurrando-o com força contra a cama. Com os dois braços prensados contra o tecido gracioso, o petiz não conseguia se mexer e tremia timidamente em seus ossos. – Por favor... – choramingava o servo aos sussurros.

O soberano se inclinou sobre ele, aproximando-se lentamente, e roçou o nariz carinhosamente na lateral de sua cabeça, contornando todo o desenho da orelha do rapaz.

– Shh! Shh! Passou... Está tudo bem... Ele não pode te machucar... Conte-me o que ele disse... – o rei soprava aquelas palavras cuidadosamente no ouvido de Loran.

– Ele queria saber dos seus planos! – berrou o rapaz soluçante, que perdeu as forças e tudo que restou em seu peito foi um sussurro com ares de clemência. – Por favor... Finn...

O imperador empurrou com força os braços de Loran contra a cama, levantou-se de forma brusca e andou até o portal que já pintava tons alaranjados do lado de fora. O garoto chorava em silêncio tentando conter as lágrimas.

Capítulo VII

De corpo e alma

As paredes úmidas e geladas do calabouço não davam pistas da estação.

A pedra preta já assumia um tom acinzentado onde o corpo do prisioneiro descansava. O desgaste da pele refletia na rocha ancestral e o chão duro lhe trazia a lembrança de seu fracasso monumental.

Os pensamentos turvos se misturavam às sombras desesperadoras que atormentavam sua mente. Os dedos roídos denunciavam o anseio pelo fim, as unhas destruídas pela compulsão insana, gravada nas paredes de sua nova morada, contavam por si só a história de sua tragédia.

Seu companheiro de cela, que ainda jazia ali ao seu lado, era a recordação constante de seu fracasso. Os restos mortais de Vallro, o antigo investigador, ainda estavam acorrentados à parede, os ossos completamente roídos pelos ratos e a carne pútrida há muito banqueteadada – o encarcerado não sabia dizer há quanto tempo – pelos vermes da existência. O clangor metálico dos grilhões pesados que o prendiam na parede e feriam seus punhos era como um bater de sinos que ressoavam sua queda a cada curto movimento do corpo enfraquecido.

A mente deteriorada entrava e saía de foco mil vezes, um átimo de cada vez. Ele podia ver as imagens do malogro que o afligia. Tão claro como a própria vida passando diante de seus olhos, ele via os rostos de todos aqueles a quem amava.

Vallro...

Fergus...

Alma...

Seu filho...

Rhaella...

Finn...

– FINN! – o lamento doloroso, que enchia os corredores da prisão em espaços regulares, era perturbador a todos que o ouviam.

O prisioneiro já não tinha mais certeza de quem ele era – ou o que. Perdeu-se na loucura do próprio pensamento e tentava, com toda as forças, romper o ciclo desarranjado que esstraçalhava sua mente. As feridas meio apodrecidas que se espalhavam pelas paredes de seu crânio denunciavam a mania incontrolável que lentamente se apossava de cada fibra de seu corpo. Marcas da insanidade que tomava o seu ser.

Ele ansiava pelo fim.

As muitas eras que ele passou, perdido, vagando dentro da própria mente transformaram seu corpo e destruíram sua alma.

Antes um rei.

Poderoso.

Formidável.

Agora um tolo. Um prisioneiro ordinário, abandonado ao escárnio.

No rosto esquelético, uma barba suja de sangue havia sido arrancada em vários lugares. O cabelo ralo, que caía aos chumaços devido à desnutrição ou arrancados pelo próprio condenado, contribuía para evidenciar a ruína do Rei dos reis.

O encarcerado passava a maior parte do tempo acorrentado – uma mordaga de madeira lhe separava os dentes da boca – e ele era vigiado dia e noite. Não que, a essa altura, ele apresentasse algum risco de fuga ou perigo aos seus captores. Não, aquelas amarras eram para que ele não ferisse a si mesmo. O rei o privava do direito de encerrar o próprio sofrimento. O prisioneiro teria o fim que o soberano desejasse, só ele comandaria seu destino. O cativo era constantemente forçado a se alimentar para que não morresse de fome. Os guardas o faziam comer e depois o espancavam até o limite da consciência para que não pudesse regurgitar a tempo as poucas matérias de existência que encheriam suas veias.

O rei comandaria seu destino!

A rotina perturbadora de torturas e maus tratos parecia não findar. O prisioneiro sentia que aquele tormento nunca terminaria e mais de uma vez ele rogou pela morte, mais de uma vez suplicou pelo fim, mais de uma vez implorou por misericórdia.

Um guarda se aproximou das grades da cela. O tintilar da argola, que carregava muitas chaves e fez seu corpo estremecer, anunciava outra visita ao rei. Convulsões epiléticas tomavam conta de seu corpo cada vez que seus grilhões eram desatados. Tentava com todas as forças partir dali, ganhar fuga, mas o corpo debilitado se debatia tristemente contra o chão gelado, como um enfermo espasmódico se agarrando desesperadamente a seus últimos instantes na existência. O vômito fétido do suco gástrico que quase nada digerira enchia sua boca e jorrava pelo nariz, espremendo sua garganta e, enquanto ele engasgava, seus pulmões queimavam. Sentia as veias no pescoço se espremerem por entre as fibras dos músculos enfraquecidos, como se fossem se romper a qualquer momento.

Ele torcia para que se rompessem. Ele ansiava pelo fim. O fim seria sua salvação.

– Por favor... – implorava o prisioneiro por entre os vãos de sua mordada.

– Finn...

– FINN! – o grito abafado que ele tentava com a boca semiaberta enchia o lugar.

– Calma, Vossa Graça! – ironizou um dos guardas enquanto se abaixava para erguer o cativo decrépito. – Vossa Majestade já vai ver o seu irmão.

Com os olhos arregalados quase abandonando as órbitas, ele se arrastou no chão e pressionou o corpo contra a parede, apertando o rosto na rocha como se tentasse atravessar a pedra sólida. As marcas de sangue se acumulavam enquanto ele cavava sua fuga com as próprias unhas.

Os carcereiros o levantaram pelos braços.

– Não... por favor... – gemia.

Eles o arrastaram para fora.

– Por favor ... – o mantra se repetia e reverberava junto ao bater das botas pesadas dos soldados. Choramingava a clemência em ciclos infinitos.

As pernas atrofiadas eram arrastadas pelo chão sem qualquer delicadeza. O passeio corriqueiro sempre o levava ao mesmo lugar. Caminharam por algum tempo pelos longos corredores escuros, passaram por mais um arco grande e entraram em um quarto bem iluminado. Os guardas o acorrentaram pelos pés e pelas mãos contra a parede e o prisioneiro desabou, ficando dependurado por suas amarras como um fantoche velho.

– Céus, Arwin! Você está tão pálido! – disse o rei fazendo um gesto para os soldados, que se viraram e saíram, deixando para trás o baque suave da porta pesada que fechara atrás deles. – Você não está se alimentando direito, irmãozinho?

As paredes brancas, muito lisas, faziam o lugar parecer tão iluminado quanto o próprio sol. Uma dor aguda preenchia todas as partes do crânio do cativo e ele não conseguia manter seus olhos abertos.

– Como tem passado? – perguntou gentilmente o patriarca. – Eles estão tratando você bem lá embaixo? Espero que sim, ou eu vou ter que ter uma conversinha com os guardas. Afinal, eu preciso garantir que meu irmãozinho esteja sendo muito bem cuidado e com bastante saúde, não é mesmo?

Naquela luz, o tom acinzentado que a pele havia se tornado ficava mais evidente. A carne seca, muito colada nos ossos, dava ao prisioneiro um aspecto fantasmagórico. As muitas feridas espalhadas pelo rosto e o sangue seco em sua barba lhe conferiam uma aparência sobrenatural. Os trapos velhos e encardidos o transformavam em um boneco de pano de costuras pobres.

– Vamos, meu querido. Abra os olhos – o senhoril passeou tranquilamente até seu irmão e lhe fez uma carícia na bochecha

minguada. – Por favor... Abra os olhos...

Ele encarou o cativo com ternura por mais um par de segundos e respirou fundo.

– Abra os olhos! – berrou apertando o rosto do irmão.

O imperador se virou e caminhou passos pesados até uma mesinha no canto. Sobre o móvel, diversos instrumentos metálicos refletiam a luz e ajudavam a exacerbar a imensidão luminosa. Por toda sua extensão, espalhavam-se os mais variados apetrechos. Ganchos, lâminas, agulhas, alicates, tesouras. Instrumentos de corte muito afiados. Instrumentos de tortura. Instrumentos de diversão para o rei. Uma herança saborosa de sua longa linhagem.

O soberano agarrou uma longa fivela de couro de duas pontas com dois ganchinhos nas extremidades e se virou para seu irmão. Atravessou o lugar apressadamente até o prisioneiro e esticou mais uma vez a mão para o seu rosto. Ele prendeu os ganchos nas pálpebras do cativo e puxou com força, para cima e para trás, atando as fivelas na nuca do cativo e o obrigando a ficar de olhos bem abertos.

Os olhos do rei caído lacrimejavam.

– Sabe, eu tenho sentido a sua falta, irmãozinho – o fidalgo voltou a passear tranquilamente pelo quartinho resplandecente. – Eu tenho pensado muito em você. Eu tenho muitos planos para você, muitos, muitos. E eu acho que você vai adorar. Eu sei que você espera por isso há muito tempo. Sei que vai ficar feliz, muito feliz. Sim. Sim.

Ele se sentou no banquinho que usava para pintar corriqueiramente e se virou para encarar uma tela de pintura.

– Eu acho que, em breve, teremos que nos despedir – o ritual de tagarelice continuava despreocupadamente. – Alguns de seus antigos amigos estão criando problemas de novo. Acredita nisso? Esses desordeiros malcriados. Dá para acreditar que eles eram seus companheiros no exército? Eu sempre achei que os soldados eram muito bem educados. Não imaginei que agiriam com tanta falta de modos, com tanta deselegância. Francamente. Francamente!

Um riso jocoso tomou forma no rosto do patriarca.

– Oh! Eu quase me esqueci! Parece que viram Alma recentemente – disse muito animado. – Não é extraordinário? Depois de todo esse tempo, aquele fanfarrão aparece assim, do nada. Muito curioso, não acha? É típico do Alma essas entradas, não é mesmo?

O prisioneiro não demonstrava qualquer traço de sua presença naquela conversa. O corpo jazia inerte na mesma posição em que tinha desabado. Apenas os olhos esbugalhados lacrimejavam profusamente.

– Conte-me! – disse o rei se virando no banquinho. – Por que a mordança dessa vez? Vamos lá, conte-me, não seja assim.

O patriarca esperou pacientemente e balançava a cabeça para frente e para trás, como se recebesse uma resposta muito bem elaborada.

– Oh! Não! Você tentou comer a língua de novo? – ele exclamou meio espantado. – Mas eles conseguiram remendar?

– Bom... bom... – continuou entusiasmadamente. – Não vamos fazer isso novamente, não é mesmo? Não, não, não. Você precisa se cuidar. Eu preciso de você com saúde. Eu não quero que nada de ruim lhe aconteça, maninho.

Ele retornou sua atenção para a tela mais uma vez e a analisou com olhos atentos. Agarrou um pincel e o fez passear alegremente, em movimento rápidos, por todo o esquadro.

– Eu estou quase terminando, você vai amar – a excitação desmedida aparecia pontuada no ofegar das palavras. – É um dos meus melhores trabalhos. É sim! Eu estava tão inspirado quando pensei nele. É uma criação fabulosa. Você vai amar. Vai sim!

O cativo encarava a claridão infinita com olhos vazios. A dor se apossava do seu corpo e lhe nublava a mente. A cabeça latejava como uma batida violenta de uma fanfarra bem afinada.

O rei se levantou e deu vários passos para longe da tela, observando com cuidado toda a extensão de sua obra.

– Sem dúvida é um dos meus melhores, não acha? – indagou. – Você não acha, Arwin? Arwin?

Ele se virou surpreso.

– Oh! Haha! Que burro... É mesmo, as correntes – o senhoril correu para apanhar a tela da pintura. – Não se preocupe, maninho, eu vou lhe mostrar. Não se preocupe. Só mais um minutinho.

Ele retirou a tela do cavalete e caminhou passos pesados até seu irmão.

– Olhe, Arwin! Olhe! – um sorriso pueril estampava sua cara, ele dava risadinhas descontroladas. – Olhe, Arwin! Veja! Veja! É a sua família, Arwin!

Os olhos esperançosos se moveram involuntariamente.

– Não! – ele chorou baixinho. Tentou fechar os olhos, mas suas pálpebras sangraram. O corpo descontrolado se mexia convulsivamente enquanto ele tentava desviar o rosto. Mas ele não tinha forças.

– Não... – choramingava o prisioneiro enquanto as lágrimas se misturavam com sangue e baba.

Diante de seus olhos, pintado em cores vivas, havia um esboço fiel de seus pensamentos mais obscuros. Os tons escarlate que tomavam a tela por todos os lados exibiam com riqueza de detalhes a cabeça decepada de um lindo bebê de olhos esmeralda sobre uma cintilante bandeja de prata. Ao fundo, adornando a paisagem, duas cruzes se esticavam pela cena. Em uma delas, os traços claros de um lindo vestido amarelo que ele lembrava um dia ter amado e, na outra, uma armadura grande e imponente, que ele recordava com reverência nos confins de sua mente.

– Você não gostou? – sussurrou o patriarca. – Olhe para mim, Arwin! Você não gostou da pintura? É sua família, Arwin. Estão todos aí. Bem, não todos, eu não conseguia fazer Vallro combinar com esses tons maravilhosos de púrpura. É uma pena. Eu vou tentar pensar em outra concepção, vou sim. É uma pena que você talvez

não esteja aqui para ver minha próxima criação, irmãozinho.

O soberano fez um movimento furioso e atirou o quadro para longe, fazendo a tela se espatifar contra a parede e ficar em pedaços. Ergueu os braços e agarrou o rosto de Arwin com força. Os dedos impressos contra a pele.

– Eu vou sentir sua falta – declarou o imperador em um suspiro olhando no fundo dos olhos do prisioneiro. – Adeus, meu irmão!

Os lábios carnudos se espremeram contra os cadavéricos e o rei partiu.

Capítulo VIII

Planos sobre planos

A manhã de céu límpido anunciava mais um dia perfeito.

A brisa quente e úmida de verão enchia os pulmões de Aidan enquanto ele caminhava pelo labirinto formidável de tendas do acampamento. Soldados sonolentos andavam passos indispostos, dando início aos afazeres matinais no quartel improvisado. Os galos ainda anunciavam a chegada no novo dia e as marcas da corrente aquosa do dia anterior persistiam no cenário. Mas o clima era agradável e tranquilo entre o batalhão.

A aparelhagem de guerra que o jovem capitão costumava vestir havia recebido um momento de folga, o rapaz andava folgado em suas botas de couro. O camisão de tecido leve escorria pelo corpo atlético e as calças de couro velho se acomodavam confortavelmente em suas pernas.

A algazarra festiva dos pássaros enchia seus ouvidos em algum lugar distante no céu e o sol iluminava o acampamento timidamente. O capitão parava aqui e ali para ajudar um ou outro soldado com alguma tarefa complicada. Remontar uma barraca que

a ventania havia derrubado na noite anterior. Ajudar um outro velhote a desatolar uma carroça. Dar dicas de como empulhar uma espada, o jeito certo de atacar o adversário sem atingir seu aliado de fileira.

Ele se orgulhava do seu papel como líder e regozijava a ascensão meteórica, mas, quanto mais o tempo passava, mais o peso de suas decisões se acumulava sobre suas costas. A vida e a morte de seus comandados dependiam diretamente do seu julgamento e aquilo o fazia sentir-se espremido.

Aidan andou sua longa caminhada em passos preguiçosos, atravessou o campo enlameado e partiu para fora do acampamento. Seguiu para longe, pela vastidão verdejante que se estendia à sua frente, para longe no horizonte. As colinas de gramado esvoaçante iam até aonde a vista alcançava, o vento forte do campo aberto enchia seus ouvidos de um uivo agudo e, mesmo assim, ele caminhou.

O jovem capitão se refugiou do vento na sombra de uma velha figueira solitária. Sentou-se em uma raiz grossa e alta, praticamente projetada como um assento natural e olhou à sua volta, analisando o cenário mais uma vez e respirando fundo o vento quente que enchia seus pulmões. Com o rosto voltado aos céus, perguntou sem que suas palavras carregassem nenhuma direção específica.

– E então? Quais são os planos para hoje? – os lábios pouco se partiram e as palavras saíram espremidas, quase incompreensíveis.

– Parece que teremos um grande evento no dia de hoje – respondeu a voz de Roy.

O jovem investigador se misturava com perfeição aos galhos da gigante amadeirada, sua camuflagem tinha a cor exata da casca grossa. Estava sentado em um tronco espesso, encostado na madeira de pernas cruzadas.

– De que tipo? – perguntou o capitão ainda com os lábios apertados.

– Uma cabeça a menos para coroar – disse o ladino simplesmente.

Aidan observou as redondezas por um longo tempo. A ventania intensa do campo aberto espremia seus ouvidos. Seus olhos mais de uma vez lhe pregaram peças e ele podia quase ter certeza de que havia enxergado movimentos ao longe. Ele se mexia ansioso no selim improvisado cada vez que seus olhos lhe faziam ver corpos por cima das colinas glaucas.

– E a que passo andam os preparativos para um evento tão importante? – perguntou o comandante finalmente.

O ladino não respondeu e a ansiedade crescia dentro do jovem capitão.

– Roy?! – sussurrou.

– Oh, desculpe-me, eu acho que cochilei – respondeu o rapaz sarcasticamente.

– Não é hora de palhaçadas! – berrou o capitão esquecendo completamente a noção de cautela que havia expressado até o momento.

– Estamos sensíveis hoje, não é mesmo? – continuou o investigador debochado.

Aidan não conseguiu conter o sorriso que se desenhou em seus lábios.

– Você é mesmo um idiota – declarou o comandante ao amigo.

– E você se preocupa demais – Roy estava tranquilo como sempre. – Tudo vai sair conforme o planejado.

– Você fez o que eu sugeri? – indagou Aidan ansioso.

– Custosamente... – o ladino suspirou pesadamente. – Mas, sim, tudo está saindo conforme havíamos planejado, a cabeça dele será sua. Demorou bastante tempo para convencê-lo de que o golpe de espada deveria ser seu. Aparentemente, ele queria cortar a garganta pessoalmente, mas eu o convenci de que não seria o trabalho de um rei sujar as mãos com tal abominação. E mais toda aquela ladainha que você já sabe. Mas foi realmente complicado.

O rosto do capitão da Guarda Real formou um sorriso malicioso.

– Finalmente! – a declaração foi mais para si mesmo.

– Eu estou um pouco decepcionado, pra ser sincero – Roy continuou. – Eu esperava que ele fosse pregar mais corpos pela cidade. Talvez a mensagem que ele tenta passar seria muito mais poderosa do que com esse teatrinho.

– Os planos do rei são... bem elaborados... por assim dizer – respondeu Aidan com seriedade.

– O que quer dizer?

O amigo não respondeu. Sua mente vagava pelos campos floridos, o vento quente acariciava seu rosto e, de olhos fechados, ele podia sentir o calor do sol invadindo todos os espaços à sua volta.

– Oi?! – gritou o investigador se mexendo pela primeira vez.

– O que? – respondeu Aidan preguiçosamente.

– O que você quer dizer com plano bem elaborado? – questionou mais uma vez o amigo.

O capitão respirou fundo, o suspiro pesado era o anúncio de um assunto minimamente delicado.

– O nosso querido rei... é um homem de atitudes muito... pragmáticas – as palavras eram escolhidas com muita cautela. – Ele é um homem que pensa em cada detalhe de suas ações... Em cada um dos mínimos detalhes. Elas são pesadas, medidas e analisadas friamente e à perfeição. Ele pondera uma coisa de cada vez antes de decidir seu próximo passo. Uma atenção e cuidado nos mínimos detalhes que ninguém nunca será capaz de se equiparar.

– Ninguém consegue pensar em absolutamente todos os detalhes – interrompeu Roy. – Por mais que ele tente, alguém sempre sabe mais. Ou pelo menos sabe de algo que ele não saiba.

Aidan ignorou o amigo e continuou a falar sobre as artimanhas do imperador.

– Ele precisar criar o clima certo para que seus planos sejam bem-sucedidos e, para isso, precisa mostrar ao povo algo de que eles nunca se esqueçam. Algo que fique gravado em sua memória. Uma coisa poderosa o suficiente que os faça ver a situação sob outra... ótica.

– De que planos estamos falando? – insistiu o ladino.

– Ele pretende passar alguma mensagem. Eu ainda não sei ao certo qual, mas provavelmente tem a ver com o exército que ele está formando.

– Com o exército? – Roy ficava mais confuso a cada segundo. – O que ele pretende fazer com o exército?

– Isso eu ainda não consigo dizer com certeza – Aidan encostou-se no tronco da figueira e relaxou pela primeira vez. – Mas, provavelmente, essa cerimônia... esse teatro deve ter algo a ver com isso.

– Um exército de esfomeados não me parece muito ameaçador – dispensou o gatuno.

– Qualquer exército é perigoso. Ainda mais um do tamanho que este está tomando. Um exército gigantesco não precisa necessariamente de soldados poderosos, muito bem treinados na arte da guerra e perfeitamente alinhados, com a sinergia de um corpo só. Não! Um exército grande o bastante só precisa engolir seus inimigos em uma avalanche de corpos. E é exatamente isso que este exército está se tornando. Mais e mais corpos chegam dia após dia. Franzinos e esqueléticos atrás da comida oferecida pela Coroa. No momento, ter o que comer é a única coisa que os interessa e o rei precisa dar a eles motivações maiores do que essa.

– E existe algo pior que morrer de fome?

– Sempre existe algo pior, meu caro amigo.

– É meio perigoso oferecer tão pouco para um povo que ainda se revolta em favor do antigo rei... alguns, pelo menos.

Aidan suspirou e levou um longo tempo para decidir as suas

próximas palavras.

– Isso é tudo parte do plano – declarou simplesmente.

– Matar o povo de fome? – questionou o ladino confuso.

– Fazer o povo tê-lo como única esperança... única saída para essa crise que ele mesmo criou.

– Mas o que o festim de hoje tem a ver com tudo isso? – Roy não conseguia deixar de pensar como as ações do patriarca pareciam completamente desconexas.

– O rei quer dar ao povo uma demonstração do que acontece com aqueles que se opõem a ele – explicou Aidan. – Ele vai mostrar que realmente existe algo pior do que morrer de fome.

– Com uma execução?!

– Mas, acima de tudo, ele quer mostrar que não há esperanças, que não há um salvador – continuou o capitão, ignorando a pergunta do amigo. – Ele quer mostrar a todos o que Arwin se tornou.

– E a que propósito isso serviria? – o ladino não conseguia se conter. A cada pergunta respondida, outra tomava o seu lugar.

– Francamente, às vezes eu me pergunto como você sobreviveu tanto tempo nas ruas – respondeu Aidan irritado.

Roy virou a cabeça e encarou o amigo com olhos espantados por um longo tempo antes de desatar em pesadas gargalhadas.

– Eu tive sorte – disse ele finalmente ainda em meio às risadas.

– Sorte... – respondeu o amigo de infância sarcasticamente.

– E um pouco de ajuda também.

– UM POUCO?! Há! – vociferou Aidan com uma risada forçada.

– Um tanto... Mas, enfim, não vai cobrar antigos favores agora, não é?

– Não... Eu só acho que você deveria ser mais grato a quem lhe protegeu tanto.

– Não foram tantas vezes assim... – dispensou o rapaz.

Aidan olhou para o amigo pela primeira vez, abandonando de vez a discrição que eles haviam adotado até aquele momento. Roy escondeu o rosto no tronco da árvore e se esforçava para conter as risadas – falhando miseravelmente. O jovem capitão batia os lábios tentando reunir palavras suficientes para descrever o tamanho da indignação que aquelas declarações haviam lhe causado.

– Foram tempos difíceis – disse Aidan, finalmente relaxando. Seu tom de voz oferecia compreensão ao amigo. – Muito difíceis... Mas estamos aqui... Nós chegamos até aqui.

– Foram bons tempos – ponderou o parceiro sorridente.

– Sim...

Os dois velhos companheiros ficaram ali, cada um em seu assento cativo. Ouviram os sons do mundo por um longo tempo e trocaram lembranças do passado cheio de aventuras – aventuras que eles passaram juntos em busca da sobrevivência. Foram tempos difíceis, mas eles tinham um ao outro.

Quem diria que chegariam tão longe?



O quartel improvisado parecia um lugar completamente diferente do que todos estavam habituados. O campo lamacento e esburacado agora recebia todas as pompas de uma festa para o rei. As longas fileiras de casinhas improvisadas formavam um extenso corredor que se espalhava para bem longe. Em ambos os lados do caminho, uma torrente de flores coloridas que adornava a frente de cada uma das tendas parecia formar os pilares de uma garbosa passarela. No centro da trilha improvisada, um vistoso tapete carmesim, de um brio elegante, estendia-se por uma centena de passos até a

destinação. Em certa altura do caminho, as casas de fabrico decoroso eram substituídas por altas arquibancadas que se elevavam bem alto e preenchiam o resto do espaço. As estruturas de madeira pesada estavam completamente apinhadas de gente de todos os tipos, voluntários do exército, mercadores, plebeus, lacaios e nobres.

Ao final do passeio aveludado, um palanque colossai construído para recepcionar o patriarca do reino. À frente, bem às vistas do camarote real, uma outra estrutura de madeira havia sido montada: um palquinho bem alto que pudesse proporcionar a todos uma visão privilegiada da execução que aconteceria em alguns instantes.

Nas arquibancadas, sentados mais próximos ao imperador, acomodava-se o contingente de nobres aliados ao rei – mas, entre eles, muito eram contrários e vieram apenas para descobrir do que se tratava o ato real. Nos assentos que se seguiam para longe do camarote da nobreza, muitos soldados se espremiavam desconfortavelmente para ver o espetáculo. Todos eles usavam armaduras completas, inclusive o capacete, e portavam escudo, lança e espada, tarefa extenuante sob o calor escaldante do verão. O restante do espaço nas arquibancadas foram reservados para mercadores e aspirantes à Guarda Real que fossem um pouco menos ofensivos aos olhos do imperador.

Para além daquela construção bem aparelhada, uma outra multidão se espalhava para bem longe. Milhares de pessoas vieram apreciar o espetáculo do soberano. Todos foram convidados. Aquele enxame de gente fazia todo o lugar tremer. Pedra, chão, madeira e terra vibravam intensamente sob o protesto da turba que esperava o início das festividades. Era um evento de gala.

A algazarra turbulenta morreu no ar quando, ao longe, poderosos tambores rufaram por todo o circo improvisado. O som profundo da percussão se misturava ao timbre agudo dos metais das cornetas e criava uma melodia celestial que parecia tocar dentro de cada um dos presentes. Era como se o próprio céu estivesse se abrindo e dando suas bênçãos à cerimônia. O anúncio suntuoso fez apontar ao longe os passos solenes da procissão do soberano.

A armadura dourada da nova guarda pessoal do rei refletia

suavemente os tons magenta do sol da tardinha, que veraneava sua despedida preguiçosamente, recusando-se a ir embora. Atrás dos poderosos soldados de elite, que empunhavam escudos e o estandarte com o novo símbolo real – uma rosa de um salmão suave –, vinham as duas pessoas mais próximas ao imperador. De um lado, flutuava suavemente uma figura toda encapuzada, cuja roupa parecia absorver todos os raios solares, e, do outro lado, o conselheiro pessoal do rei, Loran. No centro de toda a comoção, sentado altivamente em um palanquim, muito bem acomodado por uma espuma carmesim, o patriarca acenava entusiasmado para os seus súditos. As mucamas floristas jogavam as pétalas de rosas sob os pés dos vassalos que o carregavam – mesmo os pés dos homens que suportavam o soberano pareciam não ser mais dignos de tocar o solo indecente. Na retaguarda, fechando a comitiva real, vinha caminhando o capitão da Guarda e conselheiro do rei, Aidan. Ele ditava os passos determinados de uma companhia de soldados da Guarda Real, que trazia consigo, arrastado na maior parte do caminho, o condenado que receberia sua sentença. O corpo ferido era tratado com crueldade. As pernas cambaleantes eram rastejadas pelo chão sempre que cediam às forças da gravidade. As feridas abertas se misturavam à lama e às pétalas de rosas que grudavam em seu corpo pelo caminho.

A passada lenta parecia levar horas.

O soberano apeou de seu transporte pomposo e caminhou passos serenos em direção ao seu camarote. Subiu as escadinhas em ritmo tranquilo e se dirigiu ao trono de ouro – o novo trono do salão principal da corte era uma peça de proporções inconcebíveis, elevando-se em ouro maciço a uma altura que superava a de quatro homens grandes, muitas pedras preciosas se espalhavam por todos os lados na cadeira elevada e, no topo do encosto, uma rosa de ouro branco reluzia sem embaraço –, que havia sido levado para lá especialmente para a ocasião. O rei se sentou confortavelmente e aguardou. Ao seu lado, pararam Loran, à direita, e a figura misteriosa, à esquerda. Ali, deslumbraram-se com os arranjos da festividade. Sobre suas cabeças, o firmamento estava perfeitamente limpo e o sol alaranjado pintava o céu de cores fantásticas.

Era um dia perfeito para uma festa.

O cativo foi arrastado pelas escadinhas de madeira do palquinho improvisado, suas pernas batiam ruidosamente quando o osso encontrava a estrutura lenhosa. Foi puxado pelo piso de carvalho farpado e amarrado com o corpo curvado para frente, expondo completamente a parte de trás de seu pescoço. À sua frente, um cesto de palha forrado de uma seda muito cara esperava por sua cabeça.

Os olhos ansiavam o fim. Em seu rosto, formava-se um sorriso orgulhoso, ele encarava seu destino com alegria. Finalmente poderia descansar em paz.

O rei se levantou e se aproximou de três cones gigantescos que se direcionavam para todos os lados do mar de rostos nas arquibancadas.

– Meus queridos súditos! – disse o rei fazendo a madeira do palanque vibrar. Sua voz reverberou estrondosamente pelos megafones de cobre, todos podiam ouvi-lo claramente. – Meu amado povo! Hoje vocês terão o privilégio de presenciar um evento único. Hoje começa uma nova era!

O soberano olhou à sua volta com olhos cerimoniais, medindo a intensidade de sua audiência. Levantou os braços e o povo respondeu. O público explodiu em ovação e aplausos. O barulho das milhares de vozes fazia o mundo tremer. O rei estava satisfeito com a vista diante de seus olhos.

– Hoje, nós mudaremos o rumo da história! – ele continuou, fazendo um gesto com as mãos para que o povo se acalmasse. – Hoje, iniciaremos uma cruzada para libertar o mundo de toda a abominação. Hoje, nós livraremos o mundo de toda a abominação indigna que ousa pisar sobre o nosso solo sagrado!

Os olhos escrutinaram os arredores dramaticamente.

– Um horror virulento infesta nossas casas e perturba a paz de nossas famílias! – a voz trovejava ao quatro ventos. – A contaminação vexaminosa das abominações de corpos hediondos e mentes fracas. Toda a abominação que não carrega as marcas da imagem e semelhança de nossos ancestrais deve ser eliminada!

O povo retumbou o grito alucinado de sua aprovação.

– Nós vamos varrer a terra de toda abominação! – a intensidade em seu olhar era penetrante. A voz bradava furiosamente e a saliva chapiscava o ar a cada palavra.

O soberano mexia o corpo lentamente, como se encarasse os olhos de cada um ali, tocando-lhes a alma.

– Existem aqueles que duvidam de nosso destino. Existem aqueles que resistem ao nosso lugar ao sol. Mas estejam certos de que nós não seremos impedidos! Estejam certos de que não fracassaremos nessa missão! Nós marcharemos e espalharemos a luz por todos os cantos da terra. Estejam certos disso. Nós não fracassaremos!

A turba violenta aplaudia vigorosamente.

– Aqui, diante de vocês – ele apontou para o prisioneiro. – O espírito quebrado de um ser fraco. É esse tipo de abominação que vocês querem como rei?!

– NÃO! – explodiu a plateia.

– Nós venceremos a adversidade! – continuou o imperador com a voz martelando em todos os tímpanos. – Nós não mais seremos oprimidos por nossos inimigos! Nós não mais passaremos fome nem veremos nossas terras tomadas por animais horrendos e figuras não-humanas! Nosso império irá resistir por todas as eras desse mundo e será o nosso perfil nobre, e não o de bestas asquerosas, que perdurará para a eternidade!

A multidão ficava mais e mais agitada.

– Nós varreremos toda a abominação do mundo! Começando por esta! – ele disse apontando mais uma vez para o prisioneiro. – Prossigam com a execução!

A plateia aplaudiu por um longo período enquanto Aidan caminhava em direção ao palquinho. O capitão andou passos solenes pela madeira, que rangia suavemente sob seus pés. Parou próximo ao prisioneiro, desembainhou sua espada, virou-se para o rei e aguardou.

– Continue! – declarou o soberano para mais uma rodada de aplausos.

Aidan se posicionou ao lado do cativo. Levantou a mão nua e tocou a cicatriz em seu rosto. O capitão encarava o condenado com olhos fanáticos. Ele ergueu sua espada bem alto e a desceu em direção ao prisioneiro com todas as suas forças.

O baque surdo do golpe perfeito se misturou ao estrondo violento que se ouviu ao longe. Guiando uma biga pesada, Roy ganhava espaço rapidamente pelo campo esburacado. Ele parou ao lado do palquinho e Aidan jogou o corpo inerte de Arwin sobre a carroça, a corda no pescoço do prisioneiro perfeitamente aparada pelo corte preciso do comandante.

O capitão pulou sobre a carroça e tomou as rédeas da mão do amigo, batendo firme nas ancas de Skarlet, que disparou pelo corredor aveludado. Eles corriam ligeiro, ninguém conseguiria impedi-los. Aidan batia forte as rédeas e égua obedecia.

– Nós conseguimos! – gritava Roy explodindo de felicidade. – Deu certo! Deu certo! Eu não acredito. Seu bastardo insano. Nós conseguimos! Deu...

As palavras do jovem investigador se dissolveram no ar.

Aidan sentiu um pinga quente lhe tocar o rosto e se virou para ver seu amigo de infância sufocando no próprio sangue, uma flecha atravessada na garganta. Roy tentava falar, mas o único som que saía pelos lábios ensanguentados era um borbulhar agonizante que enchia seus ouvidos.

O capitão olhou por cima de seus ombros e viu Finn preparar e lançar outra flecha em sua direção. Aidan desviou por muito pouco e encarou de novo seu amigo. Roy encostou na parede da biga e escorregou até o chão com olhos vazios.

Aidan apertou os dentes e tentava com todo o seu ser ignorar o nó na garganta e segurar as lágrimas quentes que escorriam pelo seu rosto e nublavam seus olhos. Batia forte com as rédeas e se esforçava para bloquear os próprios pensamentos com o estalar no

lombo. Em segundos, eles cruzaram as bordas do acampamento e desapareceram em direção ao anoitecer.

Capítulo IX

Razões para lutar

A chuva pesada de verão inundava a noite.

– Você deveria ter mais cuidado! – resmungou Enid enquanto enrolava uma bandagem embebida em ervas no braço de Alma.

– Ai! – reclamou o rapaz. – Não precisa ser tão estúpida.

A copa densa do castanheiro que se projetava aos céus conferia uma proteção precária contra os pingos gelados que invadiam a escuridão. Aquele era o local cativo do encontro de Alma e Enid. Era ali que a moça ia todas as noites para esperar o retorno de seu companheiro. O pano de fundo era os rastrilhos de entrada de uma enorme muralha que se espalhava para todos os lados, o único refúgio que eles haviam encontrado.

Alma havia tomado para si a missão particular de espalhar o caos pelos novos acampamentos do exército real sempre que a oportunidade surgia. Há muitas luas ele escapava dos seus perseguidores, mas o cerco estava se fechando e, a cada dia que ele retornava, trazia consigo um novo ferimento para ser tratado pela companheira zelosa.

– Na próxima vez, você faz o curativo sozinho então, seu malcriado!
– ela apertou as bandagens com força e se virou para longe, cruzando os braços na frente do corpo.

O rapaz suspirou e a olhou com olhos amorosos.

– Obrigado! – um sussurro ofereceu a gratidão.

A moça corou, mas tentou disfarçar.

– Qual é a razão de tudo isso, afinal? – questionou Enid simulando o melhor que podia uma expressão muito emburrada.

– De tudo isso o que? – perguntou Alma levantando uma sobrancelha.

– Essas aventuras...

– Não são aventuras! – ele respondeu indignado. – Eu achei que você entendesse por que eu preciso fazer isso.

– Eu sei por que você faz... Eu só não entendo o que você acha que vai conseguir com tudo isso.

Alma a encarou irritado.

– Eu preciso manter a esperança do povo viva! Eu preciso que eles acreditem em Arwin! – ele fez uma pausa tentando controlar a respiração. – Ou você já se esqueceu dele? Ou você já se esqueceu de Arwin?! Porque eu não me esqueci. Eu nunca me esqueceria dele!

A moça o fitou com olhos atentos, as esmeraldas reluzentes encontraram os amendoados marejados e ela levantou o braço e ofereceu um toque delicado para afagar a bochecha do jovem soldado.

– Eu sei o que você está sentindo – disse Enid baixinho. – Eu... eu entendo pelo que você está passando. Eu só... – Ela fez uma pausa involuntária quando o companheiro virou o rosto e lhe beijou a palma que afagava seu rosto. Ele acariciou suavemente o dorso da mão da moça e a fez estremecer. – Eu sei que isso é muito importante para você, Alma – ela soprou por entre os lábios apertados, tentando controlar a respiração. – Eu só tenho... tenho muito medo... medo de perder você também...

As palavras sufocadas pareciam levar uma eternidade para se formar em sua garganta e saíam estranguladas no próprio ar.

Ele virou a cabeça lentamente e os olhares se encontraram de novo.

– Você não vai me perder! – um sorriso sutil oferecia segurança à companheira. – Eu sou duro na queda!

– Arwin também era! – retorquiu Enid contrariada. Aquelas palavras pareciam pesadas demais para serem respondidas. – Desculpe-me... – ela pediu em um suspiro.

Alma virou o rosto para longe, tentando disfarçar os lábios estremecidos e sufocar as lágrimas que se formavam em seus olhos. Podia sentir o nó apertando um choro engasgado em sua garganta.

– Ele ainda é! – declarou o rapaz quando teve certeza que encontraria alguma estabilidade em sua voz. – Arwin ainda é duro na queda! Sempre será. Ele não vai desistir! O povo confia nele.

– Qual povo? – perguntou confusa.

– O nosso povo, ora... Que outro seria? – respondeu o jovem soldado ainda mais confuso.

– Mas o povo o odiava... – ela disse com toda a cautela que conseguiu reunir.

– Aparentemente, não.

– Você não se lembra dos rumores? – Enid sabia dos riscos de trilhar aquele caminho, mas, mesmo assim, continuou pressionando o assunto.

– Eu me lembro perfeitamente dos rumores... – ele respirou fundo, tentando construir uma linha de raciocínio que fizesse sentido. – Eu me lembro dos rumores! Eu me lembro como se fosse ontem. Mas eu tenho pensado e, há algum tempo, tem me ocorrido algo...

– O que? – perguntou Enid avidamente.

– E se... – Alma respondeu tentativamente. – E se... tudo isso, todos aqueles rumores fossem, na verdade, um plano do Finn? E se fosse tudo parte do plano?

– Plano para que?

– Para tomar a coroa, ora. Para usurpar o trono de Arwin – Alma continuou animado, como se agora as coisas se encaixassem perfeitamente.

– Mas como esses rumores ajudariam em alguma coisa? – questionou a moça mais uma vez. – A profecia não falava nada sobre esses boatos. E se a profecia não é sobre isso, então qual o papel dos rumores na viagem de Arwin?

– É isso! – gritou Alma. Ele não conseguiu controlar a empolgação e quase fez Enid cair de costas da raiz alta que os acomodava. – É isso! Ele não saiu por causa da profecia, ele saiu por causa dos rumores! – O jovem soldado tinha uma expressão animada no rosto, uma realização profunda de todas as coisas. Levantou e caminhou vários círculos pela escuridão, virou-se sorrindo para a companhia e encontrou um semblante da mais pura perplexidade. – Você não vê?! – ele prosseguiu entusiasmado. – Ele saiu por causa dos rumores!

– Tudo bem. Eu realmente vou precisar que você se acalme e me explique direito – resmungou Enid, dessa vez emburrada de verdade.

– Finn sabia! – Alma se sentou e tentava organizar os pensamentos, arfando de leve. – Finn sabia das dúvidas que o Arwin tinha sobre... sobre... sobre tudo! Ele sabia que o Arwin nunca ligaria para aquela profecia imbecil. Ele sabia que o Arwin nunca foi supersticioso, mas colocar aqueles detalhes sobre o povo odiá-lo, sobre revoltas e toda aquela baboseira em forma de rumores foi o mecanismo que disparou toda a reação em cadeia que nos trouxe até este momento. Finn usou tudo o que sabia sobre Arwin contra ele.

Alma disse tudo muito depressa e socava a mão em intervalos regulares. Sua ouvinte o admirava enquanto ele falava avidamente e nem cogitou interrompê-lo.

– Mas e os ferais? – ela tentava completar a linha de raciocínio do companheiro. – Como eles fariam parte disso? Por que eles aceitariam participar desse complô? Você disse que eles os capturaram, Arwin, você e o magricelo esquisito, e depois os deixaram ir. E ainda permitiram que Arwin fosse atrás da manopla

do destino.

– Eu não sei... – o jovem soldado coçou o queixo e tentava encaixar aquelas informações em sua teoria. – Talvez eles tivessem algum acordo. De alguma forma, eles se uniram para traír Arwin!

– Há! Impossível! – garantiu Enid com uma risada sarcástica se formando no ar. – Finn os odeia. Ele os odeia completamente!

– De onde você tirou isso? Como você sabe? Eu nunca ouvi o Finn sequer falar sobre eles, e olha que eu já vi aquele desgraçado espalhar veneno sobre todo tipo de futilidade.

– Eu o ouvi uma vez conversando com Rhae... – ela suspirou e soluçou suavemente. A memória de sua companheira perdida ainda pairava em sua mente. – Com minha irmã...

Alma percebeu a dificuldade em tocar no assunto e estendeu uma mão afável para consolar a mão da moça que repousava em seu colo, aguardando até que ela se recuperasse.

– Eu os ouvi conversando. Ele e minha irmã... – ela limpou a garganta e tentou reunir alguma dignidade. – Eu os ouvi conversando sobre como os ferais eram animais imundos. Todos eles, animais asquerosos. E o quanto ele os odiava por tudo o que fizeram ao seu reino.

– Mas o que eles fizeram ao reino? – perguntou Alma confuso.

– Eu não sei. Eu não consegui ouvir muito da conversa, Finn é muito atento ao que o rodeia... – ela encarou a noite por alguns instantes. – Ele disse que os ferais eram animais horríveis. E eu imagino que todo esse ódio vem do desprezo que ele sente por tudo o que não é bonito e agradável aos olhos. Sabe como ele é.

– Nemeria era muito bonita... – declarou o rapaz despreocupado

Enid o encarou com os olhos injetados e a esmeralda parecia refletir sangue. Alma engoliu a seco e continuou da melhor forma que conseguiu.

– Bonita, muito bonita... Todos eles são... bonitos... Não faz sentido

odiá-los, eles são... peculiares, é verdade! Mas são espécimes formidáveis e de aparência única – ele dizia tudo aquilo de um jeito muito didático e formal.

Ela o mediu por mais alguns segundos, revirou os olhos e finalmente relaxou.

– Eu acho que ele odeia tudo o que não seja ele mesmo – disse Enid.

– Talvez ele se odeie... – respondeu Alma provocador. – Viu o cabelinho que ele anda usando? Parece uma ovelha dourada...

Os olhares se encontraram de novo e eles partilharam de uma gargalhada impetuosa. Quando conseguiram parar de rir, ficaram em silêncio, apenas acompanhando a chuva bater na copa das árvores. O cheiro forte das ervas que embebiavam as bandagens no braço ferido do jovem soldado enchia o ar e se misturava com o aroma agradável de terra molhada. A noite estava muito quente, mas a chuva trazia o fresco necessário e aliviava o calor extenuante na medida exata.

– Ensine-me a lutar! – demandou Enid sem qualquer aviso, colocando um fim na quietude.

– O que?! – respondeu Alma com um riso espantado.

– Eu quero aprender a lutar... Eu quero me juntar a você. Eu quero fazer a diferença!

– Você faz a diferença para mim – ele a viu ruborizar e complementou apontando para o braço. – Você é uma ótima curandeira.

A moça virou a cabeça envergonhada e a conversa morreu mais uma vez.

– E então, vai me ensinar a lutar ou não? – ela insistiu, rompendo o silêncio.

– Para que você quer lutar?

– Eu já disse, quero me juntar a você – seus olhos eram

determinados.

– Mas para que? – insistiu Alma. – Por qual motivo você quer se juntar a mim?

Enid o encarou por um longo tempo, a sobrelanceira levantada denunciava a confusão que a pergunta lhe causava. Os raios desenhavam seus clarões no céu e iluminavam a seriedade no rosto do jovem soldado.

– O que quer dizer? – ela indagou finalmente, desistindo de tentar entender o sentido da pergunta.

Alma respirou fundo e encarou o céu.

– Fergus... ele sempre me ensinou que eu deveria lutar por aquilo em que eu acreditava... Por aquilo que fizesse a chama dentro de mim queimar mais forte. Ele dizia, ao Arwin e a mim, “abracem as causas que aquecem seus corações” – O rapaz fez uma pausa e esfregou os olhos com o dorso da mão. – E é por isso que eu luto! É isso que me move! – a voz ganhou força e a determinação venceu o aperto na garganta. – Eu luto por Arwin, mesmo que ele não possa lutar por mim!

Enid o ouvia atentamente e aquele discurso parecia crescer dentro dela, a admiração que ela sentia não cabia em palavras.

– Então eu vou lutar por você! – disse a moça sem pensar.

Alma virou a cabeça tão rápido que seu pescoço deu um estalido suave, um sorriso de orelha a orelha estampado na cara. Enid corou uma vez mais, seu rosto queimava enquanto alcançava tons de vermelho nunca antes vistos em uma face humana.

Por algum tempo, o som duro dos pingos massivos no copado do castanheiro era tudo que se escutava no espaço.

– Você quer mesmo aprender a lutar? – foi Alma quem falou enfim.

– Quero! – a resposta entusiasmada veio acompanhada de um sorriso radiante que fez o confiante estremecer por dentro.

O rapaz se levantou e estendeu seu convite para a moça.

– Então venha.

Ela agarrou a mão do companheiro e se levantou, parando de frente para ele. Alma esticou o braço e criou certa distância entre os dois.

– Aqui... coloque uma perna na frente... isso... e a outra mais pra trás... isso mesmo – ensinou o jovem soldado.

Ele dava as instruções e ela observava atentamente. O novo instrutor segurou suavemente o antebraço da pupila e o levantou na altura dos ombros.

– Agora levante assim... isso, assim... essa mão vai proteger seu queixo. E essa outra você usa para aparar os golpes que vierem pelo outro lado – ele fez um movimento muito lento com a mão em direção à cabeça da companheira e ela levantou o braço para se proteger. – Isso... isso mesmo. Vê? Quando um ataque vier desta direção, você pode se proteger... isso... exatamente... Você usa essa mão... isso, desse jeito. E apara os golpes do seu adversário.

Ele mostrou mais um e outro movimento com os braços próximo ao rosto, protegendo-se por todos os lados, girando o corpo com movimentos vigorosos e muito ágeis. A velocidade e destreza do antigo soldado de elite apareciam mais uma vez para os olhos de sua nova aluna. Outro rodopio ligeiro, abaixando-se para se proteger de um inimigo invisível. Os pés se moviam para frente e para trás, como em uma dança de salão.

– Isso... e a outra mão protegendo o queixo... muito bom – Alma instruía com cuidado o passo a passo. – Mas o mais importante é sempre olhar seu adversário nos olhos. É importante observar seus olhos, porque é ali que moram as intenções dele. Seja lá qual for o plano do seu oponente, é nos olhos que ele vai se formar primeiro e você precisa estar atenta!

Enid encarou os pés do jovem soldado, que se moviam ritmicamente enquanto ele demonstrava como manter o equilíbrio. Ela estava impressionada, era como um baile de gala sem fanfarra, o novo instrutor de combate parecia flutuar seus movimentos.

Alma ergueu o dedo indicador e bateu na testa da moça suavemente.

– Nos olhos, não nos pés! – ele repetiu rindo. – Olhos nos olhos.

Ele ergueu a mão espalmada para ela.

– Dê o seu melhor soco!

Enid deu um soquinho fraco na palma da mão do companheiro, que sorriu.

– Muito bom...

– Não foi bom nada, foi horrível – respondeu a moça emburrada.

– É... foi horrível – Alma concordou com uma risada amigável. – Mas vai melhorar! Tente de novo.

Ela deu outro soco.

– Esse foi melhor... tente usar mais o peso do seu corpo – instruiu o professor. – Isso, isso mesmo, gire assim... isso... muito bom...

Ela deu outro soco, e outro, e mais um, o golpes iam se acumulando conforme ela ganhava confiança. Enid projetou o corpo pra trás e se lançou para mais um golpe determinado, mas errou o alvo e se desequilibrou, tropicando para frente e caindo por cima de Alma. Os dois bateram forte no chão e caíram na risada.

Os olhares se cruzaram mais uma vez enquanto eles gargalhavam. A chuva escorria por entre os rostos alegres enquanto eles se encaravam mutuamente com olhos intensos. Eles se aproximavam centímetro a centímetro quando um clangor baixinho se misturou aos sons da noite.

Alma se levantou empunhando a espada e encarando a escuridão. Balançando ao longe, uma biga era puxada por um lindo corcel de guerra. O jovem soldado correu até a carroça com a espada ainda a postos para a batalha.

Os cascos da égua bateram forte no chão quando Aidan puxou as

rédeas que a guiavam. O desertor desceu da carroça, pulando na lama, e se virou para pegar o corpo de Roy.

Ele andou passos lentos em direção à fortaleza.

– Eu espero que você esteja feliz – disse o rapaz sem se virar enquanto passava por Alma. O corpo do amigo de infância jazendo inerte em seus braços.

Capítulo X

Entre o dito e o feito

Os dias passavam lentamente e os ares da corte eram cada vez mais estranhos.

– Por que estamos aqui, afinal? – questionou Sorim.

– Aqui é melhor para conversarmos – explicou Quimir, virando-se para o companheiro com olhos incomodados.

Os conselheiros passeavam em passos lentos pelo campo – não que Mestre do Nobres pudesse proporcionar qualquer tipo de ritmo acelerado a essa altura de sua vida ou peso –, o sol forte banhava as colinas verdejantes e esquentava-lhes a pele. Como sempre, o servo manco de Quimir o acompanhava de perto.

– Está muito quente aqui – reclamou o nobre que arfava, o suor escorria pelo seu rosto. – Por que temos que andar para tão longe? Meus pés estão me matando!

– Vê esse aclave? – o Mestre da Moeda apontou em volta do pedaço de chão elevado. – Vê como nos dá a vista completa por todos os lados?

– E daí? – a falta de paciência já aparecia nas bochechas rechonchudas. – Você sabe como eu odeio caminhar longas

distâncias. E esse morro está me matando!

– E daí?! – Quimir revirou os olhos. – E daí que, se você olhar para o horizonte, poderá ver qualquer um que se aproxime. Olhe! Olhe à sua volta! Estamos perfeitamente protegidos mesmo a céu aberto. Ninguém vai nos escutar aqui!

– Por que não nos encontramos mais naquela bodeguinha no fim da cidade? – perguntou Sorim curioso.

– Não era uma bodega, era um esconderijo – o papo inútil fazia o desprazer tomar a voz que ofereceu a resposta.

– Eu sinto falta da comida – insistiu o homem.

– Você me parece muito bem alimentado, meu caro amigo vistoso – respondeu o Mestre da Moeda gesticulando sugestivamente com a cabeça para a pança volumosa do colega conselheiro.

O nobre esfregou a barriga afetivamente e sorriu.

– Eu sou um homem de grande estatura, preciso me comportar como tal.

Quimir revirou os olhos e tentou disfarçar o desprezo que sentia.

– Por que estamos aqui, afinal? – pressionava o Mestre dos Nobres.

– Digamos que nosso local de encontro talvez não seja mais tão seguro assim.

– E por que não seria?

O nariz volumoso balançou para os lados agitado e o maxilar por detrás dele se contraiu com força pra não deixar escapar a incredulidade que se formou em sua garganta. Como era possível um homem ter chegado tão longe com um tato tão limitado, com tanta falta de desconfiança e senso de perigo? Como alguém tão grande poderia ter tão pouco cérebro? Quimir questionava para onde teria ido todo o receio, a cautela e a apreensão que o nobre bocado antes esparramava por onde passava.

– Digamos que o silêncio me incomoda – a explicação foi oferecida do jeito mais desafetado que pôde.

– Se o silêncio lhe incomoda, por que usava uma cabana com uma parede de quase um metro de espessura como esconderijo?

– Não estou falando desse tipo de silêncio, caro amigo – ele se controlava para não revirar os olhos por detrás do nariz ganchoso. – Estou falando do nosso amado soberano.

– O rei? – perguntou o nobre confuso. – O que tem o rei?

– Francamente, homem! A comida está invadindo seu cérebro? – disparou Quimir irritado.

– Olha como fala, Mestre da Moeda – alertou Sorim. – Esse seu lacaio maltrapilho não conseguiria defendê-lo de mim.

– O silêncio do rei! – ele continuou, ignorando as ameaças do nobre.

– O silêncio do rei me preocupa!

– Que silêncio? Ele parece estar encarando os problemas de forma muito razoável – declarou o conselheiro sem muito interesse.

– É exatamente esse o meu ponto. Nosso amado soberano nunca foi conhecido por ser um homem razoável – Quimir tentava explicar da melhor forma possível. – Ele parece estar planejando algo. E silenciosamente.

– Talvez você esteja sendo paranoico, meu caro – dispensou Sorim.

– Já faz mais de uma semana e ele não tomou nenhuma atitude drástica. Para falar a verdade, ele não tomou atitude nenhuma. Eu sinceramente esperava que ele fosse mandar executar todos os que assistiram à fuga do irmãozinho magricela. Claro que ele ficaria sem o tal exército, mas, mesmo assim, eu esperava muito mais!

– É exatamente esse o meu ponto! – repetiu o Mestre da Moeda exasperado. – É isso que eu estou tentando lhe dizer. A falta de ação é preocupante. A falta de reação, para ser mais preciso. Ele é um homem de temperamento muito volátil. O rei carrega em si um arquétipo muito peculiar para tomar decisões. Ele se prepara da melhor forma possível. Preparando-se para todas as possibilidades e

medindo todos os riscos... ele se prepara melhor que ninguém! E é praticamente imbatível nesse aspecto, mas, quando algo dá errado, ele simplesmente explode para todos os lados. Não é o que estamos presenciando aqui e isso é perigoso. É preocupante! Vossa Majestade se preocupa muito com isso, ela pretende que a situação transite da melhor forma possível.

– Talvez ele já esperasse uma traição – apontou o nobre.

– Por que ele esperaria? – respondeu Quimir sem emoção. – Ele é provavelmente a pessoa mais bem informada de todo o reino. Ele tem espiões por todos os lados, e seus espiões têm espiões espionando-os. Mesmo aqueles que achamos serem os nossos melhores conselheiros podem estar a serviço do rei enquanto nós confidenciamos a eles os segredos mais íntimos.

– Você iria tão longe em assumir que até seu laçao esquelético pode estar a serviço do rei? – o dedo roliço apontou para o homem velho que encarava o vazio.

Quimir olhou para onde o nobre apontava.

– Ah! Não, ele não. Ele é muito leal e muito útil. E eu garanto que o rei nunca faria nenhum tipo de negócio com ele. Para mim, isso já ficou bem claro.

– E por quê?

O Mestre da Moeda deu de ombros e mediu o companheiro por um par de segundos.

– O rei gosta de selecionar coisas bonitas para rodeá-lo. Veja o seu animalzinho de estimação que não sai do lado dele, parece um papagaio de pirata. Eu me pergunto se eles dormem juntos também.

– Não! – retrucou o nobre. – Loran sempre dorme no chão, ele não se atreveria a deitar-se em uma cama que eu não tivesse designado ou batizado ao nosso estilo.

O conselheiro teve que disfarçar a náusea que o sorriso do amigo polpudo lhe causou.

– Mas, afinal, o que ele queria dizer com aquele discurso sobre abominação e não sei o que? – perguntou Sorim confuso, mudando de assunto. – De que diabo ele estava falando?

– Quem vai saber? – a resposta veio automática por entre os lábios entediados. – Às vezes a mente do rei é nebulosa... Até para o próprio rei, eu imagino.

– Ele parecia muito determinado em começar pelo próprio irmão – continuou o Mestre dos Nobres. – O que isso quer dizer?

– Eu imagino que descobriremos em algum momento – respondeu Quimir. – De um jeito ou de outro, precisamos ficar atentos.

– Você acha que corremos perigo? – perguntou Sorim, pela primeira vez com preocupação em sua voz.

– Não, eu creio que não. Tudo está sob controle.

– Os nobres temem que ele tome alguma atitude impensada. Aqueles que já se rebelaram por conta da prisão do rei magricelo estão formando uma coalizão e tanto – as palavras tomaram forma muito rápido e batalharam por seu espaço para sair pelos lábios da cara gorda.

– Você já viu o tamanho do exército que ele está reunindo? – explicou Quimir como que para alguém muito obtuso. – Mesmo que os nobres se rebelem, ele poderia facilmente repeli-los.

– Não os subestime, um pacto entre nobres sempre pode trazer problemas – ponderou Sorim. – Eles não são numerosos, mas são poderosos e alguns deles até têm um pequeno exército particular. Sob o comando do antigo rei, nós correríamos sérios riscos.

– Você viu o que nosso... imperador fez com ele – uma certa apreensão tomou conta da voz do conselheiro quando ele pensou no processo pelo qual o antigo rei havia passado. – Mesmo que o corpo sobreviva... o *nosso* rei fez questão de dilacerar o seu espírito. Mesmo que ele se recupere dos maus tratos físicos, aquele espírito jamais voltará para esse plano. Eu não vejo como qualquer alma humana se recuperaria daquilo.

– Eu gostaria de ter toda essa certeza – respondeu Sorim pesaroso.

– Você está a salvo, caro amigo. – Quimir parou em suas botas e estendeu a mão sobre o ombro do colega conselheiro. – Eu posso garantir!



Pela primeira vez em um milhar de estações, a lareira estava acesa no salão do Conselho. As chamas queimavam forte no fogareiro e quatro servos garantiam que elas continuassem ardendo alto. De cada lado da estrutura, dois foles gigantescos sopravam poderosamente, os corpos suados dos vassallos os pressionavam com todas forças e os instrumentos de sopro respondiam, fazendo subir longas labaredas que ardiam furiosamente seus tons de turquesa.

O lugar, que por sua própria arquitetura já carregava todas as características de um gigantesco forno visto por dentro – e era quente o bastante pela mesma razão –, agora irradiava um calor sufocante por todos os lados, até a própria pedra escura das paredes parecia se incomodar com o mormaço infernal que se formava ali dentro.

Os corpos que trabalhavam arduamente à beira do fogaréu não eram os únicos ali que suavam profusamente. Os conselheiros tentavam, sem muito sucesso, aliviar o escaldar furioso que preenchia o ar. O Mestre dos Nobres era de longe o mais afetado pelo calor crescente do lugar. Sua testa escorria o fluido engordurado de seus poros e suas roupas estavam empapadas de um suor viscoso. Ele esfregava pelo rosto um lenço imundo, tentando eliminar um pouco da torrente salgada que escorria pelo seu corpo.

O Conselho real estava muito desfalcado. O rei havia decidido se reservar ao direito de ter mais tempo antes de apontar um novo investigador e fazedor de leis – ele tomaria para si as atribuições de criar e fazer cumprir as leis do reino por enquanto –, talvez escolher um mendigo qualquer não tenha sido a melhor das ideias. Para o lugar do capitão da Guarda Real e comandante do exército, foi

indicado um homem gigantesco que parecia não saber falar, ele só ficava sentado no salão encarando as paredes sem nunca dizer uma palavra sequer. A armadura carmesim, que o cobria dos pés à cabeça, parecia ser à prova de calor, pois, mesmo com a quentura escandalosa que fazia ali dentro, ele não demonstrava qualquer reação, como se não fosse capaz de produzir algo tão elaborado como expressar incômodo de qualquer natureza.

O imperador ofereceu um bom preço pela cabeça do capitão traidor. O peso do meliante em ouro e mais um amontoado de terras no Sul boas para cultivo – e era o dobro se o foragido fosse capturado com vida para que o rei pudesse ter um papo descontraído com seu antigo e mais fiel soldado. Mesmo para alguém que havia privado o soberano de uma execução que ele havia aguardado com tanto entusiasmo, aquele era um pagamento muito generoso.

Os desertores haviam escapado – ou pelo menos um deles – há quase três semanas e, nesse período, o conselheiro pessoal do rei, Loran, havia substituído o fidalgo em todas as reuniões do Conselho. O rapaz recebeu autonomia para tomar as decisões como se fosse ele o próprio patriarca, algo que agradou principalmente a Sorim, que podia fazer sua vontade prevalecer em quase todos os assuntos que diziam respeito aos nobres. O servo exercia com excelência e muita pontualidade seu papel como conselheiro particular do rei e regente no Conselho real.

Naquela tarde, o rei havia convocado uma reunião extraordinária de seu fiel plantel de assessores e comunicou que anunciaria seus planos para o futuro. O encontro teria um papel especial em descrever os detalhes de por que e para que ele havia formado um exército tão grande. A convocação para o compromisso e as pautas sugeridas claramente geraram grande entusiasmo entre os conselheiros, principalmente em Sorim, que estava ansioso para saber os próximos passos do rei. O Mestre dos Nobres torcia por uma atitude que evidenciasse a soberania do império, tanto do rei quanto de seus nobres; ele queria ver sangue.

O lugar dava indícios de que não poderia esquentar mais e foi nesse momento que o imperador entrou no salão. Passou pela porta pesada como se flutuasse sobre as nuvens. Como de costume, as criadas floreiras caminhavam na frente criando o corredor de

multiflorido para que ele pudesse tomar o seu lugar. As botas aveludadas amassavam as pétalas de rosas e liberavam um aroma suave que enchia o ar, misturando-se ao perfume do próprio soberano, que andava pelo salão com o queixo bem erguido, como se encarasse o sol como seu igual.

O resto de sua comitiva entrou ruidosamente e se espalhou pelo salão. A falange de guardas dourados que agora o acompanhava em todos os lugares se alinhou atrás do trono e o clangor uníssono anunciou sua parada. A figura encapuzada flutuou pelo espaço e estacionou em um dos cantos, como um fantasma. Por fim, entrou seu conselheiro pessoal. Os presentes se levantaram com a chegada do imperador e aguardaram que ele se acomodasse para retomarem seus assentos.

A extravagância real agora atingia níveis nunca antes vistos naquele reino. O rei vestia uma longa bata branca adornada de ouro nas bordas. O cetim era praticamente transparente e se desenhava perfeitamente em cada traço do soberano. A roupa muito leve o fazia se sentir completamente confortável com a temperatura ali dentro.

Os servos que manejavam os foles colossais redobram os esforços com a presença de seu mestre e o bafo que se formava no recinto era inacreditável. As bolsas de couro enchiam e assopravam e o fogo queimava cada vez mais escaldante. O rei se sentou e olhou ao seu redor, observando os três conselheiros, encarando-os por um longo tempo.

– Sentem-se! – proclamou finalmente.

Todos obedeceram e aguardaram ansiosamente o pronunciamento real.

– Meus caros conselheiros! – saudou o soberano de braços abertos e com um largo sorriso no rosto. Ele parecia muito animado com seus anúncios. – Nós embarcaremos em uma grande campanha. Em breve, iniciaremos uma missão muito, muito especial.

O imperador fez uma pausa dramática e analisou as reações nos rostos curiosos de cada um ali, ele queria produzir a sensação exata

antes de continuar.

– Daqui a duas luas, nós marcharemos sobre toda Galabor e eliminaremos todo e qualquer traço de figura não-humana que pudermos encontrar.

Quimir e Sorim trocaram olhares confusos.

– Nós extinguiremos todas as criaturas não-humanas desse reino. E o faremos de forma ligeira. Nosso ataque será rápido e preciso! Os soldados varrerão essa terra e a livrarão de todo o tormento que essas abominações impõem sobre nós! – o discurso ficava cada vez mais animado. – Nós vamos purificar nossa terra. Seremos leves e livres! Todos os focos de resistência serão dizimados. Não importa quem seja. Todos que entrarem em nosso caminho serão destruídos, esmagados sob as botas de nossa soberania!

– Mas, Senhor... – disse Sorim com cautela, seu ideal era que alguns vassalos fossem açoitados para o deleite de seus olhos gulosos, o nobre não entendia o que as outras raças tinham a ver com aquilo. – Por que faríamos isso? Os outros povos nunca representaram nenhum risco para nossa soberania, Vossa Graça.

– Ah! É aí que você se engana, meu amigo – o soberano parecia muito animado com o questionamento. – É aí que você se engana! Aquelas bestas irracionais foram capazes de se infiltrar fundo no próprio coração do nosso império.

O rei respirava fundo e uma baba transparente começava a se formar no canto dos lábios.

– Aqueles animais imundos merecem ser eliminados! Cada um deles! Todos eles! E todos aqueles que ousarem ajudá-los! – os olhos ardiam uma chama voraz. – E eu vou garantir que eles sejam dilacerados e queimados até os ossos. Um por um, se necessário!

Os conselheiros assistiam apreensivos àquela cena. O discurso parecia inflamado demais para um público tão pequeno.

– Mas, Senhor... – o conselheiro corpulento insistiu cautelosamente.
– Uma guerra... contra esses... animais. Eles não são numerosos,

mas são muito poderosos. Uma campanha assim seria custosa para os nobres... E os camponeses já estão passando fome.

– Não se preocupe, Mestre dos Nobres. Eu tenho tudo sob controle – o soberano se ajeitou e recuperou a compostura. – Meus planos foram bem traçados, nós atacaremos rápido e devastaremos aquelas florestas e tudo além delas. Se for preciso, os empurraremos até o mar. Nós os afogaremos na água salgada ou em seu próprio sangue se necessário for!

O patriarca fez uma pausa e analisou novamente as reações ao redor. Seus dois conselheiros originais pareciam agora sem palavras, então ele continuou.

– Mas, para garantir a vitória dos homens na guerra que virá... – a voz do patriarca era tranquila. – Eu precisarei fazer algumas alterações no nosso corpo de conselheiros. Eu preciso ser aconselhado de forma um pouco mais eficiente, por membros deste Conselho que tenham interesse na soberania deste reino e desta coroa que repousa em minha cabeça. Eu preciso me cercar de bons conselhos e bons homens. Homens fieis em quem eu possa confiar. De quem eu não tenha dúvidas sobre as intenções.

O imperador se virou para encarar Quimir, que sorriu e assentiu com a cabeça.

– Muito bem! – exclamou o rei. – Vamos nos livrar do traidor.

Ele fez um gesto com as mãos e os guardas dourados se mexeram ligeiros em mais um clangor ruidoso. Dois soldados pararam em uníssono, um de cada lado da cadeira de Sorim, e o pegaram pelos braços.

– Espere... – disse o nobre confuso. – O que vocês...

O suor escorria pelo rosto e pescoço do vistoso homem. O calor do lugar crescia ainda mais, o Conselho parecia estar sendo conduzido dentro de um vulcão incandescente prestes a explodir.

– Levem-no – ordenou o imperador.

– Não... Espere... Você não pode... – implorou o nobre. – Espere...

Os soldados o arrancaram da mesa e Sorim podia ver os olhos de Loran que o encaravam maliciosamente, um sorriso satisfeito estampado em seus belos lábios.

– Loran... – implorou. – Loran... Não... Loran... Por quê?

O conselheiro pessoal do rei virou olhos sorridentes para seu príncipe, que sorriu de volta. Outro clangor metálico das armaduras dos guardas encheu o ar quando eles se posicionaram um de cada lado do rapaz. Eles o restringiram em um aperto firme e os olhos do jovem conselheiro se arregalaram.

– Finn? – perguntou baixinho, a confusão preenchia todo seu rosto.

Os soldados o ergueram do chão e o levaram para fora do salão dos conselheiros.

– FINN?! – berrava ele desesperadamente. – FINN?! NÃO! FINN?!

Os gritos agonizantes que enchiam os corredores foram desaparecendo no ar.

– FINN?! Finn... Fin... fi... f...

Capítulo XI

Perdido e encontrado

Uma bruma suave revoava até onde a vista alcançava e empalidecia o horizonte.

No ar, ainda era possível sentir o aroma pesado da mata queimada até a raiz. O carvão airoso que preenchia o espaço no solo ainda fumegava gentilmente e alguns focos de incêndio persistentes saturavam os pulmões de Arwin com cinzas densas.

Seu corpo estava leve.

Seu corpo estava leve, finalmente leve.

Os grilhões hediondos e as correntes pesadas não agrediam mais sua pele. As lâminas geladas não tocavam mais sua carne, não podiam mais cortá-lo. A tortura e a violência não podiam alcançá-lo ali. Ele estava leve! Mesmo que ele sentisse os pés queimando em meio ao calor que pressionava entre seus dedos do pé. Ainda que em algum lugar em sua mente sentisse uma urgência inexplicável de correr dali. Ele experimentava a leveza em seu corpo pela primeira vez em muitas eras, sentia que poderia flutuar pelos ares para sempre. Uma luz tênue tocava seus olhos confortavelmente e suavizava seus sentidos.

Ele podia sentir sua pele se esticar e contrair, o vigor de seus músculos. Seus braços e pernas eram fortes, ele era poderoso.

À sua volta, o ermo incendiado, pontilhado de arbustos chamuscados, parecia-lhe tão familiar e ao mesmo tempo tão obscuro. Ele se sentia tão acolhido e tão longe de casa.

Outra vez ele sentiu a luz suave lhe tocar os olhos. Ele ouvia chamarem por ele. Ouvia seu nome sussurrado por muitas vozes. Vozes muito familiares.

Fergus?

Alma?

– Onde estão vocês?! – gritou Arwin para a floresta desolada.

Seu espírito finalmente cedeu. A urgência de correr dali, de partir o mais rápido possível, que martelava incansavelmente na parte de trás de sua mente se tornava impossível de ignorar.

Então ele partiu.

Com todas as forças.

Ele correu.

Os passos ligeiros tocavam o solo suavemente sem produzir qualquer ruído, era como se ele flutuasse passos por entre nuvens

de carvão. Ele atravessava a floresta com uma velocidade inigualável, inimaginável. Cortava para um lado e para o outro, passando pelos tocos carbonizados de árvores gigantescas. O vento soprava em seus cabelos e ele sentia a carícia suave nos lábios.

Seu corpo estava tão leve!

A vozes ecoavam em sua mente.

Arwin sorriu.

– Fergus?! – o grito reverberou pelo que poderiam ser milhares de anos.

A névoa se tornava cada vez mais densa e precipitava gotículas refrescantes em seu rosto enquanto ele cruzava os corredores cremados. O frescor que sentia poderia fazê-lo correr para sempre.

Tudo era tão claro, tão genuíno e tão familiar, mas, mesmo assim, ele percebia que algo estava errado.

Ele sabia onde estava. Ele tinha certeza. Mas as árvores não deveriam ser negras. *Seria Vrendil?*

Uma sombra cruzou por ele em uma velocidade tão grande quanto a sua.

– Nervall?

O sussurro chicoteou o vazio.

– Nervall! – ele gritou, e era como se a floresta abrasada gritasse de volta para ele mil vezes.

– Guie-me, Nervall! Você conhece Vrendil como ninguém!

A silhueta de seu antigo guia chamou sua atenção mais uma vez e, então, ele partiu.

Suas pernas musculosas o levavam rápido, ele rasgava o vento com facilidade e a cena ao se redor se tornava um borrão negro. O cheiro fumacento enchia-lhe os pulmões.

Nervall cruzava os caminhos como o próprio vento, quando parou sem aviso e encarou o amigo.

– Você nos abandonou, Arwin! – a voz do rapaz trovejou dentro do rei caído. – Eu acreditei em você! Nós acreditávamos em você!

E então Fergus também estava lá.

– Por que você desistiu de nós, Arwin? – a voz profunda fez seu crânio vibrar violentamente. – Por que você nos abandonou, Arwin? Nós acreditávamos em você!

O nevoeiro agora umedecia excessivamente sua testa e fazia uma torrente aquosa descer por seu rosto. Sentia o cheiro forte de açafraão-da-terra e tinha dificuldade em manter os olhos abertos. A luz já não era tão reconfortante. A suavidade de antes, agora, intensificava-se lentamente e fazia seus olhos doerem em suas órbitas. Arwin lutava com todas as suas forças contra o impulso de desviar o rosto.

– Você nos deixou... Eu acreditei em você... – a voz de Alma o dilacerava. – Eu lutei por você, Arwin! Eu acreditei em você! Eu fui até o fim do mundo por você e, mesmo assim, você me abandonou! Eu acreditei em você! Nós acreditávamos em você!

As figuras, agora fantasmagóricas, encaravam-no com olhos vazios. A silhueta espectral, de um aspecto fumacento, moveu os braços na direção do rei caído. Dedos acusadores apontavam o culpado pela desgraça.

– Eu me perdi...

O sussurro doloroso ecoou por toda a vastidão corrompida. Arwin se curvou em uma bola e as súplicas de seu lamento indecoroso encheram o ar. O clamor por perdão vibrava pelo que um dia havia sido um vasto labirinto de cores, agora um ermo infernal.

– Eu me perdi... – repetiu.

– Você me abandonou! – disse Nervall.

– Você me deixou morrer! – disse Fergus.

– Você me fez acreditar! – disse Alma.

Os dedos acusadores se erguiam aos milhares.

– Você nos traiu! – o coro em uníssono.

As vozes rompiam floresta.

– Monstro! – era um coral de milhões de vozes, tão distantes, tão próximas.

Arwin tinha uma sensação estranha e seu corpo já não estava mais tão leve.

– Você nos traiu!

– Traidor! Traidor! Traidor! – as palavras tamborilavam em sua mente.

Ele sentiu seu corpo ser tragado pelo chão enquanto era rapidamente devorado pelo lodo fétido do pântano que se formava ao seu redor, podia sentir o piche viscoso invadir tudo à sua volta. A luz forte espremia seus olhos e ele tentava gritar, mas o aperto em seu peito era sufocante. Olhou para suas mãos e seu corpo era de Nervall, seus olhos eram de Alma e seu coração, de Fergus.

– Eu me perdi... – o sussurro suplicante reverberou mais uma vez.

Ele afundou e afundou, sentiu a lama do atoleiro invadir seus pulmões e apertou os olhos, sendo tragado pelas trevas.

Seu corpo bateu forte no chão duro e ele se enrolou mais uma vez em uma bola. Arwin balançava para frente e para trás compulsivamente. O abraço que ele havia oferecido a si mesmo tentava protegê-lo do mundo.

– Eu me perdi... – recitava como um mantra.

– Você não pode desistir... – ecoou uma voz que Arwin reconhecia.

– O seu destino não está completo. Você precisa nos salvar.

– Nemeria?! – sussurrou. – Eu não consigo... Eu me perdi...

Arwin levantou a cabeça e viu a silhueta incandescente da feral iluminar o mundo à sua volta.

– Você não se perdeu – ela disse sorrindo. – Você só pegou um desvio, Arwin. Você precisa se levantar e continuar a caminhar. Muitos caminhos levam para o mesmo destino.

– Eu não consigo... Eu falhei... – ele suplicava. – Eu sinto muito! Por favor... Eu sinto muito.

– Você apenas tropeçou. Venha e se levante – a feral estendeu uma mão amiga. – Venha. Trilhe seu caminho, Arwin. Cumpra seu destino, salve a todos nós!

– Eu não consigo... – ele podia sentir as lágrimas gélidas rolares por suas bochechas.

– Você consegue! Honre a força do seu povo! Honre seus ancestrais!

– Meus ancestrais... – a voz se tornava cada vez mais fraca.

Ele sentia o calor reconfortante abandonar seu corpo e se balançava para frente e para trás freneticamente. O abraço em volta de si mesmo já não o reconfortava. Sentiu uma mão quente tocar o topo da sua cabeça e se virou para encarar Nemeria mais uma vez.

– Você me salvou... Arwin – ela sorriu com afeto. – Você me salvou, Arwin!

– Eu falhei... Eu falhei com todos...

– Mas você me salvou.

– Não foi o bastante – o nó na garganta o apertava como se o próprio corpo tentasse sufocá-lo.

– Foi o bastante para mim... – respondeu a feral com um sorriso no rosto. Sua voz era reconfortante. – Você não precisa de uma arma mágica ou de um trono elegante. Não precisa de um grande reino ou rios de ouro. Tudo o que você precisa é agir, Arwin. Você pode salvar a todos nós... Uma alma de cada vez.

Arwin encarou Nemeria e se viu refletir naquele olhar penetrante. E ele era criança. Seu corpo tremia compulsivamente, ele sentia medo. Os olhos amarelos que o estudavam eram ternos e profundos. Seu corpo esquentava de dentro para fora e aquele olhar o fez sorrir, mas ele não sabia explicar por que.

Ele sentia amor.

Nemeria lhe estendeu a mão e ele aceitou.

E ele era homem.

– Você me salvou uma vez, Arwin. E pode salvar a todos nós – ela sussurrou.

A feral sorriu e suas mãos tocaram o rosto de Arwin.

– Salve a todos nós. Uma alma de cada vez.

Arwin sentiu seu corpo vibrar violentamente e depois levitar, viu as brumas ao seu redor se tornarem um turbilhão. Sentia a floresta ser tomada por um calor intenso e a precipitação em sua testa começou a escorrer mais uma vez pelo seu rosto. A luz dolorosa espremeu seus sentidos e fez sua cabeça girar.

Ele abriu os olhos e viu todos os rostos preocupados.

– Arwin! – disse Alma sorrindo entre as lágrimas. – Bem-vindo de volta!



Arwin estremeceu de sobressalto quando Enid tocou seu braço. Ele percebeu seu corpo completamente nu sob as peles pesadas que o cobriam. Estava deitado em uma cama luxuosa que ele não reconhecia. Seu olhar ainda tentava se acostumar à claridade e ele piscou várias vezes, era difícil bloquear a dor aguda que irradiava por toda a cabeça. Os olhos lacrimejaram e ele se sentia profundamente perturbado, como se tivesse sido transportado de outro mundo, como se vivesse em outra realidade, como se não pertencesse àquele plano. Olhava à sua volta e não conseguia deixar

de pensar que aquilo era surreal demais.

– Eu morri? – sussurrou Arwin com dificuldade. Uma tosse áspera acompanhou a pergunta quando ele percebeu sua garganta muito seca.

– Quase... – respondeu Alma aliviado. – Nós achávamos que você não conseguiria...

Arwin olhava em volta e ainda achava aquilo tudo muito surreal para ser verdade, ele não se sentia parte de nada daquilo.

– Quanto tempo... – era difícil formar as palavras, ele tentou se levantar.

– Quase uma lua inteira! – Enid o empurrou de volta para a cama. – Você dormiu por semanas. Teve uma febre muito persistente. Você precisa descansar.

– Onde... – a tosse rasgou seu peito mais uma vez, era uma fígada lancinante que o fazia se sentir como se as cordas vocais estivessem sendo esticadas. Sentiu outra dor pulsante no peito, como se seus pulmões não conseguissem mais se expandir.

Enid levou uma tigela de barro até ele e o fez beber lentamente, enquanto apoiava a parte de trás do pescoço do rapaz. A solução aquosa tinha um sabor asqueroso e fez o reflexo de expelir qualquer coisa da garganta pulsar uma vez mais, espremendo suas vísceras enquanto os músculos em seu abdômen tentavam expulsar o líquido nojento.

– Acalme-se... – pediu a cuidadora exasperadamente. – Você ainda está muito fraco. Vai levar um tempo para se recuperar.

– Onde estamos? – insistiu o acamado com muito esforço. Ele não conseguia virar a cabeça e só podia ver até onde os movimentos vagarosos de seus olhos permitiam. Sua boca estava rachada e ele sentia o leve sabor de sangue em sua língua.

– Estamos em Alyas... – respondeu Alma.

– Alyas?!

– Sim, Alys – repetiu o amigo com um sorriso no rosto. – É a residência de um dos nobres que não se aliou a Finn. Ele nos garantiu moradia e suprimentos para que pudéssemos lutar...

Enid lançou um olhar de alerta para o jovem soldado, que ficou em silêncio.

– O que? – questionou Arwin com urgência percebendo o gesto.

– Você precisa descansar! – comandou Enid.

– Eu estou dormindo há tempo demais, de quanto descanso mais eu preciso? – desafiou o rapaz.

Alma simulou uma tosse tentando disfarçar a risada que ele teve que engolir sob o olhar raivoso da moça.

– Não importa, você está muito fraco! – ela insistiu.

– Eu estou forte o suficiente para ouvir!

Enid apertou os lábios e implorou a ajuda de Alma com os olhos.

– Você precisa descansar, companheiro – disse o rapaz, reafirmando as orientações de Enid. – Teremos tempo para emoções, mas agora descanse, tudo a seu tempo.

Arwin suspirou, mas não insistiu. Fechou os olhos e ficou escutando os sons do mundo. Ouviu um rangido agudo das dobradiças do que deveria ser uma porta muito velha. A cabeça estava muito pesada e ele não conseguia se mexer, então aguardou. O eco de um par de botas pesadas encheu seus ouvidos e ele esperou ansiosamente para conhecer seu novo visitante.

Ele abriu os olhos lentamente e mais uma vez sentiu o lacrimejar correr por suas bochechas. A vista embaçada levou uma era para se ajustar e dar forma ao enorme borrão turvo que se mexia à sua frente.

– Ah! Que bom que está melhor, garoto!

Arwin não conseguiu acreditar em seus olhos.

Não podia ser.

Como era possível?!

Ele piscou várias vezes e apertou bem as pálpebras, perguntando se estaria morto ou se tinha perdido de vez a cabeça.

– Fergus?! – seu corpo todo tremia e as lágrimas desavisadas correram pelo seu rosto.

Em pé, na sua frente e sem qualquer sinal de violência, os olhos expressivos do seu mentor o encaravam com ternura. A armadura da Guarda dava lugar a uma camisa de algodão e uma calça de couro, mas o sorriso que Arwin conheceu desde a infância ainda era o mesmo. A voz profunda tocou fundo em seu coração.

– Agora... isso é o que eu chamo de evitar emoções fortes – disse Alma ironicamente.

Arwin fez um movimento rápido e Enid tentou contê-lo, mas foi completamente em vão. Colocou-se sentado, era como se o corpo só precisasse de um estímulo forte para voltar a responder. Ainda sentia a dor na cabeça e os olhos ardiam, mas isso não interessava mais, ele havia recuperado uma parte enorme de si próprio quando aquela voz tão familiar trovejou em seus ouvidos.

Todos os olhos admiraram o vigor renovado do rapaz.

– Eu sempre soube que você era o mais forte de nós! – disse a voz profunda de Fergus com um enorme sorriso no rosto. Ele cortou o espaço com duas passadas determinadas e o envolveu em um abraço paterno. – Que bom que está vivo!

– Agora isso... – disse Alma apontando as lágrimas de seu mentor. – É novidade.

– Como?! – perguntou a voz trêmula de Arwin, olhando para o amigo por cima dos enormes ombros de Fergus.

– Para falar a verdade, essa história não é tão incrível quanto parece – ponderou o soldado com uma mão no queixo.

Enid sentiu o olhos arderem e os lábios estremecerem e se uniu ao coro, oferecendo à sinfonia um par de lágrimas silenciosas. Alma colocou um braço ao redor da moça e a consolou com tapinhas carinhosos no ombro.

Fergus libertou Arwin de seu aperto e se afastou da cama em um movimento rápido, virando-se de costas para esconder as lágrimas que enchiam seu rosto.

– Eu estou vivo! – disse limpando a garganta. Os braços abertos e um sorriso em seu rosto. – E muito bem, obrigado.

– Mas eu vi os corpos... – tremulou o rapaz incrédulo. Seus olhos ainda não conseguiam acreditar no que estava à sua frente.

– Você viu algum corpo – argumentou Alma. – E, pra ser bem sincero, eu fiquei muito impressionado.

Os olhos de Arwin viajavam de Alma para Fergus e depois para Enid e de novo para Alma, sua cabeça girava e ele tentava juntar as peças do quebra-cabeça que parecia se formar em sua mente.

– O seu irmão... – as palavras de Fergus eram pesadas e o timbre profundo que reverberava de sua garganta dava ao assunto uma gravidade incomparável. – Ele precisava conseguir a lealdade da Guarda Real de alguma forma...

Ele se aproximou da cama mais uma vez e seus olhos eram cheios de culpa. Escolheu as palavras por mais alguns segundos enquanto encarava o pupilo acamado.

– Vallro foi o primeiro a perceber que algo estava errado – Fergus olhou para longe, tentando reconstruir os fatos em sua mente. – Quando um emissário trouxe uma mensagem avisando que você estava voltando, que havia conseguido completar sua missão e estava realmente no caminho para casa, seu irmão... Finn começou a agir de forma muito estranha, parecia ver inimigos nas sombras. Eu não percebi nada... – ele limpou a garganta mais uma vez e forçou uma tosse para disfarçar a voz que embargava pesadamente ao se lembrar do velho companheiro. – Mas Vallro.... – Fergus soltou um suspiro risonho. – Sabe como ele era. Ele viu o problema

se formando de muito longe e tentou me avisar, mas eu o ignorei... Eu tinha ordens a cumprir e ignorei os alertas o quanto pude... E isso quase custou nossas vidas. Bom... custou a de Vallro... Eles o pegaram quando ele veio me avisar do golpe que Finn daria naquela noite. Alguns membros da Guarda Real e eu conseguimos lutar nossa rota de fuga, mas foi por muito pouco.

– Mas e os corpos? – perguntou Arwin confuso. – E sua armadura?

– Era só uma armadura, e o corpo... bem... eu imagino que algum pobre infeliz acabou se candidatando involuntariamente – Fergus encarou Arwin com seriedade mais uma vez. – Eu acredito que Finn não queria correr o risco de disputar a lealdade de seus melhores soldados com o próprio capitão que os treinou desde que eram crianças.

– Foi tudo um teatro! – completou Alma dando um soquinho no ombro musculoso de Fergus. – Ele está aqui! Está bem! Eu também demorei para encontrá-lo, os rumores sobre a traição e a captura de Fergus se espalharam muito rápido. E os rumores da execução viajaram ainda mais velozes, não é mesmo capitão?

– Eu já disse que não precisa mais me chamar assim, Alma – disse Fergus.

– Você sempre será meu capitão, capitão – respondeu o rapaz sorrindo.

– Então... – Arwin se sentiu esperançoso. – Rhaella?

Enid arquejou baixinho e ele pôde ver a desesperança no rosto da moça. Seu mentor o encarou e abaixou os olhos, o sinal desfavorável se formava em um movimento sutil de cabeça.

– Nós não conseguimos encontrá-la – disse a voz profunda e pesada.

– Como você escapou?! – perguntou Arwin se virando para Enid.

– Rhaella... – a voz de Enid se quebrou em um soluço abafado. – Rhaella mandou eu me esconder e disse que algo estava errado, que Finn estava planejando alguma coisa e algo ruim iria acontecer. Ela

disse para eu me esconder, que ela viria me encontrar assim que tudo estivesse bem... assim que tudo estivesse resolvido. Ela disse que sempre me protegeria... mas ela nunca apareceu.

A moça cedeu uma vez mais ao choro que crescia em seu peito e as lágrimas rolaram sem aviso. Alma se aproximou e a puxou em outro meio abraço apertado.

– Foi aí que nós nos encontramos – intercedeu Alma, dando continuidade à história da companheira abalada. – Eu fui encontrá-la nos jardins e ela me disse que algo estava errado.

O rapaz se afastou de Enid e sentou-se na cama, ao lado de Arwin.

– Perdoe-me, Arwin – disse ele baixinho. – Eu o abandonei...

– Bobagem! – respondeu o amigo sem hesitar. – Não havia nada que você pudesse fazer!

Alma abaixou a cabeça e uma lágrima silenciosa correu por sua bochecha.

– Eu o abandonei para encontrar Enid – a voz do jovem soldado clamava por absolvição.

– Bobagem! Você caiu do cavalo. Eu não bati a cabeça tão forte assim.

– Na verdade... – a confissão se misturou às lágrimas por detrás da expressão conturbada. – Eu me joguei do cavalo para ter uma desculpa para ir encontrá-la.

Arwin olhou para o amigo por um longo tempo e Alma se perguntava qual seria a sentença por sua traição.

– É preciso muita coragem para ir encontrar uma garota cheirando daquele jeito – disse o rapaz com um sorriso no rosto.

Os ombros de Alma relaxaram e ele se virou para encarar a risadinha que Enid deixou escapar por entre os soluços.

– Não foi a primeira vez – disse a moça.

– Ei! – respondeu Alma rindo.

Fergus se levantou e andou até a porta.

– Você precisa descansar, Arwin. Eu vou mandar lhe trazerem comida – ele fez uma pausa e se virou para Alma. – Você vem?

– Sim, capitão – respondeu excitado, batendo uma continência exagerada.

Alma deu a volta na cama e acompanhou Fergus pela porta. Quando os passos deles morreram no corredor, Arwin se virou para Enid, que preparava outra compressa de ervas para a testa do rapaz.

– Eu sinto muito... – ele sussurrou. – Eu não pude salvá-la...

Ela respondeu sem se virar.

– Eu sei que onde ela estiver... ela está feliz que você tenha voltado...

Arwin tentou sorrir, mas seus músculos não responderam.

Onde ela estiver...

Capítulo XII

Perfumes, cores e traços

O perfume das flores enchia os pulmões e acalmava a mente.

Os jardins, que se espalhavam para longe no costado do castelo, eram uma vista magnífica. Um outro mundo interminável que se derramava no horizonte em corredores verdejantes formando um extraordinário labirinto de cores. O deslumbrante projeto botânico foi especialmente desenhado pelo antigo rei como um presente de casamento para sua rainha. Arwin havia planejado cada traço e detalhe ao limiar do esmero. Os ladrilhos turquesa – a cor favorita de sua amada – eram perfeitamente alinhados, como se germinassem naturalmente do solo. Aqui e ali, fontes de pedra jorravam uma água muito refrescante que umedecia o ar. Os arbustos, podados à perfeição, traziam figuras esplendorosas de formatos inimagináveis e se espalhavam por todo lugar. Pequenos canteiros, muito enfeitados, traziam uma variedade de ervas e especiarias – uma adição contrastante providenciada por Enid e Alma entre um piquenique e outro. A flora, tão diversa e colorida, era um espetáculo à parte que enchia os olhos e seu perfume acariciava os sentidos. Os delfínios, com seu anil tímido e textura delicada. As alamandas, brilhantes como o sol, com cores vivas e comoventes. Rosas, lírios, lavandas, madressilvas e peônias ofereciam doces aromas para acalmar os nervos. Do púrpura ao bordô, passando por cores quentes e vivas até o celeste sereno e afável, a pigmentação extasiante crescia para todos os lados e inundava os seus visitantes de sensações inebriantes.

O lugar perfeito, construído nos alicerces de um amor imortal, convidava para um de seus assentos de pedra que se espalhavam por todo o ambiente, convite que eventualmente era atendido por alguém que tentava fugir do mundo.

– Eu não tenho visto o senhor no Conselho ultimamente, meu velho

– disse Quimir com seu ar fatigado usual.

– Eu não vejo muito propósito em continuar atendendo a esses compromissos – respondeu a voz rouca de Balbur. – Eu garanto que o próprio rei sequer notou minha ausência. Eu suspeito que há algum tempo ele tenha se esquecido da minha própria existência. Não que isso me importe muito.

– Não diga isso, meu bom senhor. O senhor é uma figura tão imponente e necessária para o rei – bajulou o companheiro de prosa.

O velho tossiu uma risada abafada.

– Ora, Mestre da Moeda. Eu não sabia que o senhor era um adulator – ele riu mais uma vez, a ronqueira caquética crescendo em sua garganta. – Não, meu querido, já faz muito tempo que eu perdi minha serventia. O Rei Sinn tinha um tino especial para a guerra e para a conquista, mas ele nunca foi do tipo que abraçava qualquer crendice. Eu mesmo não me lembro muito bem das crenças que eu deveria espalhar. Talvez seja um sinal da velhice finalmente me alcançando. E Arwin... Ah, Arwin! Ele era um garoto formidável e nem por um momento acreditou no extraordinário...

– Por um momento... – interrompeu Quimir. – Por um momento ele acreditou. E isso foi o suficiente para o que veio na sequência. Apenas um momento.

– De fato... Mas ele era um homem extraordinário. Como nenhum outro, disso eu não tenho dúvidas. Agora, Finn... Ele tem seus próprios meios e crenças. Ele acredita que comanda o próprio destino, e quem somos nós para debater as vontades da realeza? Não... Finn não liga para nada, nem mesmo para os dons da cura. O rei acha que é intocável no pedestal que ele criou para si mesmo. Uma presunção perigosa para alguém que tem tanto a perder.

As palavras foram levadas pelo vento e os dois conselheiros ficaram em silêncio. O ar quente que preenchia a atmosfera do lugar era aparado pelo equilíbrio magistral de uma sombra fresca, oferecida por um viçoso manto de trepadeiras que se estendia por vários metros sobre o assento de pedra dos proseadores.

– Como anda Nossa Majestade real? – perguntou Quimir casualmente depois de um longo tempo.

O curandeiro levantou olhos pesados na direção do colega conselheiro.

– Ela está bem... – disse o ancião com dificuldade. – Os eventos dos últimos dias foram... inquietantes para todos nós.

– Um prisioneiro tão perigoso escapar é sempre algo preocupante. Com certeza nós resolveremos todos os detalhes em breve. Vossa Graça está tomando algo para os nervos? Com certeza algo para dormir ajudaria muito na... transição.

– Não... – respondeu o curandeiro simplesmente.

– Não?! – pressionou o conselheiro. – Só isso?

– Eu não sei o que você espera de mim, Quimir.

– Um pouco mais de... – ele sorriu por debaixo do nariz avantajado.
– Cooperação!

O ancião encarou a xícara de chá à sua frente por muito tempo e parecia tentar criar coragem para um movimento muito arriscado. Esticou uma mão enrugada, muito pontilhada pela longevidade e pelo sol quente, e agarrou o pires delicado. O tintilar tremelicoso dos utensílios encheram o ar enquanto ele trazia a porcelana para perto de seu corpo. Os dedos batiam suavemente no percurso do líquido borbulhoso em direção aos lábios rachados. O conselheiro deu um gole cauteloso na xícara de chá e olhou pelo jardim.

– Mestre Quimir... – disse Balbur finalmente, com dificuldade, saboreando o delicioso chá de hibisco. – Eu já não tenho mais certeza de quanto tempo vivi e, com certeza, todos os sinais da longevidade já apareciam no meu corpo e mente muito antes de você dar o primeiro passo.

O curandeiro levantou a mão trêmula e fez jorrar o líquido quente pela garganta mais uma vez.

– Eu vi muitos homens como você passarem por este reino – a

respiração pesada foi seguida por várias tosses. – Foram realmente muitos os que frequentaram esta corte. E eu os vi, cada um deles, com meus próprios olhos, meu caro. Um mais perspicaz e inteligente que o outro. Colhiam informações por todos os lados e administravam como ninguém os segredos adquiridos em meio aos sussurros do castelo, da corte e do povo. Posicionavam-se por todos os lados como que em um tabuleiro estratégico muito complicado, adiantando as estratégias de seus adversários inventados e inimigos imaginários.

O companheiro fez um movimento para interromper aquele discurso, mas o ancião levantou uma mão.

– Eu ainda não terminei – outra tosse suave. – Homens astutos e muito mais eloquentes, mais bem preparados, mais bem informados. Homens muito mais engenhosos até que você próprio, Mestre Quimir. Muitos passaram por este reino, muitos vieram e se foram. E eu lhe pergunto, meu caro amigo, quantos deles você vê por aqui?

– Isso é uma ameaça, velho? – a resposta foi disparada com olhos injetados e muito atentos.

Balbur riu caqueticamente e foi consumido mais uma vez pela tosse seca. Tomou um gole de sua xícara de chá e tentou, muito custosamente, recuperar o fôlego.

– Meu rapaz, em minha infância eu me dediquei à atividade mais tediosa que este reino tinha a oferecer, o que lhe faz pensar que, agora, quando eu estou ansiosamente esperando pelo abraço da morte, eu iria querer entrar nessa guerra infundável de estratégias complicadas que vocês jovens parecem sempre querer jogar, não importando quão custoso isso seja? – o curandeiro se virou para o Mestre da Moeda com olhos intensos. – Não, meu jovem. Não é uma ameaça, eu só estou tentando lhe oferecer um pouco de sabedoria e talvez uma pequena lição de história. No fim das contas, não importa o quanto você se conecta, descubre, trame ou se prepare. Ah, não! Não importa, no fim das contas sempre vai prevalecer a vontade daquele que tem o ouro sobre a cabeça. Sempre será esse indivíduo que vai decidir quais pescoços receberão as cordas apertadas ou o toque gelado de lâminas afiadas. Não importa

quantos jogos você vença nem em quantos tabuleiros. E nem quantas vidas inocentes você destrua no processo. A cobrança sempre chega... Sempre chega.

Quimir se mexeu desconfortável e coçou o longo nariz ganchoso.

– Não existem vidas inocentes. Toda vida foi, é ou será corrompida.

– Ah! – exclamou Balbur, as muitas linhas de seu rosto contorcidas em um sorriso compreensivo. – É aí que você se engana, meu rapaz! Algumas almas são puras e inocentes, e suas vidas são valiosas e contribuem para um equilíbrio delicado em nosso mundo. Equilíbrio que é a todo momento perturbado por alguns que escolhem gastar o tempo precioso sobre esta terra com jogos e trapanças. – Outra pausa para molhar a garganta com o gostoso chá, agora morno. – Ah, não, jovem Mestre. Não importa o quanto você tente se convencer do contrário ou abusar custosamente do próprio cinismo. Toda vida é sagrada e muitas almas são puras demais para serem tocadas sem que se pague um preço. E o preço, meu amigo, às vezes é alto demais para se suportar. Você não pode mudar isso, Mestre Quimir. Ninguém pode. O mundo sempre se equilibra, de um jeito ou de outro.

O ancião terminou seu discurso e se virou para longe, parando muito tempo para observar uma linda borboleta de um azulado radiante que ia de flor em flor. Seus olhos atentos acompanhavam o bater das asas bem delineados e ele podia imaginar o som suave que elas desenhavam no ar em vibrações delicadas. O Mestre da Moeda ficou mudo enquanto encarava os muitos traços no rosto solene de seu acompanhante.

– O mundo sempre se equilibra – repetiu o velho baixinho.

– E todo esse papo muito bem elaborado por uma simples pergunta sobre controle dos nervos – riu Quimir tentando recuperar a compostura de seu tom enfadonho costumeiro. – Talvez eu devesse focar mais no rei e menos em bate-papos de jardim.

– Ah, o rei... – suspirou Balbur. – Sim... o rei. O que ele fez com o Arwin foi algo terrível. Terrível!

– Nada que ele não faria com qualquer outro animal – o conselheiro fez uma pausa. – Nada que eu mesmo não faria com qualquer animal.

– Ele vai pagar! Com certeza vai pagar! – ele olhou mais uma vez para o colega conselheiro com a vista exuberando todo o cansaço que tinha sob a pele. – O mundo sempre se equilibra, Quimir. Disso não restam dúvidas.

– Você precisa controlar esse seu tom, velho – aconselhou o Mestre da Moeda com olhos injetados.

Balbur tremeu a xícara no caminho até os lábios e secou os últimos goles da infusão aromosa.

– Eu já disse, meu caro Mestre da Moeda, de nada me interessam esses jogos. Eu estou cansado. Muito cansado. Tão cansado quanto se possa estar. Eu tenho servido a este reino por toda a minha vida, tempo demais, se me perguntar. Eu servi a reis insanos no passado e já tive minha parcela de sua loucura, não vão ser as insanidades deste rei que dobrarão a minha lealdade. Eu sou leal ao rei enquanto ele se sentar no trono e uma coroa repousar sobre sua cabeça. Nem por mais nem por menos tempo.

Balbur fez outra pausa e se virou para encarar Quimir. Os olhos eram penetrantes e o colega conselheiro tentou desviar o rosto, mas ele se sentia congelado.

– Marque essas palavras, Quimir! – a voz era poderosa e intensa como o Mestre da Moeda nunca ouvira antes. – Os pecados do passado sempre voltam para a atormentá-lo.



– Eu tomei uma decisão – declarou o rei enquanto passeava por suas vastas acomodações. – Depois de muito pensar e refletir minuciosamente sobre o assunto, eu cheguei a uma conclusão necessária. Eu vou dissolver completamente o Conselho real. Vou me desfazer dele e nomear Quimir como meu conselheiro pessoal. Para mim, parece muito claro que esse seria o melhor jeito de lidar

com a situação. O que você acha?

A figura encapuzada que havia se tornado carta marcada na presença do rei ficou imóvel, sentada em um divã de cores quentes.

– Bom, não importa mais, eu não preciso mais dos outros. Eu não preciso de mais ninguém – o patriarca seguia em seu monólogo. – Aquele inútil do Sorim nunca prestou para nada mesmo, eu não preciso de outro nobre esnobe dando pitaco no meu reino. Além do mais, eu acho que seria difícil achar alguém que quisesse assumir o posto depois do que aconteceu.

O imperador parou e deu uma risadinha histérica olhando pelos portais do firmamento.

– Nobres... Nobres... Que bando de chorões desinteressantes. Pelo menos Sorim talvez ainda possa me proporcionar algo... surpreendente. E Balbur, pelos céus, o homem sempre foi tão obtuso quanto é velho e parece que vai cair duro a qualquer momento! Ele está sempre falando de alguma inutilidade fútil que eu não suporto mais ouvir.

O patriarca tagarelava alegremente pelo quarto. Ele saltitou mais outros dois ou três passos, aconchegou-se em um outro divã, perto da lareira, e se voltou para a sua companhia taciturna mais uma vez.

– Ah! Não! Eu preciso de homens capacitados ao meu lado. Aquele troglodita balbuciante a quem eu ofereci o cargo de capitão da Guarda parece ser tão burro quanto é grande, provavelmente apanhou muito na cabeça enquanto treinava para ser da elite do exército – o rei terminou a frase em um deboche ácido, uma fala mole com a língua meio para fora, como se imitasse alguém com problemas mentais muito severos.

Ele se sentia incrivelmente animado, não sabia dizer exatamente por que, mas os planos para seu reino o deixavam radiante. A fuga de seu prisioneiro já não o incomodava tanto, a certeza de que ninguém se recuperaria do que ele fez seu irmão passar o fazia respirar tranquilo. Afinal, o que é o corpo sem a mente? E, mesmo que o corpo perdure, logo ele poderia marchar sobre os corpos

carbonizados de todos os seus inimigos e finalmente purificar a terra de tudo o que era vil e odioso. Ele livraria o mundo daquilo que não era agradável ao olhos. Apenas o que era muito bonito restaria.

– Ah! – suspirou o rei. – Eu não consigo me decidir sobre um novo investigador. Esse negócio de ficar bolando leis e conciliando briguinhas é tão maçante, tão sem novidades. Mas, pensando bem, os últimos dois investigadores morreram de forma tão inútil, tão sem proposito, tão banal, o último especialmente. É uma pena que eu não pude fazê-lo pagar de verdade por sua traição. Não. Não! Eu não consigo me decidir, eu acho que vou fazer o Quimir tomar conta disso também. Sim, sim! É uma boa ideia, não acha?

Em suas muitas camadas de roupas, a estátua de pano seguia muda.

– É. Tem razão, é uma excelente ideia! – o imperador respondeu pela companheira silenciosa. – Quimir deve dar conta disso. Ele adora ter um monte de poder, vai amar receber um monte de coisas inúteis para fazer, não importa o quão desimportantes e desinteressantes elas pareçam. Ele gosta de parecer envolvido com absolutamente tudo. É realmente incrível.

O rei fez uma pausa e deu uma risadinha.

– Não é por que você não pode tirar esses trapos do corpo que você não pode me responder, sabia?

A figura fez um movimento com a parte de cima do tronco, virando-se para o patriarca.

– Eu sei que você pode me ouvir – resmungou irritado. – Bom, talvez você tenha razão. Talvez seja melhor não dizer nada, nunca se sabe quem está olhando... ou melhor, ouvindo. Realmente é uma pena ter que usar sempre essas coisas.

O soberano abandonou o conforto de seu divã e atravessou o quarto até seu cavalete de pintura. Ele se sentou na cadeira dura e amaciou as cerdas de um longo pincel na palma da mão. As cores vivas pareciam refletir em seu rosto enquanto ele analisava os traços bem delineados de sua própria imagem, forte, altivo, de feições nobres e

de corpo musculoso. Uma toga de cetim com caimento espetacular deixava boa parte do peitoral bem tonificado à mostra. A concepção trazia tons vivos de escarlate onde as mãos do rei se encontravam com as cabeças decepadas de Arwin e Aidan, uma em cada mão. Ele analisava os timbres de sua composição com muito orgulho, a policromia exuberante lhe enchia o espírito e se tornava cada dia mais excitante.

Ele se virou para a companheira imóvel mais uma vez.

– O que acha? – perguntou expectante. – As cores estão bem formuladas? O que achou dos traços? Não é muito exagerado? Eu acho que meu nariz ficou um pouco grande. Mas esse tom vermelho no rosto de Arwin... Ah! Tão bonito. Eu realmente deixei meu irmãozinho muito mais bonito, não acha?

O rei colocou uma mão no queixo e mediu a figura que o acompanhava.

– Eu deveria fazer uma pintura sua, o que acha? – indagou alegremente. – Deve ser tão quente dentro dessa coisa, não é mesmo?

Um balançar suave do capuz sugeriu a anuência.

– Oh! Eu imagino! – ele disse simulando uma expressão empática, mas a voz não carregava qualquer simpatia. – Não se preocupe. Logo o verão vai acabar e usar esses trapos velhos não será mais uma tarefa tão extenuante.

O soberano se levantou e passeou mais uma vez pelos tapetes aveludados, indo até uma mesinha muito velha e puída para se servir de uma taça de vinho. Então se voltou cantarolando para a companheira silenciosa.

– Vê? Eu vou fazer o mesmo com cada um dos animais que ousar pôr os pés na minha terra sagrada – a companhia se mexeu desconfortavelmente com o sorriso maléfico que se formou no rosto do imperador. – Eu vou desmembrar cada um desses animais asquerosos com minhas próprias mãos se for preciso.

Capítulo XIII

Caminhos cruzados

O declínio de verão já era anunciado pelos tons de castanho que apareciam nas copas das árvores.

O clima se tornava mais ameno e os dias pareciam se encurtar a cada novo entardecer. A brisa suave do outono soprava de leste para oeste trazendo consigo os aromas e cores da nova estação.

Arwin ainda se recuperava lentamente do seu período cativo. Sentia seu corpo cada dia mais forte e se ressentia das recomendações de Enid. A moça o proibia de sair do quarto, sequer o deixava se levantar. “Só mais um pouco, Arwin”, dizia ela constantemente. “Você tem que descansar, ao menos por enquanto”. Ele odiava aquela situação, ele se sentia um prisioneiro de novo. Nas raras visitas que recebera de Alma e Fergus, nenhuma notícia ou informação era compartilhada, mesmo que ele pedisse com afincos para cada um dos companheiros.

Tudo o que ele queria era sair dali, abandonar aquele quarto, esticar as pernas. A sensação de encarceramento ainda era viva demais em sua mente e ele tentava estrangular o sentimento profundo de estar sendo feito de refém na própria pele mais uma vez. Ele precisava sair dali, já havia passado tempo demais preso para durar toda uma vida.

Arwin aproveitou a ausência imediata de Enid, que havia saído para buscar mais trapos para suas compressas, e se levantou cambaleando. Sentia-se muito fraco e parecia que seus músculos não teriam capacidade de sustentá-lo em pé por muito tempo sozinho. Mas ele precisava sair, já fazia quase duas luas que ele estava ali e, mesmo que metade daquele tempo tenha sido em estado comatoso, o rapaz já não aguentava mais ficar parado encarando a madeira velha de seus aposentos. Queria sair, conhecer

a resistência que Fergus havia montado, queria conhecer seus membros e auxiliares, todos os envolvidos na contenda com o rei. E, principalmente, queria conhecer seu anfitrião e agradecer àquele que havia salvado sua vida.

Ele andou até a única janela do quarto, uma estrutura muito velha de uma madeira arredondada; os panos pesados que o vestiam dificultavam sua locomoção. Parou ao lado da abertura e sentiu seu estômago afundar quando tudo o que a vista lhe oferecia era uma paredão de pedra a uns doze passos de onde ele estava parado encarando os vitrais. O quarto era muito amplo, mas pouco iluminado. A construção de madeira dava ao lugar um ar de aconchego e estava aquecida pela lareira de pedra, que queimava um fogo baixinho. Arwin sabia que apenas um nobre de longa linhagem teria um quarto daquele tamanho para oferecer, mesmo que para um rei. *Antigo rei*, ele pensou consigo mesmo.

O rapaz andou cautelosamente até a porta. Tinha medo que seus músculos desistissem a qualquer momento do esforço que lhes era solicitado e, com um pé atrás do outro, chegou até a maçaneta, mas, antes que pudesse alcançá-la, a porta se abriu violentamente e quase o acertou. Ele tropicou vários passos para trás até conseguir se apoiar em um dos postes da cama pomposa. Arwin ficou feliz com o fato de não ter desabado no chão como um boneco de madeira.

– Você devia estar na cama! – proclamou Enid entrando no quarto em passos largos. – Quantas vezes eu já disse que você precisa descansar?

– Eu não aguento mais ficar aqui estirado! – respondeu Arwin. – Eu preciso me movimentar um pouco, fazer o sangue circular.

– Por favor, não seja teimoso, Arwin – o tom era exasperado com notas suaves de preocupação. – Você precisa descansar, você ainda não está forte o bastante! Por favor...

– Eu nunca vou estar forte o suficiente se continuar sendo tratado como um moribundo! – disparou Arwin irritado.

Enid torceu a boca contrariada e se virou para observar Alma

entrando atrás dela.

– Dê um jeito no seu amigo! – comandou ao jovem soldado.

– Ahá! Você já está de pé, finalmente! – a voz animada de Alma se espalhou por todo o cômodo.

Enid revirou os olhos e bufou alto.

– Que seja! O que eu sei, não é mesmo?! – ela grunhiu palavras incompreensíveis por mais alguns momentos. – Vá! Corra por aí! Quebre as duas pernas e o pescoço. Vá e divirta-se!

A moça se virou e saiu do quarto batendo a porta o mais forte que conseguiu.

– O que deu nela?! – perguntou Arwin confuso.

– Você não vai querer saber – respondeu Alma

– O que você fez? – insistiu o amigo.

Alma tentou simular a melhor cara de inocente que ele conhecia.

– EU?! – disse indignado.

– Vamos lá, eu te conheço. O que você aprontou? – questionou Arwin mais uma vez, com a voz mais compreensiva que conseguiu oferecer ao amigo.

– Nada, eu juro.

– Então, vocês vão se casar quando?

Alma ruborizou, mas não respondeu.

– Alma?! O que você fez para ela?! – questionou Arwin cantarolando cada sílaba do nome do rapaz

– Ela quer que eu a ensine a lutar – respondeu o amigo emburrado.

– E qual o problema? – as palavras carregavam uma curiosidade genuína.

– Tá brincando?! – respondeu o rapaz como se aquilo fosse a coisa mais insana que ele já tinha ouvido. – Você já viu como ela é frágil e delicada... Ela é tão sensível, Arwin.

– E você a ama! – disparou Arwin sem hesitar.

– Er... hum... – gaguejou Alma. – O problema não é esse, eu não quero que ela se fira.

– Pra que ela quer aprender a lutar?

Alma virou de costas e sentiu seu rosto esquentar, ele sabia que todo o sangue do seu corpo tinha ido para a cabeça.

– Ela quer lutar... – a voz tremeu e perdeu a estabilidade. – Por mim...

– E isso não é ótimo? – perguntou o amigo entusiasmado.

– É ótimo até alguém partir ela ao meio com uma espada enferrujada. Por favor, não a encoraje!

– E quando ela teve essa maravilhosa ideia? – questionou Arwin.

Alma se virou e sentou na cama.

– Desde que eu contei sobre a Nemeria ela ficou encantada com o fato de existir uma mulher tão forte, e guerreira ainda por cima – ele apoiou as mãos sobre a cama e jogou a cabeça para trás, desenhando um sorriso desprezioso no rosto. – O problema é admirar alguém de quem você ouve histórias, mas quando Nemeria apareceu por aqui, ela...

– O que quer dizer com “quando Nemeria apareceu por aqui”? – interrompeu Arwin.

– Ah, eu me esqueci de dizer. Nemeria está aqui. Nervall também, ou Onbero, ou o que quer que seja o nome dele – disse Alma casualmente.

– E quando você planejava me contar?

– Eu me esqueci – respondeu o rapaz com um sorriso sem graça.

– Leve-me até eles! – disse Arwin animado.

Eles caminharam por um longo corredor de pedra e desceram uma escada da mesma arquitetura, Alma ajudava o amigo a trilhar o caminho com cuidado, evitando o esforço desnecessário. O dia estava claro e a temperatura amena, a brisa suave da estação vindoura acariciava os cabelos dos rapazes.

Arwin olhou à sua volta e viu vários prédios velhos, alguns de uma pedra muito pesada e outros de madeira grossa, todos ligados por uma rede de passadiços da mesma lenha massiva. A estrutura peculiar formava diversos caminhos ao redor do largo pátio. Vários outros caminhos se alongavam pelo terreiro de lados iguais. Podia ver muitas trilhas de pedra e ouviu ao longe o que parecia ser uma fonte jorrando água ruidosamente para além dos muros da fortaleza. Inúmeras varandas se espalhavam pelo lugar e portas vai-e-vem eram protegidas pelas marquises feitas de tábuas espessas e davam entrada para muitos ambientes. Varões grossos para atacar cavalos, bebedouros e comedouros para os animais.

Por todos os lados, Arwin reconhecia vários rostos dos antigos membros da Guarda Real que tinham servido ao seu lado e sob seu comando. Não eram muitos e ele já se perguntava o que teria acontecido com os outros. Por cima das muralhas, muitos outros soldados, dos quais ele não reconhecia o padrão da armadura, patrulhavam os perímetros. A parte térrea do lugar estava apinhada de outra centena de pessoas. Saloios e mucamas andavam passos apressados, carregando cestas com comida, ração e feno para os animais, baldes de água e leite, cestos com roupas e outros tipos de mantimentos. A vida corria agitada dentro daquelas paredes.

Os rapazes andaram mais algumas centenas de passos e Alma controlava o ritmo da passada do companheiro debilitado, que tentava acelerar a caminhada. Por detrás de um vasto muro, o som rumoroso da água batendo na pedra de uma fonte longínqua se intensificava nos ouvidos de Arwin. Eles passaram por mais um portal arqueado nas muralhas e avistaram a fontainha ruidosa. O monumento exibia um grande homem segurando um machado de guerra em uma mão – uma arma de duas faces ornamentada com

grande riqueza de detalhes – e, na outra, um pesado malho. Arwin não pôde deixar de divagar pelo que a composição representava, um homem tão feroz que não se preocupava em carregar um escudo.

O toque pesado e vagaroso das botas no chão cru os levou para além da figura imponente. Caminhando em uníssono, como um par de gêmeos siameses ligados pelos ombros, Arwin avistou os rostos familiares de Nervall e Nemeria. Os ferais deram gritos de aprovação quando notaram a presença dos antigos companheiros de viagem.

– Finalmente de pé! – exclamou Nervall se aproximando, ao lado da companheira.

Arwin o encarou com olhos desconfiados ao perceber que o seu guia de outra vida havia retornado à sua franzina forma humana, mas a presença dos dois o fazia se sentir incrivelmente reconfortado, era fantástico tê-los por perto.

– Como... – começou Arwin.

– É uma longa história... – respondeu Nemeria interrompendo o rapaz.

– Não é tão longa assim – disse Alma. – Mas, com certeza, é incrível.

As risadas encheram o ar.

– Contem-me! Contem-me tudo! – implorou Arwin entusiasmado.

Eles passaram pela estátua mais uma vez em um passo lento. Os companheiros levaram Arwin até uma pequena mesa de pedra que ficava em uma região um pouco mais afastada da parte principal do forte e todos se sentaram em volta da tábua de pedra. Arwin não conseguia deixar de se sentir encantado com os banquinhos de madeira que haviam germinado na terra na posição perfeita e se perguntava se aquilo fora projetado para a mesa de pedra ou se a mesma havia sido construída ali para se valer daquela dádiva natural. A paisagem em volta era reconfortante, as árvores altas

bloqueavam o vento insistente da estação.

– Onde está Enid? Talvez ela queira escutar... – sugeriu Arwin.

– Ah... não se preocupe – disse Nemeria. – Ela já parece muito bem informado do assunto...

– O que quer saber primeiro? – perguntou Alma enquanto eles se acomodavam.

– Tudo! Contem-me tudo! – Arwin fez uma pausa, pensativo, e continuou. – Onde estamos?

– Nós estamos em Alys! – respondeu Alma. – É um forte-cidade à oeste de Miramir, a alguns dias de viagem de Shirim. Nós montamos nossa base aqui depois que você foi capturado.

– Base? Base de que?

– Da resistência, é claro – respondeu Nemeria.

– E como você chegou aqui? – perguntou Arwin se virando para a mulher.

– Nervall.... – respondeu Nemeria.

– Nervall? O que tem Nervall? – o rapaz ficava cada vez mais confuso.

– Ele me trouxe aqui – respondeu a feral olhando orgulhosamente para o companheiro.

– Tudo bem. E como você chegou aqui, Nervall? – perguntou Arwin se virando para o guia. – Você estava preso, todo acorrentado, na última vez em que eu o vi.

– Eu vim com Nemeria – respondeu o rapaz com um largo sorriso no rosto.

Todos riram da redundância, menos Arwin.

– Er... Tudo bem – hesitou Nervall. – Nós fugimos.

- Como assim fugiram?
- Nemeria e eu éramos prisioneiros do meu pai – continuou o rapaz.
- O que? Mas como? – a cabeça de Arwin girava. – Nemeria nem chegou perto do acampamento.
- Eles me capturaram assim que eu me separei de vocês – disse a feral.
- Eles... Nós... Bem, os ferais conseguem sentir a presença uns dos outros – explicou o guia quando percebeu a confusão nos olhos do companheiro.
- Foi assim que eles me encontraram e me capturaram – disse Nemeria. Eles iam se revezando nas respostas, um completava a história do outro. – Palamar fez um acordo com um nobre para me capturar em troca de mentir para você sobre a profecia.
- Palamar mentiu?! – Arwin parecia incrédulo.
- Eu achei que, a essa altura, você já teria entendido essa parte, companheiro – disse Alma consternado.
- Mas e a caverna do destino?

O clima ficou esquisito quando os ferais trocaram sorrisos amarelos.

- O que?! – pressionou Arwin impaciente.
- É meio complicado – disse Nervall.
- É embaraçoso – confessou Nemeria. – Muito embaraçoso, para dizer bem a verdade.

As orelhas de Arwin ficaram vermelhas enquanto ele os encarava.

- Bem... – continuou o guia engolindo a seco. – Aquela caverna, na verdade...
- Aquele é um lugar que os filhotes dos ferais vão para brincar – esclareceu a mulher interrompendo a enrolação. – Aqueles

obstáculos são para crianças treinarem os reflexos e gastarem energia.

– É verdade que você levou quase duas horas para cruzá-lo... – Nervall começou interessado, mas a pergunta desapareceu em sua garganta quando ele notou a expressão desenhada no rosto do companheiro.

Alma percebeu a tensão no ar e interveio como pôde.

– Conte a ele como vocês escaparam – sugeriu o rapaz analisando o amigo pensativo.

Arwin levantou a cabeça para esperar a história.

– Bom, para ser bem sincero, não foi tão difícil assim – respondeu Nervall casualmente. – Eu já tinha escapado antes e dessa vez foi até mais simples.

– Você já tinha sido preso antes? – Arwin se interessava mais e mais pelas histórias e não conseguia conter as dúvidas.

– Er... Bom... Na verdade... fugir foi o crime que eu cometi em primeiro lugar – ele deu um sorriso amarelo e se virou para a outra feral. – Meu crime original foi libertar Nemeria e ajudá-la a escapar e...

– Espera aí! Vocês já se conheciam? – interrompeu o rapaz. – Desde o começo?

– Sim – respondeu Nemeria simplesmente.

– E por que você foi conosco se sabia para onde íamos?

– Bem... – interveio Alma. – Na verdade, isso é culpa minha. Eu nunca disse de fato para onde estávamos indo, lembra? Eu só disse que deveríamos viajar juntos.

– Exato! – concordou a feral rosnando baixinho para Alma. – E como eu conhecia Onbero... digo, Nervall, eu não vi problemas em acompanhá-los. Mas, quando eu vi a floresta, eu sabia que precisava sair dali o mais rápido possível.

Ela fez uma pausa e suspirou encarando seu redentor.

– Mas era tarde demais, eles me capturaram assim que eu corri pela borda do vale.

– Mas por que Palamar iria querer fazer um acordo para capturar você? – as dúvidas se empilhavam. – Por que você valeria tanto a ponto de ele aceitar um acordo com meu irmão?

– Ela é mestiça – explicou Nervall quando a feral falhou em responder. – Os ferais são uma raça muito orgulhosa. Eles se recusam a se misturar e sempre que algum de nós comete esses pequenos “deslizes”, eles tentam eliminar os frutos o mais rápido possível para manter a raça pura. Por isso estamos quase extintos. Além do mais, esse negócio de raça pura é uma completa idiotice. Então, na primeira chance que eu tive, libertei Nemeria e nós fugimos do acampamento. Provavelmente não seria muito sábio voltar lá dessa vez. Meu pai já estava no limite, tanto pelo acordo que fez com seu rei quanto pela promessa que fez a você de poupar minha vida.

A cabeça de Arwin girava. Aquilo era inacreditável, as coincidências eram realmente incríveis.



Naquela mesma tarde, eles se reuniram sob o mesmo teto para jantar. Fergus e Aidan se juntaram ao grupo em uma longa mesa de freixo. Vários pratos, principalmente com carnes e ensopados, espalhavam-se pela tábua cinzenta e alguns servos passeavam para cima e para baixo servindo bebidas – eles transferiam o malte cevado de grandes canecões para os cálices de bronze de cada convidado.

O grande salão era iluminado apenas por uma longa pira que ardia no centro. Sobre o braseiro incandescente girava um imenso javali, que gotejava gordura suavemente sobre o fogo. O bicho devia ter o comprimento de pelo menos três homens grandes e certamente pesava muito mais que dez, os quatro pares de presas curvadas lhe conferiam um aspecto ameaçador, mesmo enquanto alimento.

As chamas dançantes do fogo de chão davam ao lugar um aspecto aconchegante e intimista enquanto a luz tênue forrava as paredes. O lugar era grande o bastante para receber um par de centena de pessoas, mas era apenas aquela companhia de amigos que ali se acomodava. Todos comiam em silêncio, apreciando a tensão do reencontro entre Arwin e Aidan.

E foi Arwin quem rompeu o silêncio.

– Por que... – ele começou tentativamente, mas sua voz se perdeu pelo caminho quando o capitão desertor o encarou nos olhos.

As palavras pareciam viajar pelo espaço por uma eternidade.

– Eu odeio reis... – respondeu Aidan simplesmente. – Não importa quem seja... Você não era mais rei...

Todos os olhos silenciosos passeavam pela cena e nem mesmo Alma se atreveu a tentar dissolver a intensidade do momento. Arwin tentou falar, mas Aidan continuou antes que ele conseguisse encontrar sua própria voz.

– Além do mais... eu não esqueci que aquele tirano desgraçado quase me arrancou um olho.

Aidan levou a mão até o rosto e tocou a cicatriz que deformava sua carne.

– Mas você estava lá quando... – tentou Arwin.

– Alguém precisava ficar de olho no seu irmão – respondeu a voz profunda de Fergus. – Nós precisávamos de alguém que fosse fiel e confiável para mantermos próximo a Finn. E como a maior parte da guarda desertou ou se rebelou, apenas algumas dúzias sobraram e Aidan era de longe o melhor candidato.

O capitão virou um olhar orgulhoso para o pupilo mais jovem.

– Eu fiz o que pude para assegurar minha posição nas fileiras do rei – continuou Aidan. – E, infelizmente, algumas pessoas precisaram sofrer por isso...

– Eu sinto muito... – sussurrou Arwin. – Pelo seu amigo. Eu sei que ele era um bom ho....

– Não se preocupe com isso – interrompeu o companheiro sorrindo.
– Ele odiava os reis tanto quanto eu. – A expressão do rapaz ficou grave e ele prosseguiu. – Eu só espero que você faça o sacrifício dele não ser em vão.

Um silêncio macabro se apossou do ar e parecia que até mesmo a crepitação cintilante havia cessado seu compasso sonoro sob o javali colossal.

– Nós precisamos traçar nossos planos – a voz profunda de Fergus cortou a quietude como uma navalha muito afiada. – Finn está se movendo e, pelo que nossas fontes sugerem, ele pretende atacar o mais breve possível.

– Qual é a estimativa de tempo de “o mais breve possível”? – questionou Alma.

– Dois meses, talvez menos – respondeu Fergus. – O exército que ele criou é grande demais para ser equipado antes disso.

– E com os atrasos que criamos... – disse Alma rindo. – Provavelmente nem o que comer eles têm.

– Que exército? – perguntou Arwin confuso. – Quem ele pretende atacar?

Todos trocaram olhares desconfortáveis por se esquecerem de quanto tempo Arwin esteve em coma.

– Finn... – começou Nemeria. – Finn pretende destruir os ferais... Todos eles...

– Mas ele precisa de um exército para destruir uma tribo tão pequena? – a essa altura, Arwin já se sentia encabulado de ter que fazer tantas perguntas.

– Na verdade... – intercedeu Nervall. – Nós não sabemos com certeza, mas, provavelmente, existem muitas tribos de ferais e bestiais espalhadas por aí. Principalmente nas florestas mais densas.

Arwin levantou uma sobrancelha e tinha certeza de que nunca havia se sentido tão perdido em toda sua vida.

– O que quer dizer com mais tribos? E como assim ferais e bestiais?
– ele perguntou, enfatizando a diferenciação que o antigo guia fazia das duas palavras.

– Veja bem... – respondeu o guia tentando soar o mais didático possível. – Nós... bem... os ferais, são, na verdade, uma tribo, ou uma linhagem, se preferir, de uma raça chamada bestiais. Para vocês, humanos, nós somos uma espécie humanoide de animal. Os bestiais, de um modo geral, possuem muitas formas. Somos uma raça muito diversa. Nós ferais, por exemplo, temos algumas características marcantes...

– Gatinhos... Eles são gatinhos... – disparou Alma impaciente, voltando um sorriso malicioso para Nemeria, que lhe devolveu um rosnado baixinho.

– É... – continuou Nervall. – Nós somos gatinhos. Os ferais têm fortes traços felinos e, embora alguns digam que somos uma estirpe pura, há vários em minha tribo com características diferentes. E existem muitos outros espalhados por aí.

Arwin olhou para os dois ferais confuso.

– Mas como eu nunca ouvi falar de outros? Talvez eu já tenha ouvido falar algo sobre ferais, mas achei que fosse lenda.

– Antes dessa divisão dos bestiais, há muito tempo... – Nervall prosseguiu com a explicação. – Nós tínhamos um líder comum. Ele fez um acordo com o antigo rei de Miramir, eu suponho que fosse seu pai, e os bestiais não tomariam partido na guerra dos homens. O acordo era que nós não nos envolveríamos no conflito e poderíamos ficar com as terras conquistadas do Sul.

Todos os olhos o encaravam atentos, provavelmente nenhum deles sabia nada daquilo e se agarravam a cada palavra do feral.

– Mas o seu rei nos traiu e nos empurrou para as florestas... Era isso ou a extinção – finalizou o rapaz com pesar em sua voz.

– Eu nunca ouvi falar desse acordo em toda a minha vida – disse Arwin.

Fergus se mexeu desconfortavelmente em seu assento e limpou a garganta.

– Bom, isso foi antes de vocês nascerem – proclamou a voz grave. – Eu mesmo era um jovem soldado na época. Foram tempos duros. Na verdade, as tribos do Sul eram formadas não só por homens, mas por bestas que se aliaram a eles. Quando seu pai, o Rei Sinn, ofereceu-lhes uma trégua, eles não puderam recusar. As tribos bestiais já eram escassas mesmo naquela época.

Todos ficaram em silêncio por um longo tempo.

– Nós não deveríamos alertá-los? – questionou Aidan sem levantar os olhos.

– Eles já devem saber – respondeu Fergus.

– E se não souberem? – a voz de Alma era alerta. – Nós precisamos avisá-los!

Arwin se levantou e bateu na mesa.

– Vocês esqueceram que eles queriam matar Nemeria? – vociferou o rapaz. – Se eles são animais, que sejam tratados assim!

– Você está falando igualzinho ao rei – constatou Aidan.

Todos olharam em choque para o soldado, que agora encarava Arwin intensamente.

– Nenhuma vida merece ser desperdiçada – ele completou sem desviar o olhar.

– Eu disse que ele aprenderia – sussurrou Fergus orgulhoso.

Arwin e Aidan se encararam por um longo tempo, os dois pareciam duas estátuas esculpidas uma de frente para a outra e nem o som da vasta comitiva que invadiu o salão os fez desviarem o olhar um do outro.

– Ora, se nosso visitante mais ilustre não está de pé – disse uma voz animadamente.

Arwin reconhecia a voz vagamente e, quando se virou, teve a mesma impressão sobre o rosto do velho que estrou no salão.

– Nós nos conhecemos? – perguntou meio atordoado.

– Podemos dizer que nos conhecemos de certa forma sim – respondeu a voz rasgada. – Nós nos cruzamos na estrada uma vez. Eu imagino que você estava indo para Shirim.

A memória confusa dos eventos dos milênios que ficou encarcerado na própria mente se misturaram em um turbilhão de imagens, ele se sentiu tonto e, de repente, um rosto tomou forma em algum lugar em suas recordações de outra vida.

– Você é o velho da estrada!

Todos olharam confusos para Arwin, como se ele tivesse enlouquecido.

O sujeito não parecia ter se incomodado e deu uma risada amigável.

– Eu não posso dizer que sou assim tão jovem mesmo – riu um pouco mais o nobre. – Eu sou Fagorn, Mestre de Alyas.

– Mas você é um plebeu, como pode ser o anfitrião daqui? – questionou o rapaz.

– Eu sou um homem que gosta de trabalho e de ajudar os meus servos – respondeu Fagorn de forma leve, o tom era perfeitamente casual. – Eu não sou o tipo de homem que se satisfaz explorando os empregados à exaustão.

Ele fez uma pausa e se moveu para o lado, revelando um homem alto de longos cabelos negros ondulados.

– Este é meu filho, Dichelgar – disse o nobre.

– Bem-vindo, Vossa Majestade – Dichelgar parecia ter quase a idade de Fergus. Exibia uma grossa barba negra que contornava

perfeitamente seu rosto e se alongava para além da gola da camisa, presa em uma trança apertada. Os ombros largos estavam cobertos por um casacão acinzentado muito peludo.

– Não precisa mais me chamar assim – disse Arwin ressentido. – Eu não sou rei.

– Vossa Majestade, você sempre será meu rei. Eu lutarei e darei a minha vida pelo Senhor e sua terra. Nós retomaremos o que é seu e derrubaremos o usurpador! – o homem disse aquilo com um ímpeto contagiante.

O rei caído se sentia lisonjeado e muito emocionado pelas palavras de Dichelgar. Ele ficava feliz em saber que nem todo o povo tinha lhe dado as costas e se ressentia por pensar que talvez ele estivesse feliz por não ser mais rei.

Capítulo XIV

Os silêncios da corte

Os ares eram estranhamente tranquilos na corte.

Mais uma vez, as chamas queimavam alto no salão do Conselho real. O rei encarava o fogo em pé, diante das labaredas. Com as mãos para trás, ele batia suavemente o dedo indicador no dorso de uma mão cerrada.

Com a reformulação do antigo Conselho, Quimir foi nomeado o Mestre Conselheiro e se tornou responsável por basicamente todos os assuntos relacionados à Coroa – a ele, era atribuída a tarefa de trazer à luz do patriarca tudo aquilo que seus próprios olhos e ouvidos não podiam alcançar.

O Mestre Conselheiro se sentava desconfortável em seu assento cativo e a figura misteriosa, que parecia ter olhos para todos os lados, acomodava-se suavemente na antiga cadeira de Sorim.

Quimir não se incomodava em verbalizar, sempre que a oportunidade se apresentava, seu descontento com aquela presença no Conselho. A necessidade do Mestre Conselheiro de sempre ter todas as respostas e acesso a todas as informações o corroía por dentro. Sentia-se mais e mais intrigado para saber quem ou o que estava por trás das bandagens apertadas. Ele tentava disfarçar, quase que em vão, a frustração que crescia dentro de si. Quimir não gostava de surpresas e definitivamente odiava não saber o que esperar sob aqueles mantos pesados. Em algum ponto longínquo de sua mente, ele desenhava um leproso caindo aos pedaços ou qualquer outro mendigo asqueroso que o rei havia arranjado para lhe tirar a paciência. O soberano parecia ter criado aquele teatro de panos apenas para tirá-lo do sério, e o fato de o rei estar sendo bem sucedido na tarefa o deixava ainda mais aborrecido. A figura assombrosa só ficava lá, inerte, e parecia instruída a concordar com tudo o que o rei dizia, e era exatamente isso o que o jagunço fazia. Toda e qualquer alegação, dúvida ou demanda do soberano era seguida por um acenar quase imperceptível de cabeça que fazia revoar o pano alaranjado. Mas o que mais o perturbava, o que ele realmente detestava, era o fato de que a falta de palavras, a falta de interação e mesmo a mera presença daquela criatura sobrenatural pareciam ter mais influência nas decisões reais do que os argumentos do agora Mestre Conselheiro. Não importava o quanto seu raciocínio fosse bem elaborado, sensível e construído, a anuência silenciosa do mínimo movimento parecia sempre prevalecer.

– Como anda meu exército? – perguntou o soberano despreocupadamente.

– Tudo indo como planejado, Vossa Graça – respondeu o Mestre Conselheiro.

– E isso quer dizer exatamente o que? – questionou o rei.

Quimir revirou os olhos com tanto vigor que eles doeram nas órbitas.

– Isso quer dizer que podemos iniciar a campanha em duas semanas, não menos que isso.

– O que você acha? – perguntou o soberano muito interessado, virando-se para a companhia encapuzada. – Duas semanas parece muito tempo, não é mesmo? Não... Não... Eu acho que podemos fazer em menos tempo que isso, não acha?

O conselheiro improvável assentiu novamente com a cabeça e aquilo foi demais para o Mestre Conselheiro.

– Como você pode dar ouvidos a alguém que sequer está envolvido nos preparativos?! – berrou Quimir batendo o punho na mesa.

O rei virou olhos preguiçosos para ele.

– Eu sei que você consegue fazer melhor que isso, Quimir.

– Eu conseguiria se Vossa Majestade não tivesse designado os servos para a construção daquela coisa.

O soberano disparou um olhar furioso para o conselheiro, que engoliu a seco. Ele deu a volta na mesa e parou na outra extremidade.

– Alguma notícia do meu irmãozinho? – indagou o patriarca desinteressadamente, ignorando as demandas do Mestre Conselheiro.

Quimir apertou sua mandíbula com todas as forças para conseguir refrear o impulso de gritar. Ele teve que apertar os punhos, que deram um estalo alto nas articulações para conter a vontade que tinha de socar o carvalho puído à sua frente.

– Em breve teremos – ele finalmente respondeu, friamente.

O rei completou outra volta na mesa.

– Você pode se retirar – disse o soberano apontando para o Mestre Conselheiro.

Quimir apertou os punhos sobre a mesa mais uma vez e se levantou. Ele fez uma reverência para o governante e saiu em passos pesados, fazendo a porta bater com força em seu caminho.

– Venha! – convocou o soberano se virando para a companhia que lhe havia restado. – Eu tenho uma grande surpresa para você.

Os companheiros inseparáveis – e inesperáveis – deixaram o salão dos conselheiros e passearam passos preguiçosos pelos corredores do castelo. O imperador falava sem parar e o consorte encapuzado apenas o acompanhava e fazia movimentos pontuais com a cabeça. O rei ainda simulava as mais variadas expressões e reações fantásticas, como se estivesse recebendo as mais prestigiosas respostas que o animavam muito e, mais de uma vez, ele parou pelo caminho, rindo o tempo todo que percorriam o lugar.

Aquela era a primeira vez em muito tempo que o patriarca dispensava suas mucamas de flores e seus guardiões dourados. A cidadela estava praticamente vazia. Naqueles dias, os corredores passavam a maior parte do tempo desertos, a maioria dos servos, mucamas e todo tipo de plebeus e saloios havia sido designada para uma nova tarefa – uma tarefa muito mais importante que rechear de rosas o caminho do patriarca. Quase todos foram apontados para uma pequena empreitada, que havia surgido para o rei em um sonho distante. A construção de uma bela estátua em sua homenagem. Afinal, nunca era demais compartilhar com os súditos o seu perfil austero e bem quisto. Um pequeno monumento em tributo à sua benevolência e compaixão não seria de todo mau. Ele estava salvando as pessoas da fome, no fim das contas.

Eles passaram os longos corredores sem encontrar viva alma e o vento uivava suavemente pelas pedras.

– O clima está ótimo para um passeio pelo campo, você não acha? – indagou o patriarca enquanto passavam pelo largo umbral que separava o campo de treinamento da corte.

O passeio tranquilo sobre os novos ladrilhos argilosos que carregavam a silhueta do rei os levou até os estábulos, onde o rei demandou seu cavalo ao tratador. Ele instruiu o servo que queria o animal apenas com as rédeas, que não seria necessário selá-lo – seria mais difícil para eles se acomodarem juntos na sela.

O criado se ajoelhou do lado do alazão negro e serviu de escada tanto para o rei quanto para a companhia fantasmagórica. Os dois

se acomodaram nas ancas do animal e partiram para mais um trecho da destinação misteriosa.

O caminho pedregoso ecoava sob os cascos do ginete, mas o passo era lento e despreocupado. O governante apreciava a liberdade que havia conquistado de poder andar pelas ruas da cidade sabendo que estava completamente seguro, sabendo que tinha mostrado a todos, na imagem de seu querido irmão, o que aconteceria com qualquer um que pisasse no lado errado do patriarca.

As ruas da cidade pareciam tão desertas quanto o próprio castelo e apenas um som estridente e distante ecoava no ar, muito baixo para dizer a origem. Os pássaros cantavam alegremente, o dia estava muito claro. Apesar da brisa gelada, o sol aquecia o rosto e os corpos.

O rei gostava de admirar a obra que havia criado. Ele se deleitava sobre o que havia conquistado nas ruas de sua capital. O lugar nunca esteve tão impecável. Ele poderia encarar o próprio reflexo no ladrilhos, um a um, orgulhosamente, como se olhando para a criação de sua própria grandeza. Ele gargalhou várias vezes, contemplando o trabalho maravilhoso que algumas árvores que figuravam o seu rosto carregavam; os pequenos arbustos esverdeados com coroas floridas em sua homenagem.

Sim, sua cidade havia se tornado uma vista exuberante.

O casquear de sua montaria contra a pedra foi se misturando gradativamente aos baques pesados e ruídos metálicos sibilantes. Mais alguns poucos minutos de passeio desprentensioso os levaram ao centro de Miramir.

– Veja! Veja! – impressionou o soberano apontando para a imagem à sua frente. – Não é magnífica?!

Surgindo, por cima das centenas de telhadinhos, sobre um gigantesco pedestal, projetava-se aos céus uma estátua de proporções colossais. A figura, que representava o próprio imperador, estava inacabada, mas já se alongava para além da altura de cinquenta homens. O monólito de pedra ainda carecia de características físicas, como os braços e detalhes faciais, mas a

coroa de dimensões impossíveis deixava muito claro o propósito daquele trabalho arquitetônico.

– Você gostou? – insistiu entusiasmado. – Ela não é maravilhosa?!

Ele sentiu a figura anuir em suas costas com um balançar de cabeça.

O rei virou o rosto para observar enquanto passavam e dedicou um longo tempo a encarar a execução da obra. Ele a olhava animado, de cima a baixo, e regozijava a própria capacidade de criar coisas bonitas e grandiosas. A estátua parecia estar segurando o próprio céu.

Eles continuaram o passeio tranquilo e o soberano guiou o cavalo para fora da cidade, quando, no limiar do campo, adotaram um trote suave em direção ao dia calorento. O rei nem se lembrava da última vez que havia ficado sozinho a céu aberto, ainda mais sem seus guardas. Mas ele não estava impressionado com a própria falta de preocupação, afinal ele não poderia ser tocado por nenhum homem naquela terra. Ele era o maior rei que Galabor havia visto. E logo ele dizimaria todas as aberrações do mundo e seria o soberano apenas de coisas bonitas.

Depois de um longo tempo, quando o dia já pensava em se despedir e pequenas nuvens se formavam no céu, eles apearam do cavalo e entraram em um pequeno casebre no meio do nada.

A figura encapuzada seguia cada movimento do rei sem hesitar. O soberano saltitou pelo curto caminho e entrou por uma porta muito desgastada. Um cheiro forte de vinho barato e suor azedo parecia se grudar no ar.

– Ah! Como estamos passando, meu caro conselheiro? – perguntou o patriarca amigavelmente.

Sorim estava acorrentado com os punhos e tornozelos muito rentes à uma mesa de madeira grossa e pesada, a mobília era meio inclinada para que ele pudesse encarar a porta o tempo todo. O nobre tentou virar a cara, mas não conseguia evitar de tentar dilacerar o rei com os próprios olhos. Ele era uma sombra do homem vistoso que um dia havia sido. Sorim estava completamente

nu e jogado sobre o aparato projetado para diversão de seu soberano. As pelancas que se esparramavam por cima de seus ossos eram a manifestação perfeita do que ele foi um dia; a pele flácida servia para lembrar ao encarcerado do homem vultoso que já habitou aquele corpo. Os muitos quilos perdidos e a carranca faminta denunciavam o tempo que ele estava ali, semiesquecido pelo mundo; esquecido por todos, menos pelo rei.

O rei se lembrava.

– Como?! – gemeu o prisioneiro.

– Como? – questionou o patriarca ainda de um jeito muito amigável. – Ah... Como eu sei sobre esse seu pequeno palacete de diversões?

O imperador magnânimo andou até o prisioneiro e lhe apertou um dos mamilos, o homem grunhiu de ódio babando por entre as bochechas e escorrendo pelo peito enquanto tentava se mover na direção do soberano.

– Quimir – disse o rei simplesmente. – Ele me contou sobre suas pequenas aventuras com jovens da corte e do seu pequeno vilarejo. Muito recompensador ter um homem como Quimir por perto. Para falar bem a verdade, eu fiquei muito impressionado quando meu novo Mestre Conselheiro me deu detalhes dos seus hábitos. Eu fiquei mesmo. Ter tantos... pupilos e nunca ter sofrido com a fúria de seus servos e plebeus? Sim, realmente muito impressionante. Talvez Quimir estivesse certo. Talvez você nunca perdesse nenhum deles de vista.

– Por quê? – questionou Sorim em outro gemido quase incompreensível.

– Por quê?! – vociferou o rei perdendo a calma pela primeira vez. – Você destruiu uma coisa bonita, Sorim! Você destrói coisas bonitas o tempo todo! Como esse seu corpo asqueroso e essa sua boca nojenta que não para de comer e beber. Essa sua necessidade doentia e esse seu desejo repulsivo de estragar as coisas belas da natureza.

O soberano se afastou respirando fundo.

– Você me fez destruir uma coisa bonita! – berrou o rei descontrolado. – Você vai pagar por isso!

O patriarca limpou a baba que escorria por seu queixo e cruzou o quartinho em passos furiosos. Ele andou até o painel de madeira que ficava atrás da porta, agarrou um instrumento metálico de ponta cilíndrica e o levou até o fogareiro. Abaixou-se abaixou e fez as chamas queimarem, enfiou o objeto de ferro fundido no fogo e voltou sua atenção para o prisioneiro mais uma vez. Suspirou relaxando os ombros e saltitou – recuperando a animação que tinha quando chegou às portas da casinhola – até uma mesinha, onde seus muitos instrumentos de diversão cintilavam timidamente na luz fraca do casebre. Ele parou por alguns segundos com a mão no queixo, ponderando sua decisão, agarrou uma de seus brinquedos cortantes e dirigiu um par de passos em direção ao seu ilustre convidado.

O soberano se colocou ao lado de seu antigo conselheiro e esticou a mão que segurava a navalha afiada, a lâmina gelada tocou suavemente a pele do cativo.

Ele hesitou mais um momento e se virou para sua companhia encapuzada.

– Você quer ver eu me divertir com ele?

Por vários segundos a figura não se mexeu, parecia nem respirar.

O consentimento veio em um movimento suave da cabeça, que foi imediatamente seguido pelo grito estridente do nobre. O fino corte em sua pele quase não escorria sangue, mas Sorim o sentiu arder profundamente. O suor salgado fazia a ferida latejar.

– Por favor! – implorou. – Eu faço qualquer coisa!

O soberano o encarou com o ódio renovado.

– Por gentileza... – ele olhou para o nobre e, depois, para a parceira encapuzada. – Pegue aquele ferro no fogo.

A figura caminhou passos suaves, que pareciam não produzir qualquer som na madeira apodrecida, era como se flutuasse suavemente sobre o chão. Pegou o ferro incandescente e deslizou de volta para o rei, parando ao seu lado como uma presença de outro mundo.

– Quer ter as honras? – o imperador perguntou baixinho.

Os muitos panos que cobriam a consorte balançavam para os lados, como se ponderando. O cheiro forte de carne queimada se fundiu a outro grito agonizante do prisioneiro.

– Por favor! – suplicava Sorim entre a baba e o choro forçado; talvez o antigo Mestre dos Nobres fosse incapaz de produzir lágrimas, ou a própria alma havia secado pelos malfeitos.

– Tire isso, está muito quente aqui – demandou o soberano. – Vamos. Pode tirar.

A companhia encapuzada hesitou por um instante e depois começou a se despir. Ela ergueu o capuz e o jogou por cima dos ombros, depois tirou lentamente o casacão que repousava sobre a longa bata e começou a desenrolar as bandagens que cobriam o seu rosto firmemente.

Os olhos de Sorim se arregalaram.

– Não! – gritou o prisioneiro. – Não! Não é possível! Eu vi lhe cortarem a cabeça! – O nobre, que já carregava feições doentias, ficou ainda mais pálido. As órbitas de seus olhos ficaram ainda mais arroxeadas e uma cianose aterrorizante tomou conta de seus lábios, como se visse uma assombração. – NÃO! EU VI A CABEÇA ROLAR! – berrava desesperadamente enquanto encarava os olhos amendoados de Loran.

– Bom, você certamente viu alguém morrer – declarou o rei despreocupado. – E eu sei que antes de ser trazido para cá, você passou esse testemunho adiante.

Os olhos de Sorim se apertaram em compreensão.

– Por favor... Loran – choramingava o nobre.

O rosto do rapaz se contorceu em um sorriso maligno quando ele se aproximou do prisioneiro novamente com o ferro em brasa.

Os gritos agonizantes jamais chegariam a quaisquer ouvidos.

Capítulo XV

Passado e presente

A manhã fria aguçava os sentidos.

Arwin acompanhava atentamente todos os movimentos de seus companheiros – novos e antigos – enquanto eles praticavam diversas técnicas de combate. Seus antigos parceiros de viagem, os membros-desertores da Guarda Real que acompanharam seu capitão no motim e vários servos participavam dos exercícios de guerra. Fergus achava essencial que todos atrás das fortificações fossem capazes de engajar em combate caso fosse necessário, afinal de contas todos ali eram procurados por crimes contra a Coroa. O instinto do veterano de guerra o fazia acreditar que era sempre melhor se preparar com antecedência do que se arrepender depois.

Ao lado do rapaz, Enid observava com olhos ressentidos enquanto Alma dava instruções complicadas para um grupo de soldados e camponeses sobre como empunhar a espada de forma eficiente e táticas de combate corporal. Ele se mexia para frente e para trás e demonstrava em um voluntário como se desvencilhar de um atacante que estivesse em posição vantajosa no campo de batalha.

Em outro ponto do pátio, Nervall e Nemeria trocavam socos violentos sem muita preocupação em se proteger. Revezavam as pancadas viciosas que davam contra os corpos um do outro, com apertos selvagens enquanto tentavam estrangular ou imobilizar o oponente pelos braços ou pernas. Os sons da batalha feral enchiam o ar no espaço particular que eles tinham adotado e deixavam a égua de Aidan, Skarlet, nervosa. Arwin observava a forma franzina de Nervall e se questionava a que nível de ferocidade a fúria do

rapaz chegaria se estivesse em seu estado bestial completo.

No centro do pátio, em um chão embarreado, Fergus e Aidan trocavam golpes poderosos de espada. O jovem, que já era extremamente habilidoso quando Arwin o conheceu, havia melhora muito, suas habilidades eram realmente um deleite para todos os olhos atentos. Mas, mesmo com a melhora significativa, ele ainda não era páreo para a força e destreza de Fergus. Mesmo o tamanho avantajado do capitão não o privava de uma velocidade fora do comum, ele era rápido demais para ser batido.

Em um golpe particularmente impetuoso, que foi aparado por Fergus sem muita dificuldade, Aidan cambaleou vários passos para frente e fez Arwin se recordar, com um olhar nostálgicos e um pouco preocupado, daquele dia de seleção. Ele não parecia ter sido o único a se lembrar.

– Parece que alguém nunca aprende mesmo! – gritou Alma rindo.

Aidan o encarou com olhos ferozes, mas foi Fergus quem falou.

– Você acha que é páreo para mim, garoto?

– Eu não estava falando de você, capitão – respondeu Alma engolindo a seco.

– Mas está falando de um soldado bem treinado da minha guarda – impressionou Fergus. – E se tem algum problema com a forma como ele luta, você tem um problema comigo!

Todos pararam para observar.

– Só estou dizendo que esses ataques desajeitados, com muito mais força do que jeito, vão acabar matando o garoto – Alma buscava estabilidade na voz trêmula. – Ao invés de matar os inimigos, ele vai acabar se empalando sozinho se atirando dessa forma.

– Você acha que pode vencê-lo? – perguntou Fergus muito sério.

Aidan se mexeu desconfortável ao lado do capitão.

– É uma piada, certo? – respondeu Alma sarcasticamente. – Só

porque ele ganhou um cargo de capitão na corte de um rei demente não quer dizer que ele saiba lutar. E eu suspeito que o fato de ele ter sido o único que sobrou na Guarda teve um peso enorme na decisão.

Todos riram e Alma continuou.

– Vamos lá, Fergus. Ser capitão em um batalhão de um homem só não faz dele um soldado, sequer um guerreiro de verdade.

Aidan deu um passo à frente, mas Fergus o restringiu com um braço.

– Você acha que pode vencê-lo? – repetiu Fergus gravemente para Alma.

– Capitão, por favor. Até o Arwin conseguiria ganhar dele – Alma se virou para o amigo. – Sem ofensas, companheiro.

– Não me ofendi – respondeu Arwin rindo.

– Eu achei que havia lhe ensinado a nunca subestimar seus adversários – disse Fergus.

– Eu não estou o subestimando, eu já o vi lutar – respondeu Alma impassível. – Eu já o vi lutar e não me impressionou.

– Já faz um tempo que você o viu lutar – insistiu o capitão. – Talvez devesse controlar a sua língua.

– Vamos colocar as habilidades dele à prova então – respondeu o rapaz perdendo a paciência.

Fergus olhou para Aidan e fez um gesto com a cabeça, o rapaz abriu um sorriso de aprovação e caminhou até seu adversário.

Alma estava completamente relaxado, os muitos anos a serviço do exército e o tempo que passou na guerra quando era garoto o ensinaram a manter a mente calma e o sangue frio em suas veias.

– Tem certeza disso, garoto? – perguntou Alma.

Aidan soltou um grito de guerra e se lançou ao ataque. Alma observou de olhos arregalados o ímpeto assassino no olhar de seu desafiante, que o atacava furiosamente. O rapaz lançou dois golpes de espada por um lado e outros três pelo outro, mas todos morreram no ar, Alma desviava facilmente de cada tentativa do oponente, ele se mexia fluidamente de um lado para outro, evitando os movimentos furiosos de Aidan.

– Parece que não mudou muita coisa, afinal de contas – disse Alma rindo. – Quer vir tentar, Arwin?

Aidan lançou mais um golpe de espada de frente e seu adversário desviou para o lado, então o rapaz cravou o calcanhar no chão e rodopiou com outro ataque na altura de cintura, que Alma aparou com a própria espada e deu um cascudo na testa de Aidan.

– Isso está tedioso – disse Alma. – Vamos tentar novamente outro dia.

Ele se virou e andou para longe sem se preocupar.

– Não vire as costas para ele! – gritou Arwin se lembrando do dia em que conheceu o rapaz. Ele tropeçou para frente e caiu com o rosto pressionado na lama. Todos se viraram para encarar o jovem cambaleante, mas Aidan já havia guardado sua arma e encarava Alma com os olhos cheios de respeito.

Dicelgar se aproximou correndo.

– Vossa Majestade! – gritou o homem muito preocupado. – Por favor, você precisa descansar, Vossa Graça.

Ele ajudou Arwin a se levantar e ajeitou-lhe as roupas, limpando toda a sujeira de suas vestes.

– O Senhor está bem? Por favor, sente-se aqui – o homem praticamente carregou Arwin para se sentar em um banco de madeira não muito longe dali.

Fergus se aproximou com olhos sérios.

– Aidan é um homem de honra, ele não é mais um mero aspirante –

disse com a voz grave. – Não subestime um homem de minha guarda.

Arwin olhou por cima dos ombros de Fergus e viu os dois rapazes que haviam recém se enfrentado em batalha conversando em termos perfeitamente civilizados. Ele viu Alma dar um e outro conselho para Aidan, fazendo gestos no ar e oferecendo instruções de como se movimentar sem a espada. Arwin se sentiu profundamente envergonhado.

– Não precisa ser tão duro com ele! – declarou Dichelgar indignado. – Depois de tudo o que ele passou!

– Ele não precisa de você para defendê-lo! – vociferou o capitão se projetando sobre o homem.

Dichelgar se encolheu na própria pele e mesmo ele, tão alto e robusto, parecia desaparecer na presença de Fergus.

– Eu... eu... – tentou dizer.

– Não se preocupe... – interferiu Arwin colocando a mão sobre o ombro de Dichelgar. – Eu já estou acostumado com isso. Eu aguento essa seriedade há muito tempo.

Arwin sorriu para o homem que parecia perfeitamente confuso.

– Mas Vossa Graça é um rei – ele insistiu. – O seu sangue real vale muito mais do que os chiliques de um capitão desonrado.

Fergus e Arwin trocaram olhares e depois encararam o homem. Eles pensavam exatamente a mesma coisa: como ele poderia ser tão devotado a ponto de desafiar a estatura de Fergus?

– Olha... – começou Arwin tentando soar o mais educado possível. – Fergus é um grande homem e me ensinou muita coisa. Ele é como um pai para mim e sempre vai me tratar exatamente como tal...

– Mas o Senhor é um rei! – insistiu Dichelgar. – Ninguém pode falar assim com o Senhor!

– Chega! – Arwin perdeu a paciência e sua voz ecoou nas paredes

do lugar. Dicelgar abaixou a cabeça envergonhado. – Eu não sou mais o rei! – a voz era poderosa pela primeira vez em muitas luas. – Meu irmão fez questão de garantir isso. Eu não sou mais o rei e nunca quis ser. – Arwin se levantou sobre o homem. – Eu não quero mais esse tipo de responsabilidade em minhas costas – seus olhos se encheram de lágrimas e a voz se quebrou, embargada. – Veja tudo o que esse título nojento me fez passar, você acha que eu me importo com isso? Você acha que eu preciso de você para me proteger?

Ele tentou andar para longe, mas dois passos foi tudo o que ele conseguiu dar antes de ir ao chão mais uma vez. Alma e Enid se aproximaram e o ajudaram a se levantar.

O rei caído os afastou e ergueu-se com dificuldade.

– Eu nunca mais serei rei – ele disse enquanto se afastava lentamente.



– Eu sabia que iria encontrar você por aqui – chamou Alma, aproximando-se. – Quer companhia?

Arwin olhou o amigo se achar e deu de ombros. O rei-caído estava sentado ao lado de uma fonte de pedra que jorrava água gelada para todos os lados. Do que quer que tenha um dia ocupado aquele espaço em cima do pedestal esmerilhado, agora só restava o toco de um ornamento rochoso. As sobras grosseiras da finada obra de arte faziam com que a água, esguichada para o alto, batesse forte e inundasse os arredores do viridário obscuro.

– Você está bem? – insistiu o jovem soldado.

O rei-caído encarava os próprios joelhos, sem oferecer qualquer coisa ao amigo de infância. Ele ainda se sentia fraco, apesar de demonstrar o completo oposto.

– Eu sei no que você está pensando, Arwin – continuou Alma solene. – E eu sei que isso sempre passa pela sua cabeça. Sempre ali, martelando infinitamente em algum lugar da sua mente. É como um mau hábito. Um vício silencioso. Um costume involuntário que te

consome diariamente. Eu sei que você sofre, meu amigo. Eu sei que isso é doloroso para você e que, às vezes, as coisas parecem completamente injustas, e o mundo parece desequilibrado. E eu sei como é difícil para você passar por tudo isso e ter que pensar todos os dias consigo mesmo: “Céus, como o cabelo do Alma está sempre tão brilhoso?”.

Arwin não teve a menor chance e, depois daquele discurso muito sério, ele explodiu uma gargalhada involuntária.

– Ah! Aí está ele! – bravejou Alma alegremente. – Já estou entendendo. Você só precisa de um pouco do aroma gostoso das minhas madeixas.

O jovem soldado se aproximou do amigo e tentava esfregar os cabelos em seu rosto. Arwin se protegia como podia dos avanços de Alma.

– Pare com isso! – ele tentava se defender em meio às risadas. – Já chega! Já chega! Você me pegou!

Alma se afastou e encostou na fonte molhada, ao lado de Arwin, e os dois continuaram a rir por um longo tempo.

– É bom te ver sorrindo – declarou o jovem soldado jubilante. – Eu nem lembro qual foi a última vez que eu o ouvi rir assim.

– Eu gostaria de me lembrar – respondeu o rei-caído, voltando a encarar os joelhos. – Às vezes, eu sinto que vivi várias vidas e cada uma delas acabou em desgraça, Alma. Eu sinto que, em todas vezes que eu achei ter encontrado o meu lugar, que pensei saber quem eu era e o que eu queria, o destino fez questão de me mostrar o tipo de tolo que eu sou e me fez comer toda a terra que havia pelo caminho.

– Achei que você não acreditasse em destino – analisou Alma. Ele deu um suspiro e olhou para o amigo. – Eu sei que você nunca quis nada disso. Ser rei. As responsabilidades. Mas chegar ao ponto de dizer que o destino lhe deu uma rasteira é um pouco forçado, não acha?

– O que quer dizer? – questionou Arwin com uma sobrancelha em pé.

– Bem... – Alma se mexeu desconfortável e buscava a melhor forma de dizer aquilo para o companheiro amuado. – Talvez você dizer que todas as vezes o destino o fez comer merda é um pouco... exagerado. Veja bem, as suas aspirações como capitão da Guarda Real foram desmanteladas pelo falo de seu pai tê-lo feito rei. E, por mais que eu saiba que você odeie isso, você caiu para cima. Não dá para comparar os banquetes reais com os pães embolorados que a maioria das pessoas no reino come.

O jovem soldado fez uma pausa e analisou as expressões. Arwin parecia perdido, confuso. Seus olhos se moviam para um lado e para o outro como se tentassem enfocar algo muito difícil de acompanhar.

– O que Finn fez com você foi uma coisa horrível – continuou Alma quando a objeção não aconteceu. – De fato, o que ele fez com você e sua família é algo imperdoável. Mas sua vida não se resume a isso. Você não pode condensar todas as estações que você viveu em apenas um evento doloroso. E, veja bem, eu estou dizendo de um evento realmente problemático, e não das coisas não saírem exatamente do jeito que você queria e esperava. As coisas nem sempre saem como o esperado e nós precisamos reconhecer que a vida não é justa. Precisamos levantar a cabeça e seguir em frente. Agarrar o que é bom e abraçar quem nós amamos. Trilhar o caminho é a única forma de completar a jornada.

Arwin ouvia atentamente o discurso do amigo e se agarrava à cada palavra que ele dizia. Os olhos ligeiros acompanhavam o gesticular loquaz do jovem soldado.

– Nós estamos vivos! Estamos bem! – seguiu Alma impressionante. – Nós temos uns aos outros, e nada pode tirar isso da gente. Por mais que um de nós caia, o outro sempre virá em nosso auxílio. E é isso o que realmente importa, Arwin. O passado sempre terá o poder de nos causar as feridas mais dolorosas. Deixe-as partir, dê espaço para viver o agora. Deixe seu sofrimento de ontem para trás.

– Desde quando você é tão eloquente? – indagou Arwin meio

boquiaberto.

– Enid... – Alma ruborizou de leve. – Enid fala bastante sobre superar dores... Você sabe como é...

– É, eu sei...

– E ela está certa! – insistiu o jovem soldado. – Você devia mudar seu ponto de vista!

– Eu não sei quem eu sou, Alma... – suspirou o rei caído. – Talvez eu nunca soube e nem nunca saberei. Eu me sinto sufocado, o tempo todo. E talvez Finn esteja certo. Talvez eu era realmente uma criança hipócrita brincando com uma coroa. Talvez eu sempre estive tão focado em mim e nas coisas que não saíam como eu esperava que nunca notei nada à minha volta. Nem mesmo o homem que me serviu por tanto tempo...

– Qual homem? – interrompeu Alma curioso.

– Aquele sacerdote... – respondeu Arwin exasperado, colocando a cabeça entre as mãos. – Você se lembra? O que contou a profecia... Finn me contou, e depois repetiu várias vezes que ele era, na verdade, um dos servos do castelo e que servia minha comida todos os dias.

– Bom, eu não acho que isso seja bem verdade...

– O que quer dizer? – perguntou Arwin desesperadamente.

– Bem... – ele tentava formular o que diria da melhor forma possível. – Aquele velho nunca nem esteve perto do castelo. Ele era o taverneiro de alguma bodega da cidade... Finn tentou matá-lo assim que você foi capturado. Eu imagino que ele não queria correr o risco de essa informação vazar e chegar até você. Mas ele conseguiu fugir, na verdade, e quando ele descobriu as tramoias do merdinha, veio correndo confessar tudo para Fergus.

– O que?! Ele está aqui?

– Infelizmente, não. Eu gostaria muito que você ouvisse do próprio patife, mas não vai ser possível. Ele morreu algumas luas depois de

confessar – Alma fez uma pausa pesarosa. – Acontece que o tom de vermelho do sangue dele era do tipo certo mesmo... O tipo que matava.

Arwin abaixou a cabeça e mais uma vez a torrente de informações pela qual ele havia sido banhado nos últimos dias inundava todos os cantos de sua mente.

– Mas não se preocupe. Tudo vai ficar bem agora, não fique mais pensando nessas coisas – sugeriu Alma tentando mudar de assunto. – Você sempre se safa de tudo. Que nem naquela vez que ficamos presos naquele galpão. Nós estávamos completamente cercados. Lembra? E naquele dia ninguém ficou choramingando por estar em uma situação difícil.

– Pelo que eu me lembro... – trovejou uma voz profunda. – Vocês não ficaram presos lá. Vocês tiveram que se trancar lá dentro para fugir de um batalhão inimigo.

Os dois amigos de infância se viraram para observar Fergus se aproximando.

– É verdade! – riu Arwin. – De quem foi mesmo a ideia idiota de entrar no acampamento deles e tentar fazer a fama de rei do batalhão inimigo?

– De quem será, né? – disfarçou Alma. – Águas passadas... Águas passadas... Eu acabei de fazer um discurso maravilhoso sobre esquecer o passado.

– Superem o passado, mas não esqueçam as lições que ele ensinou – declarou Fergus.

Alma se perguntava se o capitão escutara muito da conversa e pensou como aquilo completava perfeitamente o que ele tentava explicar para Arwin. Era impressionante como seu mentor sempre parecia saber o que dizer.

– E, se me lembro bem... – continuou Fergus. – Se eu não tivesse chegado a tempo, teríamos um rei e um bobo da corte a menos no reino.

– Ei! – queixou-se Alma.

– Você sempre esteve lá pra nos salvar, Fergus – disse Arwin. – Todas as vezes que Alma nos colocou nas situações mais absurdas, você apareceu como um milagre e nos resgatou.

– Ei! – repetiu Alma. – Eu tenho sentimentos, sabia?

Os três veteranos de uma guerra muito distante se uniram num riso gáudio.

– Eu sempre estarei – assegurou Fergus. – Não importa o que aconteça. Eu sempre estarei lá para salvá-los!

Capítulo XVI

Luar sombrio

A lua crescente banhava todos os cantos da terra com sua luz pálida.

O vento, que soprava uma brisa gelada por cima da muralha, era o prenúncio do inverno. O outono havia passado como uma flecha e as correntes nebulosas da nova estação se aproximavam.

Um sopro fresco acariciava com ternura a pele de Alma, mas não o fazia tremer tanto quanto a presença da companhia de que mais gostava em todo o mundo. O olhar esmeralda de Enid esquadrinhava o horizonte e o jovem se perdia no brio luminoso que cruzava o rosto da moça. A joia preciosa que ela carregava nos olhos refletia a resplandecência lunar e o enchia de emoção. Os dois estavam sentados em banquinhos de madeira e se deleitavam mutuamente com a companhia silenciosa enquanto encaravam o infinito à frente.

A melodia reconfortante que o devaneio soproso desenhava pelo céu turquesa parecia tocar uma valsa de compasso enamorado

apenas para os dois.

– Você prometeu! – Enid virou olhos determinados para Alma.

– Prometi o que? – ele se fez de desentendido.

– Você disse que me ensinaria a lutar! – ela apertou os olhos e sentiu seu rosto esquentar.

– Ora, eu estou ensinando! – um sorriso sem graça se desenhou nos lábios dele.

– Não como deveria! Aquela idiotice de dar socos no ar é completamente inútil, eu vi o que você fez com Aidan no outro dia – pressionava Enid.

– Aquilo foi diferente – explicou Alma muito sério. – Ele precisava de uma lição.

– Você só queria se mostrar, como sempre... – disse a moça cruzando os braços e dando as costas para o rapaz. – Você só se importa com chamar a atenção.

Ela soltou um grunhido incompreensível de frustração e acusou.

– Você faz de tudo para chamar a atenção daquela felina cuspidora de pelos!

– O que quer dizer? – questionou Alma irritado.

– Você sabe muito bem o que eu quero dizer! – bradou a garota. – Você passa tanto tempo tentando impressionar Nemeria que se esquece das suas promessas.

Alma se levantou ofendido.

– Não faça isso!

– Fazer o que?!

– Você não tem o direito de sentir ciúmes – disse o rapaz consternado. – Você sabe muito bem o que eu desejo.

– O que você deseja não importa – ela se levantou também e o encarou com olhos furiosos.

– É claro que não, só a vontade da princesinha importa, não é mesmo? – ele vociferou ainda mais irritado do que ela. – Cadê sua irmãzinha para fazer todas as suas vontades?

No momento que suas palavras deram partida com os lábios, Alma percebeu que tinha ido longe demais e o dano que havia causado. Enid se virou de costas e tentou correr para longe, mas seu companheiro fez um movimento rápido e a segurou pelo braço, puxando-a para perto do seu corpo.

– Desculpe-me – ele disse baixinho, pressionando seu corpo contra o dela.

Ele podia ouvir a moça choramingar encostada em seu peito.

– Eu deveria... – ela disse de um jeito abafado. – Eu deveria me controlar... Eu não tenho direito de sentir ciúmes.

– Com certeza não tem – ele respondeu amorosamente. – Até porque é você que me ignora.

Ele colocou a mão no queixo da moça e levantou seu rosto, os olhos deles se encontraram no meio.

– Você sabe que você é a única para mim – sussurrou.

Enid não respondeu e tentou desviar o olhar.

– Eu não posso... – a voz trêmula saía fraca.

– Eu já disse que não me importo... – a voz dele era tão trêmula quanto a dela agora. – Eu não me importo com nada do que você me diga.

– Eu sou um monstro... – ela suspirou tentando conter o nó que se formava em sua garganta. – Você pode conseguir qualquer mulher no reino, não precisa de uma coisa quebrada como eu.

Alma apertou o queixinho da moça mais uma vez e encarou os

olhos esmeralda.

– Você é perfeita – ele disse se inclinando. – Entre todas as coisas, entre todas as pessoas e entre todas as mulheres, eu sempre escolheria você. Você sempre será a primeira e a única em meu peito. E mesmo que eu não possa tê-la, você sempre será a dona do meu coração. Não importa quanto tempo passe e não importa o que aconteça, mesmo que você não me queira. Mesmo que você diga para eu me afastar. Eu sempre lhe darei o meu amor e você sempre será, como sempre foi, a razão da minha felicidade e o motivo do meu sorriso.

Enid se libertou do aperto do rapaz e andou para longe, abraçada no próprio corpo. O vento gelado soprava em suas costas. O rapaz caminhou e a encontrou em seus passos e colocou as mãos em seus ombros.

– Por favor... – ele implorou. – Eu faço qualquer coisa...

– Ensine-me a lutar – ela pediu com olhos determinados. – A lutar de verdade!

Ele riu involuntariamente.

– Só isso? Depois de todos esses anos, tudo o que você quer é aprender a lutar?

Alma observou a expressão determinada da moça e admirou profundamente mais uma vez sua beleza.

– Pois bem! – ele disse finalmente.

– Você promete?

– Prometo! – ele respondeu sorrindo.

Os dois se aproximaram e Alma viu uma luz dourada se misturar com o luar no rosto de sua amada.

– CUIDADO!

Eles ouviram os gritos enquanto uma enorme bola de fogo encheu a

noite e bateu violentamente contra as muralhas do forte.



– Até que demorou para eles nos acharem – disse Fergus despreocupado.

– Provavelmente eles terminaram os preparativos para a missão sagrada do rei – respondeu Aidan ironicamente. – Imagine eles carregando os gigantescos estandartes com o rosto do Finn. Aquele cabelinho esvoaçando mil vezes mais evidente.

– Rosas... – retrucou o capitão.

– O que?! – questionou Alma confuso.

– Rosas... o novo símbolo real são rosas – declarou Fergus. – Rosas de um tom fraco... de rosa... Que criativo.

– Capitão, o senhor está fazendo piadas? – riu o jovem soldado.

– Não se acostume! – gargalhou o veterano.

Os dois caminharam passos determinados por um longo caminho de chão gelado. O corredor de pedra baixo descendia suavemente por uma longa distância em direção ao refúgio subterrâneo de Alyas.

– Como estamos? – perguntou Fagorn quando os dois soldados passaram pelo umbral lapidoso.

A passagem os havia guiado para uma câmara oval com diversos outros caminhos espalhados na parede oposta, cada uma guarnecido por uma porta pesada de pau-ferro, e trancas rústicas de ferro fundido completavam a segurança do portão de acesso. O salão, que se assemelhava muito a uma masmorra, exceto por estar muito bem iluminado e aquecido, era muito amplo. Várias tochas queimavam por toda a extensão rochosa e conferiam um aspecto áureo ao lugar. Por todos os cantos, muitos barris e sacos preenchiam os espaços da parede até o teto. Os suprimentos, de grãos e malte, repartiam o ambiente com diversos tipos de ferramenta de cultivo. Alguns arados e carros de bois, pás e forcados, umas rodas de carroça aqui

e ali, grandes martelos de madeira e equipamentos para reparo da muralha também se acomodavam confortavelmente no lugar. Ao lado de cada porta, vários escudos, espadas e lanças se misturavam aos demais insumos e completavam o cenário. No centro da câmara, uma ampla mesa de pedra circular com o núcleo vazado acolhia todos os convidados da reunião extraordinária. A tábua de pedra circulava graciosamente uma pira de chamas reconfortantes, deixando o inverno de fora da assembleia.

– Estamos bem abastecidos – informou Dixelgar. – Mas as provisões não vão durar para sempre. Nós somos muitos para que os suprimentos resistam a todo o inverno. Talvez tenhamos que negociar em algum momento.

– É uma ideia idiota movimentar um exército no inverno! – declarou Aidan orgulhoso de seu pensamento estratégico.

– Em algumas situações, sim – respondeu Alma, que fez uma pausa e se virou para Fergus. – Mas, neste caso, eu imagino que é uma ideia brilhante.

– De fato – concordou o capitão coçando o queixo. De olhos pensativos, ele encarava as chamas da pira; a expressão confusa no rosto de Aidan o fez continuar. – Movimentar o exército no inverno é sempre muito perigoso. Temos escassez de comida, a neve vai se acumulando e é muito difícil para os soldados, e principalmente para cavalos e carroças, atravessarem os campos nevados. O tempo todo temos que lidar com o atolamento e o lamaçal que se forma pelo caminho. Sem falar no frio, que por si só já é um adversário formidável para um exército, ainda mais um exército vasto como o de Finn. Às vezes, sem nos darmos conta, estamos há meio dia caminhando sobre um rio congelado, e uma companhia grande ou até mesmo algumas carroças poderiam romper o gelo e serem tragadas pelas águas.

– É exatamente esse o meu ponto! – apoiou Aidan orgulhoso.

Fergus limpou a garganta e levantou uma mão.

– Mas, neste caso... – prosseguiu o capitão. – Se você pretende fazer um cerco, especialmente um cerco prolongado, não há nada melhor

do que avançar no inverno. Os recursos são escassos? Sim! Mas um comandante experiente pode simplesmente interromper o fornecimento de seu adversário e tomá-lo para si. Assim, além de não precisar se preocupar tanto em conseguir ou administrar os próprios recursos, não sacrificaria contingente militar desnecessariamente tentando invadir as fortificações.

– Só precisa ter paciência – concluiu Alma.

Aidan admirou profundamente a visão estratégica que os companheiros veteranos esbanjavam.

– Pelo que observamos até agora... – recomeçou Fergus. – Aparentemente, temos aqui algumas dezenas de milhares rodeando a cidade. Eles definitivamente conseguiram nos cercar por todos os lados.

– Não se preocupe! – impressionou Fagorn se levantando imponente. – Não existe força militar capaz de transpor essas muralhas. Ninguém nunca passará por essas paredes. Não importa seu número ou o quão poderosos eles acham que são. Alyas é invencível! Menos de uma centena de homens poderia repelir dezenas de milhares por tempo indeterminado. Eu garanto!

– Mas ainda temos o problema da escassez de recursos – apontou Arwin preocupado.

– Não se preocupe com isso – disse Fergus se virando para o anfitrião.

O homem sorriu tranquilamente.

– É, meu garoto! Não se preocupe com isso! – Fagorn apontou para cada uma das passagens lentamente. – Vê esses portais? Eles formam uma vasta rede de túneis subterrâneos que se esticam para muito, muito longe, pelos vales ao redor de Alyas. Todos esses caminhos constituem um meio muito eficaz de trazer mantimentos para dentro da minha fortaleza. Poderíamos ficar aqui por anos sem nunca nos preocuparmos com a falta de comida.

– Mas esses túneis não nos deixam vulneráveis a ataques por baixo

da terra? – questionou Enid enquanto encarava as passagens.

– Oh, não, minha querida! – disse o nobre com um sorriso. – Essa rede de passagens é muito complexa. Você não gostaria de se perder ali. Poderia vagar por semanas sem nunca encontrar o caminho de volta. Apenas alguns moradores mais antigos de Alys a conhecem bem o suficiente para transitar por ela sem medo. Nem mesmo meu filho conhece todos os caminhos subterrâneos dessa terra.

– Eu conheço o suficiente – respondeu Dicelgar contrariado, com olhos furiosos.

– Você ainda tem muito o que conhecer, meu garoto – disse o velho sorridente. – Mas não se preocupe, você vai aprender. Eu garanto. Eu garanto!

Apesar do sorriso oferecido, Dicelgar não relaxou e ainda tinha olhos irritados para seu pai.

– E qual é o plano? – perguntou Nemeria.

– Nós esperaremos – respondeu Fergus se levantando. – Nós esperaremos o tempo que for possível e, enquanto isso, tentaremos descobrir a parcela do exército do rei que está à nossa porta. Seria essencial para essa campanha se pudéssemos ganhar tanto tempo quanto fôssemos capazes. Finn planeja marchar para o sul, tão longe quanto possível, mas, ao que me parece, ele pretende antes reconquistar o que ele perdeu, isto é, Arwin e os outros desertores. Isso nos oferece uma ótima vantagem estratégica quando olhamos para a guerra que está por vir como um todo. Nós serviremos apenas como distração pelo tempo que conseguirmos. Assim, poderemos enviar uma mensagem aos ferais e alertá-los do perigo.

– Eu vou! – declarou Arwin.

– Não! Você está muito fraco – disparou Enid.

– Eu estou forte o suficiente para viajar!

– Eu acho que Nervall deveria ir – interveio Nemeria. – Afinal, ele conhece os caminhos até lá melhor que qualquer um neste salão.

Todos encararam o rapaz franzino.

– Eu não tenho certeza se eles ficariam muito felizes em me ver – ponderou Nervall com um sorriso amarelo.

– Nós precisamos que a mensagem chegue o mais rápido possível – Fergus encarou o guia. – E, por mais que o risco seja grande, você deveria tentar alertá-los. Muita coisa está em jogo.

– Se algum servo puder me mostrar o caminho, eu vou com prazer – insistiu Arwin. Ele queria muito partir dali. Aquele lugar já começava a lembrá-lo dos tempos do salão dos conselheiros em Miramir e ele sentia vontade de correr para bem longe.

– Arwin... Por favor... – repetiu Enid. – Você não está forte o bastante...

– Nós precisamos de você aqui, Arwin – argumentou Nemeria. – Você é um soldado poderoso e um líder militar experiente. Se entrarmos em um combate, você será de grande importância para nossa sobrevivência!

Arwin olhou em volta indignado com tudo aquilo. Ele queria agir. Queria fazer algo. Detestava sentar e esperar.

– Eles estão certos, Arwin – disse Nervall colocando uma mão sobre o ombro do amigo. – Quanto mais rápido eu chegar lá, melhor. Para todos nós.

– Não se preocupe, Arwin – garantiu Alma com um largo sorriso no rosto. – Se tudo der certo, vai dar tudo errado e nós logo estaremos no campo de batalha. Todos juntos!

O salão todo saudou e riu das bobagens do soldado fanfarrão. Todos menos Arwin.

– Eu me sinto inútil... – ele resmungou. Quando conseguiu levantar os olhos, não pôde deixar de notar o semblante de desprezo no rosto de Dicelgar e confrontou o homem. – Algum problema, senhor?

O filho do anfitrião foi pego de surpresa.

– Não... – ele titubeou, mas completou com um sorriso pretencioso.
– Vossa Graça. – As articulações de Arwin rangeram sob o aperto de seus dedos em punho. – Algum problema... – indagou Dichelgar debochado. – Majestade?

– Cale a boca! – gritou Arwin partindo para cima do homem. – Cale a boca!

– Ou o que?

– Dichelgar! – vociferou o mestre de Alias. Arwin se impressionou pela imponência do homem que ele tomara apenas por um velho trabalhador rural. – Vá conferir se os servos estão bem acomodados.

– Mas, pai... – tentou Dichelgar.

– Vá! – o berro fez tremer a pedra.

O homem lançou um par de olhos injetados para Fagorn e outro par venenoso foi disparado na direção de Arwin, que ignorou as tentativas de prolongar a contenda. Virou-se e partiu sem outra palavra.

– Desculpe-me por isso – disse o anfitrião suspirando. – Às vezes, o garoto pode ser meio insolente.

– Garoto? – perguntou Alma sarcasticamente. – O seu garotinho é mais velho que o Nervall, Nemeria e eu juntos.

Todos riram e as risadas ecoaram por todas as passagens de pedra.

– Ele ainda tem muito o que aprender – disse o velho.

– Todos eles têm – completou Fergus de imediato, lançando um olhar de desaprovação para Alma.

– Então... – interferiu Aidan. – O brilhante plano é só sentar aqui e esperar que eles derrubem cada pedra daquela muralha sobre nossas cabeças?

– Não se preocupe, rapaz – respondeu Fagorn. – Essa muralha não cairá. Eu garanto!

– Nós defenderemos o forte pelo tempo que for necessário – disse Fergus. – Enquanto Nervall vai até o povo dele.

– Como vocês podem ficar tão tranquilos diante de tanta calamidade? – questionou Aidan. Ele não podia deixar de notar que todos estavam muito relaxados, parecia até que estavam em uma festa.

– Ossos do ofício, companheiro – respondeu Alma. – Mas não se preocupe, nós vamos protegê-lo.

Aidan fez uma careta em resposta à provocação.

– E você, não está com medo? – perguntou ele se virando para Enid.

– Estou – confessou a moça. – Mas eu sei que Alma e os outros podem me proteger. Além do mais, é tão excitante estar em uma batalha. Uma batalha de verdade!

Os soldados mais experientes trocaram olhares desconsertados pela última declaração da moça, mas tentaram disfarçar. Eles já haviam presenciado os horrores da guerra e todos eles, sem exceção, poderiam garantir que não havia nada de excitante ou glamoroso em uma batalha. A morte não era bonita.

– Pronto? – perguntou Nemeria se aproximando do rapaz franzino.

– Sim... – suspirou Nervall sem muita confiança.

Os ferais uniram as mãos e apertaram os olhos. Eles se concentraram por vários segundos e, então, Nervall se tornou Onbero. Sob os olhares espantados de todos ali, ele ofereceu um sorriso rosento para cada um debaixo da pelugem ruivada. A estatura do feral encheu a câmara, quase tocando o teto. O couro grosso e o semblante felino causaram calafrios em Enid e Aidan, que nunca haviam visto um bestial antes. Por mais que Nemeria carregasse alguns traços de sua ancestralidade, nada se comparava à besta que se projetava sobre eles.

– Eu juro que nunca vou me acostumar com isso! – confessou Alma em um sussurro audível para Enid, que deu uma risadinha

– Engraçadinho – reclamou Nervall com sua nova voz gutural. Ele caminhou aleatoriamente para uma das portas e puxou uma argola pesada. – Eu voltarei o mais rápido possível.

O feral se lançou às quatro patas e sumiu para a escuridão.

– Ei! Espera! – gritou Arwin confuso e depois se virou para os outros. – Como diabos ele vai encontrar o caminho? Eu achei que só os moradores mais antigos conheciam os túneis.

– Não se preocupe, ele só precisa usar os instintos dele – explicou Nemeria antes que Fagorn pudesse responder. – Ele só precisa se concentrar e vai conseguir achar o caminho com facilidade. É uma coisa... animal.

– Você também consegue? – perguntou Aidan sem pensar.

– Eu não sou completamente feral como ele – confessou sem muita preocupação. – Mas, provavelmente, não teria problemas. Só levaria mais tempo.

– Assim espero – disse o velho anfitrião. – Você poderia ficar presa lá embaixo para sempre.

Todos os olhares se viraram para a porta escancarada e um uivo gelado do vento invadiu a câmara quente.

– Boa sorte... meu amigo... – sussurrou Arwin.

Capítulo XVII

Sob o véu

A neve alva preenchia o horizonte.

O campo colossal de soldados se espalhava para longe. Por todos lados, as lonas pesadas das tendas pontilhavam a cena nevada com

tons verdejantes e acastanhados na cidade improvisada que se estendia entre a muralha e a floresta.

O cerco de Alyas já durava um ciclo lunar completo e nada dava indício de que acabaria tão logo. Nenhuma gota de sangue havia sido derramada sobre a neve. Até aquele momento, o único movimento de caráter militar foi o do emissário que se aproximou dos rastrilhos monstruosos para entregar uma mensagem para Fergus: Quimir aguardava pela rendição dos rebelados.

A tensão crescia em ambos os lados, a trégua não declarada poderia ser rompida a qualquer momento e a iminência do encontro violento das duas forças espremia os espíritos de todos eles, dentro e fora dos paredões da fortaleza.

No interior das muralhas, a dificuldade em manter as linhas de suprimentos era desoladora. Quando os planos para resistir ao sítio foram traçados, tudo fora apresentado tão simplesmente e de forma tão descomplicada, as únicas barreiras que aquela estratégia simples parecia oferecer seriam a paciência e a força de vontade para romper o tédio galopante da espera. Mas, agora, no ponto mais alto do inverno traiçoeiro, era difícil até para os planos bem elaborados que tudo corresse de forma ao menos razoável.

O vasto exército às portas da muralha estava consumindo todos os recursos da região. E, mesmo que fosse seguro passar pelos túneis que se alongavam pelo subterrâneo, era muito arriscado trafegar pelas estradas com grandes quantidades de mantimentos e recursos de qualquer natureza. Uma e outra vez, a desculpa de estar preparando uma festa para o solstício de inverno em algum vilarejo esquecido pelo mundo salvou servos e mucamas da averiguação dos guardas reais. A essa altura, os residentes da fortaleza já racionavam alimentos como podiam.

As refeições baseadas especialmente em grãos meio mofados não colaboravam para melhorar a moral e os ânimos dos amotinados da Coroa. E a falta de informações sobre Nervall era a última peça desse quebra-cabeça de más notícias que formava o cenário de preocupações que rodeava a todos ali.

Mesmo que a viagem fosse longa, o jovem guia havia partido há

tempo demais para não ter alcançado o acampamento feral àquela altura. Seus antigos companheiros de viagem já se perguntavam se ele havia sido capturado pelos soldados do rei no caminho para o cone ocidental ou se teria sido feito refém e prisioneiro por seu pai ou, pior, morto.

O próprio rei não parecia muito interessado em participar da campanha. Nenhuma notícia, boatos ou sequer rumores vazios de sua presença entre as tendas para além da muralha chegaram a qualquer um dos resistentes. O Mestre da Moeda havia anunciado sua nomeação como Mestre Conselheiro e que estaria a cargo da campanha. As negociações seriam todas feitas com ele próprio, que tinha a total anuência e confiança do patriarca para resolver aquela contenda da melhor forma possível.

Quimir havia sugerido, mais de uma vez, uma rendição, garantindo passagem segura para todos ali dentro, contanto que eles entregassem Arwin e Enid e partissem para bem longe das vistas do soberano. Em uma das mensagens, o representante do rei foi longe o bastante em oferecer os cargos de Fergus, Aidan e Alma de volta e um perdão real a todas as acusações de alta traição e deserção em troca de Arwin e Enid. E foi generoso o suficiente para fornecer vários barris de malte cevado e alguns porcos roliços para que eles pudessem assar, uma prova de boa-fé. Ele garantiu que os alimentos não estavam envenenados, pois não era do interesse real a morte de nenhum deles. O rei só queria a paz – pelo menos com aqueles de sua própria raça – e aumentar seu exército tanto quanto fosse possível para garanti-la. O Mestre Conselheiro explicou detalhadamente em uma mensagem como três oficiais experientes seriam de grande valia nas linhas da armada real, que, àquela altura, consistia basicamente de trabalhadores rurais e plebeus.

Por volta da segunda ou terceira semana de cerco, as coisas ficaram ainda mais conturbadas na fortaleza. Um dos túneis que levava para muitos lugares teve que ser selado depois que um grupo de soldados inimigos descobriu a passagem e emboscou os servos que haviam partido em busca de mantimentos pelas trilhas subterrâneas. Os reféns foram obrigados a levá-los até uma das entradas. Os homens de Quimir que conseguiram chegar até as guarnições subterrâneas foram repelidos facilmente pelos guerreiros desertados da Guarda

Real, mas mesmo aquela tentativa débil foi o suficiente para diminuir a moral entre os rebelados.

O anfitrião de Alys garantia, repetidamente para quem quisesse escutar, que ninguém nunca chegaria àquele lugar sem o auxílio de um dos residentes da fortaleza, mas Fergus considerou que seria mais prudente selar a passagem de qualquer forma e manter os acessos sempre vigiados por pelo menos uma dúzia de guerreiros bem treinados. Infelizmente, o caminho que precisou ser bloqueado era o trajeto mais curto para conseguir suprimentos, outro golpe no estado de espírito de todos. Fagorn afirmou que esperava que aquilo acontecesse em algum momento, já que a saída do túnel era muito próxima ao único rio da região e, com certeza, os soldados do rei iriam até lá para conseguir água. Dicelgar insistia que eles morreriam de fome se não houvesse um acordo em breve, mas os outros estavam perfeitamente acomodados com a situação e concordavam que o cenário não era assim tão desesperador quanto o homem pintava a todo o momento e que logo Nervall retornaria, talvez até mesmo com um horda de ferais poderosos.

A banda de companheiros estava sentada na beirada de uma sacada de madeira, formada por um dos muitos passadiços do lugar, e observava a noite fria. O clima entre eles era razoavelmente tranquilo, apesar dos problemas e contratempos. O racionamento de comida era contornado ao esmero pelo consumo alcoólico exacerbado – pelo menos eles tinham um largo estoque maltado que os aqueceria no frio. As histórias, contadas em volta de um braseiro incandescente, contribuía para esquentar o espírito, e os contos de luta, honra e glória aqueciam o coração. Enid admirava em silêncio enquanto Nemeria recontava suas aventuras, como ela escapou das garras dos ferais e viajou centenas de quilômetros em busca de sua liberdade apenas para ser capturada mais uma vez e ser resgatada por uma dupla de almofadinhas arrogantes. Os risos calorosos enchiam o ar enquanto ela compartilhava suas impressões dos antigos companheiros de viagem.

Após dias intermináveis de uma nevasca insistente, o vento e a neve haviam cedido uma trégua e isso fazia com que os ânimos ficassem ainda mais apaziguados.

– Conte de novo, Fergus! Como você transformou Aidan daquele

moleque traiçoeiro em um soldado de verdade? – provocou Alma.

– Eu só precisei me lembrar com cuidado das táticas que havia empregado com você – respondeu Fergus tão provocativo quanto o rapaz, e todos riram.

– Pelo menos eu nunca ataquei ninguém pelas costas – retrucou Alma contrariado.

– Você luta bem o suficiente para atacar qualquer um de frente – garantiu Aidan.

A atitude do rapaz havia mudado completamente. O tempo que passavam juntos – principalmente com Arwin e Alma – o fazia se sentir novamente em um batalhão de soldados e, àquela altura, ele não os via mais como um rei arrogante e um conselheiro petulante. Eles eram seus irmãos de armas agora!

– Ah, não diga uma coisa dessas – intrometeu-se Arwin rindo. – Ele já acha que a espada é uma extensão do próprio braço, vai deixá-lo ainda mais desafiado.

Arwin ainda estava se recompondo, a passos largos, do seu tempo de cárcere, mas sua condição, física e mental, havia melhorado muito. Recuperou praticamente todo o peso perdido e, apesar das estações do ano não colaborarem muito, o aspecto de sua pele havia melhorado muito e a aparência acinzentada que ele vinha carregando havia se transformado em uma palidez menos doentia. Seu espírito era leve, sentia-se perfeitamente revigorado. Regozijava o fato de poder estar ao lado das pessoas – quase todas – que ele tanto valorizava e amava.

– Eu nunca pensei em ir tão longe e dizer que a espada é uma extensão do meu braço – respondeu Alma sorridente. – Mas, agora que você tocou no assunto... combina, não?

O jovem soldado levantou um braço e fez movimentos graciosos com uma espada invisível.

– Alma, o mestre das lâminas! – declarou sob uma chuva de risadas estridentes.

– Eu acho que você bebeu demais, querido – sugeriu Enid baixinho.

– Bobagem! – disse Aidan batendo na madeira. – Beber nunca é demais.

– O garoto tem idade para beber? – indagou Fergus sorridente.

Mais uma rodada de risadas. O fogo quente aquecia todos os corpos e aumentava o aconchego amistoso.

– Então... – Nemeria se virou para Enid. Ela ronronava baixinho no fundo da garganta. – Você e Alma...?!

A moça sentiu seu rosto esquentar e ruborizou profundamente, as palavras pareciam se agarrar em sua garganta e se recusar a sair. Tudo o que ela conseguiu retribuir à feral foi um aceno suave com a cabeça. Alma, observando a situação, puxou a moça em um meio abraço apertado e deu um beijo forte em suas bochechas coradas.

– UM BRINDE! – gritou Arwin. Seu rosto estava vermelho e ele sentia o calor da bebida lhe subir à cabeça. – AOS RECOMEÇOS!

– AOS RECOMEÇOS! – bradaram os companheiros e bridaram em unísono.

E ali eles ficaram, apreciando a brisa noturna.

As comemorações gratuitas foram interrompidas depois de algumas horas por Fagorn. O anfitrião se aproximou de Fergus em um passo sorrateiro e disse algo ao pé do ouvido do capitão, que fez um aceno de cabeça.

– Quimir parece realmente determinado a chegar a um acordo – disse Fergus. Sua voz profunda carregava a gravidade do assunto. – Ele está disposto a deixar até mesmo Arwin partir para junto dos ferais se nós nos rendermos.

– Por que ele está tão interessado em uma rendição? – questionou Alma soluçante.

– Porque ele é um covarde – rosnou Nemeria.

Todos olharam para ela.

– Foi ele que pagou para me capturarem... – contou a feral quando a pressão dos rostos sobre ela ficou insustentável. – Eu ouvi um daqueles imprestáveis comentando o nome do nobre que queria minha cabeça.

Aquela nova informação fez o silêncio pressionar em todos os ouvidos e os minutos se esticaram enquanto eles bebiam mais uma, apreciando a quietude do momento.

– Ele pode ser um homem ardiloso, mas certamente não é covarde – ponderou Aidan, retomando a conversa finalmente. – Ele tem sangue frio e nervo suficientes para tomar decisões arriscadas.

– Decisões essas que parecem estar se pagando muito bem – complementou Fergus. – O que ele disse sobre estar conduzindo essa campanha com total autonomia e benção do Finn parece ser verdade. Quimir sempre foi um homem muito pragmático que nunca se deixou levar pelas emoções e, por isso, agora ocupa o que poderia se dizer o posto mais alto do reino, afinal ele responde apenas ao próprio rei. Balbur uma vez me confidenciou que o Mestre da Moeda matou o próprio irmão pelo cargo, e que mataria família inteira se fosse necessário.

– Vocês está bem? – sussurrou Alma baixinho para Enid quando sentiu a moça se mexer desconfortável ao seu lado.

Mas ela não teve tempo de responder, as botas de um soldado ecoavam a urgência nos passos que se aproximavam.

– Senhor! – disse o homem parando em frente a Fergus. – Uma pequena comitiva se aproxima dos portões. Fomos avisados que o Mestre Quimir está à frente da companhia.

Todos trocaram olhares curiosos e encararam Fergus.

– Ele parece mesmo desesperado – sussurrou o capitão.

– Talvez Finn esteja ameaçando cortar-lhe a cabeça – disse Aidan.

Um murmúrio de concordância geral dos companheiros encheu o

ar.

– Bom, vamos descobrir – Fergus se levantou e todos o acompanharam.

Dezenas de arqueiros se alinharam nas muralhas e nos caminhos de madeira em volta do portão principal do forte e esperaram pela chegada da comitiva do Mestre Conselheiro.

– Podem abrir! – comandou Fergus com autoridade.

Os portões eram tão pesados que mesmo os vinte homens que rodavam os sarilhos que suportavam as grossas correntes de cada lado tiveram enorme dificuldade para mover os rastrihos colossais. De fato, a comitiva era guiada por Quimir, que caminhava passos determinados, seguido por seu velho lacaios, que mancava à sua esquerda, e algumas mucamas cobertas por véus, cada uma carregando algo. Alguns poucos soldados fechavam a retaguarda, mas não o suficiente para aquilo ser uma armadilha.

Eles entraram no pátio nevado e foram recepcionados no centro por Fergus e Fagorn, os demais membros da banda de rebelados ficaram a uma curta distância, todos muito atentos.

– Boa noite! – cumprimentou Quimir pomposamente. – Caros amigos, eu venho com novas ofertas de paz.

– Eu acho que já recebemos muitas ofertas – respondeu Fergus, tão cordial quanto o diplomata.

– Ora, mas ofertas nunca são demais – continuou o líder da comitiva real. – O que não fazemos para evitar derramamento de sangue desnecessário, não é mesmo?

– Pelo que eu ouvi, seu rei pretende derramar bastante sangue desnecessário em breve – declarou Fagorn esfregando o nariz sugestivamente.

– São apenas rumores, este exército age em missão de paz para estabelecer a ordem em todos os cantos do reino – respondeu Quimir sem hesitar. – Nós precisamos fazer com o que o reino continue funcionando em plena ordem, a passos largos rumo ao

progresso. – O Mestre Conselheiro limpou a garganta. – Por isso eu venho propor uma nova trégua e oferecer emendas a todos aqui presentes – ele fez um gesto com a mão e uma mucama lhe entregou um longo pergaminho, que ele desenrolou e começou a ler. – Ao Mestre Fergus, antigo capitão da Guarda Real, será oferecido o cargo de comandante supremo do exército, respondendo apenas ao próprio rei. Ao Aidan, antigo capitão da Guarda Real, será oferecido o seu posto de volta e ele responderá apenas ao próprio rei e ao comandante supremo do exército. Ao Alma, antigo soldado do exército, membro da Guarda Real e conselheiro real, serão oferecidas as mesmas posições. O antigo rei, Arwin, poderá partir com a bestial que os acompanha. E a mulher conhecida como Enid deverá voltar para o castelo. Todas as transgressões cometidas até o presente momento serão completamente perdoadas.

– Parece uma oferta muito generosa – admitiu Fagorn, coçando o queixo.

– Realmente, uma ótima oferta – respondeu Fergus forçando um interesse debochado. – É uma pena que eu tenha a impressão de que Sua Majestade nos torturaria até a morte na primeira oportunidade.

– Bobagem – respondeu o mandatário com afinco. – Eu posso garantir que todos os termos oferecidos serão cumpridos.

– Pode, não é? – respondeu Fagorn. – Diga-me, por onde anda o Mestre Sorim? Faz algum tempo que nós, nobres, não temos notícias dele. Ele não deveria ser o nosso representante? Quem está cuidando dos interesses dos suseranos de terras?

– Sorim é um caso à parte – dispensou o Mestre Conselheiro. – Ele ofendeu o rei de forma pessoal e teve o destino apropriado.

– Destino apropriado parece um pouco forte, não acha, velho amigo? – indagou Fergus causalmente ao anfitrião da fortaleza.

– De fato – concordou o Mestre de Alias.

– E então? Vocês aceitam os termos? – pressionou Quimir depois do longo silêncio que se seguiu àquela proposta.

– Ora, vamos apresentá-los a todos os envolvidos! – disse Fergus em um animação sarcástica. Virou-se e acenou para que todos se aproximassem. O Mestre Conselheiro teve que se controlar para manter a expressão impassível, mesmo que suas vísceras revirassem de ódio.

O capitão informou, um a um, os termos propostos para uma possível trégua, e os explicava com uma didática muito exagerada, como se ensinasse algo muito bobo a crianças. Os companheiros se uniram em um acordo tácito e o acompanharam na zombaria. Faziam caras e bocas impressionadas com os valiosos termos que lhes eram apresentados. Aidan chegou ao ponto de bater palmas exageradamente animadas e gritar euforicamente sua aprovação, dando soquinhos no ar quando sua parte do acordo foi anunciada.

Depois de muitos minutos de uma exibição de felicidade excessiva e de uma infindável rodada de dúvidas, o capitão se virou novamente para o Mestre Conselheiro.

– Parece que todos aqui chegaram a um acordo – disse a voz profunda muito séria. Ele se aproximou e olhou fundo nos olhos expectantes do diplomata. – Não vai dar não.

O rosto de Quimir se contorceu de raiva.

– O que quer dizer com isso?! – berrou o Mestre da Moeda. – Eles concord... Vocês estavam de acor... Eles comemora... O que quer dizer?!

Um turbilhão de risadas rompeu o ar. Os companheiros resistiram como puderam, mas a indignação e a ingenuidade do homem frente às atuações teatrais os fizeram se perder em gargalhadas. O rosto do Mestre Conselheiro parecia estar derretendo de tantas formas diferentes que assumiu em pouquíssimo tempo – em uma fração de segundo, sua feição ia de indignada para raivosa e de odiosa para entristecida.

Uma das mucamas deu dois passos largos à frente enquanto todos debochavam. Levantou o véu de seda negra que cobria seu rosto e fez todas as risadas serem estranguladas no ar.

– Enid, por favor... Venha conosco... – pediu Rhaella delicadamente.

A cena parecia congelada para sempre. Todos os olhos vidrados no rosto da rainha. Ninguém se mexia.

– Rha... Rhaella – sussurrou Arwin quase sem forças.

– Venha, por favor... – insistiu a rainha, ignorando completamente seu marido. – Venha comigo, Enid. Por favor!

A garganta de Enid estava seca, ela não podia acreditar no que estava vendo. Andou passos entorpecidos em direção à sua irmã.

– Co-como?! – tentou a moça.

– Eu fiz um acordo para que pudéssemos sobreviver – respondeu a irmã agitada. – Por favor, venha comigo. Não há tempo para explicações. Por favor, venha conosco!

Mas quem respondeu foi Arwin.

– Rhaella! – gritou o rapaz.

– Cale a boca! Não fale comigo, seu animal imundo! – vociferou Rhaella de um jeito que Arwin nunca tinha visto. Ela voltou o tom tranquilo para Enid. – Por favor, venha comigo...

O rapaz não podia acreditar no que estava presenciando, sua rainha, sua esposa, sua amada, ali, na sua frente, tratando-o como um completo estranho. Estaria ele alucinando ainda? Seria a bebida espremendo seu cérebro? Ou será que ele ainda estava perdido nas masmorras de Finn, sendo torturado, e todo esse tempo que havia passado alegremente foi apenas uma ilusão desesperada de uma mente à beira do colapso?

O rei caído viu seu mundo estremecer. Os músculos amoleceram em seus ossos e ele sentiu as pernas falharem. Tudo se tornou trevas e ele foi de encontro ao chão. Todos viraram olhos preocupados para o rapaz, que não respondia aos chamados. Nemeria correu até ele e o tomou em seus braços. A feral caminhou passos cautelosos escadaria acima e desapareceu pelos corredores.

– Como você pôde? – questionou Enid. Seus olhos não conseguiam traduzir a indignação que ela sentia em seu peito.

– Eu fiz isso por nós... – respondeu Rhaella com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Foi necessário. Para nos proteger!

A rainha estendeu uma mão carinhosa para o rosto da irmã, que a afastou.

– Você só liga para você mesma! – disse a moça com os olhos vermelhos.

Enid tentou partir, mas Rhaella a segurou pelo braço, a moça virou o corpo em um movimento rápido e deu um tapa vicioso no rosto da irmã. Seus dedos ficaram perfeitamente impressos em uma silhueta vermelha na bochecha da rainha.

– NÃO ME TOQUE! – berrou Enid. – VOCÊ ME ENOJA!

Rhaella observou a irmã se afastar e desaparecer pelos caminhos escuros da fortaleza. O marejado comovente que enchia os cílios da rainha foram lentamente substituídos por um olhar injetado. Ela virou uma expressão ameaçadora para Fergus e deixou o lugar.

– Bom... – disse Quimir casualmente. – Acho que esse é o fim da trégua. Que o melhor homem vença.

O Mestre Conselheiro ofereceu a todos um caloroso sorriso e partiu com sua comitiva.

– Agora... – disse Fagorn baixinho para Fergus. – Isso não é algo que se veja todo dia.

Capítulo XVIII

Pais e filhos

O vento forte castigava a tenda pesada e a fazia balançar.

A cabana luxuosa poderia facilmente acumular duas dezenas de convidados. O espaço amplo, bem forrado em toda sua extensão por dois capotes de panos grossos e mais uma fina camada de tapete aveludado por cima, oferecia certo conforto. A decoração, que consistia em muitas pratarias e porcelanato requintado, era brilhosa e chamativa. Uma cama larga e muito garbosa se estivava em um dos cantos. O mogno reluzente, muito polido, de uma grande mesa se esparramava pelo centro e várias cadeiras com forração bordô se alinhavam em volta do móvel. Bandejas, pratos e travessas, entre outros tipos de recipientes, carregavam todo o tipo de comida succulenta e bebida calorosa. Divãs confortáveis e mesinhas arredondadas, de canto e de centro, completavam o visual acolhedor do lugar.

– Desgraçados! – berrou Rhaella jogando uma taça dourada em direção a um espelho, que se esmerilhou em milhões de pedaços em sua moldura suntuosa. – Desgraçados! Eles tiraram Enid de mim!

– Você deveria se acalmar um pouco – sugeriu Quimir tranquilamente.

– Me acalmar?! – os gritos histéricos da rainha rasgavam a paz do acampamento. Rhaella o encarou furiosamente, caminhou até uma mesinha de canto e agarrou um jarro. – ME ACALMAR?! – e espatifou o jarro no chão com todas as forças.

Ela andava de um lado para o outro na tenda, os passos pesados produziam um baque surdo no solo almofadado. Por todo o lugar passava quebrando pequenos artefatos e peças decorativas. Em uma das pontas, um pouco mais afastada, estava a mesinha que Rhaella utilizava em seu ateliê particular em Miramir – a peça foi trazida ao acampamento junto com todos os muitos pertences de seu estúdio, muitos livros, pergaminhos e documentos estavam espalhados por toda a mesa. Todo o conteúdo foi ao chão quando a histeria descontrolada a fez agarrar as extremidades da madeira com as duas mãos e lançá-la ao ar, virando as quatro pernas aos céus.

– Aquela porca ingrata! – a voz aguda chicoteava o ar. – Aquela monstruosidade! Coisa horrenda! Pária de última categoria! Plebeia

imunda! Asquerosa, desgraçada, maldita! Depois de tudo o que eu fiz por ela! Eu fiz tudo por ela! Tudo! Ela não sabe o quanto eu me sacrifiquei por ela, maldita! Eu fiz tudo por ela! Eu me deitei com aquele porco nojento por toda minha vida para que ela não tivesse que viver em meio aos animais. Para que ela não tivesse que sobreviver como uma prostituta que não vale dois tostões. Era tudo que ela conseguiria com aquele corpo nojento, ser traçada pelos bêbados e mendigos mais asquerosos de todo o reino e animais cegos ou desesperados!

Todos os utensílios do lugar sofriam com a fúria incontrolável da rainha enquanto ela despejava outra torrente infundável de insultos.

– Eu a protegi! – os cabelos se grudavam pelo rosto vermelho e suado. A raiva transbordava pelos poros. – Eu a protegi desde o começo! Desgraçada! Eu a amei com todo o meu coração. Eu dei tudo a ela. Eu a protegi de tudo e de todos. Eu a mantive segura. Porca desgraçada. Ingrata! Ingrata! Aquela desgraçada! Eu deveria tê-la estrangulado quando tive a chance! Eu deveria ter cortado sua garganta enquanto ela dormia! Eu deveria ter queimado o resto do corpo asqueroso daquela ingrata infeliz!

Rhaella se sentou no chão e gritava palavras incoerentes enquanto se debatia e arrancava os cabelos. Ficou ali por um longo tempo, esperneando furiosamente, ao passo que o Mestre Conselheiro apenas a observava, dando um ou outro gole em um xícara delicada que trazia uma deliciosa infusão de laranja e chá preto; o cítrico fumegante maravilhava seu paladar enquanto ele assistia à sua companheira se descabelar.

– Como ela pôde fazer isso comigo? – choramingou a rainha depois de sua longa histeria descontrolada. Seu rosto estava arranhado em vários lugares e ainda carregava as marcas dos dedos de Enid. – Eu dei tudo para ela. Eu fiz tudo por ela.

– Como, minha cara... – disse pretensiosamente o companheiro. – Eu já havia lhe dito que manter pessoas muito próximas de você é perigoso nesse jogo. Até mesmo Finn se livrou daquele animalzinho que ele carregava para cima e para baixo. Você deveria estar preparada em todos os momentos para esse tipo de situação. Lembre-se, nunca deixe alguém se aproximar demais, sempre acaba

em desgraça e lamento.

Rhaella virou olhos furiosos para ele.

– Cale a boca! Você não se importa com ninguém. É muito fácil brincar de ser frio e calculista quando sua vida é baseada em preencher seus próprios desejos da forma que achar melhor.

Quimir fez um gesto debochado com a mão espalmada sobre o peito e deu um suspiro de indignação muito exagerado.

– Como ousa? – sussurrou o Mestre Conselheiro, seus lábios estavam apertados enquanto ele tentava conter a risada que iniciava borbulhas em sua garganta. – Eu me importo muito com o meu rei e com a minha rainha. Importo-me com suas vontades e necessidades. Eu vivo para servi-la.

Ele fez uma reverência exagerada com um dos braços abertos, criando infinitos círculos aéreos com os punhos, e continuou.

– E, por falar em servir... Nosso amado rei resolveu se juntar a nós – declarou casualmente.

– O que quer dizer?! – ela perguntou sendo arrancada de sua atmosfera particular.

– Sim... – ele confirmou com olhos entediados, sentando-se em uma poltrona muito confortável de braços velosos. – Ele decidiu que este cerco em particular estava demorando em demasia e que viria pessoalmente resolver a contenda. Ele mesmo viria resolver os problemas. Mas imagino que a situação se alterou um pouco e não será mais necessário oferecer aos rebeldes nossa mão amiga, certo? Eu imagino que agora eu posso marchar sobre Alys sem contestações de Vossa Graça, não é mesmo?

Rhaella se ergueu de seu abrigo de histerismo, respirou fundo tentando recuperar a compostura, arrumou os cabelos como pôde e ajeitou seu vestido acetinado. Levantou sua mesinha e tentou organizar um pouco a baderna que havia causado. Respirou fundo mais uma vez e caminhou a uma outra mesinha circular, que havia escapado de sua fúria, e serviu uma taça generosa de vinho. Então

caminhou pelo solo macio, puxou, com muito esforço, um divã de forro azulado e se sentou ao lado de seu confidente.

– Bom, pelo menos agora não precisaremos explicar as ofertas que você fez para eles – sugeriu Rhaella, ainda tentando se recuperar do colapso nervoso.

– Há! Eu não acredito que você acreditou mesmo naquela ladainha – Quimir deu uma gargalhada irônica e esticou o braço para dentro do casaco grosso. Ele puxou o largo pergaminho que pretendeu ler para os rebelados e virou os dois lados do papiro, que estavam completamente em branco, para a rainha e continuou. – O imperador cortaria minha garganta com as próprias mãos se eu oferecesse qualquer clemência a Fergus e, principalmente, a Aidan. Não! Eu iria garantir que você recebesse o combinado e todos os outros serviriam de alimento para os cães.

– Todos devem servir de alimento para os cães – disparou Rhaella friamente.

– Todos? – perguntou Quimir impressionado. – Você não quer dizer...

– Sim, eu quero que aquela porca mal-agradecida queime com os outros – a rainha levou uma mão trêmula até o rosto e acariciou o lugar onde havia sido estapeada, os olhos vidrados encararam vigorosamente o Mestre Conselheiro. – Minha mãe costumava me dar tapas como aquele... Ela costumava me bater sem qualquer motivo... “Um tapa de cada vez, assim pode aprender”, ela costumava dizer. Ah não, não! Quando ela morreu, eu jurei para mim mesma e para o mundo que ninguém nunca mais me violaria daquele jeito. Ninguém mais tocaria um dedo mal-intencionado sobre minha pele.

– Você passou por tudo isso e agora quer acabar com ela? – indagou enfadado. – Francamente, todo esse aborrecimento para, no fim, despejar seu ódio sobre ela?

– Eu subiria por aquela muralha com minhas mãos nuas – Rhaella começou a tremer mais uma vez e sentiu seu rosto esquentar. – Eu caminharia sobre o fogo! Eu arrancaria os olhos de cada uma

daquelas bestas asquerosas para salvá-la. Sim! Eu arrancaria a pele de cada um daqueles animais imundos. Mas ela preferiu me trair e agora ela merece morrer. Ela merece morrer como todos eles. Se ela prefere ficar do lado daqueles animais imundos, então que assim seja!

– Não se preocupe, minha rainha. Nós vamos resolver isso muito em breve – declarou o Mestre Conselheiro. – Eu, particularmente, não estava muito de acordo, como eu fiz questão de deixar claro, com esse método de acariciar os egos de um inimigo que poderíamos esmagar facilmente. Ser razoável é tão... maçante. Mas não se preocupe, eu vou resolver isso. Meu exército vai inundá-los de fogo e aço. Logo nós teremos nosso prêmio. Logo você terá o seu prêmio, minha rainha!

– Se é dor e sofrimento que eles desejam... entregue a eles – respondeu Rhaella furiosamente.



– Você está bem? – perguntou Nemeria enquanto se aproximava de Enid.

A moça chorava baixinho, encostada entre um barril e o canto de uma parede nas dispensas subterrâneas. Seu rosto estava muito vermelho e arquejava com dificuldade. Tinha os olhos muito apertados, como se tentasse se esconder atrás das pestanas.

– Enid... respire... respire... – sussurrou a feral. – Vamos... respire... – inclinou-se para frente e afagou as costas da companheira. Pouco a pouco a respiração foi ficando mais fácil e a cor foi retornando para suas bochechas. As pálpebras se separaram vagarosamente e a expressão ficou mais serena. – Isso... isso mesmo... Venha cá!

Enid hesitou por um momento, mas agarrou a mão que balançava à sua frente.

– Eu vou ficar bem – respondeu a moça limpando as lágrimas. – Eu... deveria imaginar...

– Como poderia? – perguntou Nemeria confusa.

– Rhaella é... diferente... – soluçou Enid. – Ela é muito inteligente. Eu deveria ter imaginado que ela não seria capturada tão facilmente... que teria feito algo desse tipo.

– Você deveria ter imaginado que ela permitiria que o próprio marido fosse torturado por uma dezena de luas sem fim e que a única família que ela ainda tinha lamentasse a morte dela por quase duas primaveras? – Nemeria levantou uma sobrancelha felina e olhou para a moça com sinceridade. – Nossa! A relação entre os humanos é realmente complicada.

Enid suspirou uma risada fraquinha por entre as lágrimas.

– Ela sempre foi assim, desde que éramos crianças – explicou a moça. – Ela sempre achava um jeito de contornar a situação. Nossa mãe era uma pessoa... complicada. Ela era muito rígida... muito exigente. Ela gostava de ter o controle das situações, além de ser muito ardilosa. Quando não conseguia as coisas pelo bem... ela conseguia pelo mal. E Rhaella aprendeu essa lição melhor que qualquer outra. Mesmo que nosso pai fosse um homem humilde e amoroso, foram os traços de minha mãe que pressionaram sobre minha irmã.

– É, os pais podem ser muito complicados mesmo... – sussurrou Nemeria curvando a cabeça.

– São...

– Quais lições sua irmã aprendeu? – indagou a feral sem muita coragem.

– Nossa mãe tinha meios de conseguir o que queria... – dizia Enid enquanto encarava o vazio. – Antes de a Rhaella se tornar rainha, nós, minha família e eu, vivíamos no campo, um lugar muito afastado. Nós não sabíamos o que era guerra. Um dia... uma grande comitiva real estava passando por nossa casa. E, nessa companhia de soldados, por uma obra insana do destino, estava Arwin. Ele tinha acabado de ser nomeado sucessor oficial do rei e estava levando o corpo desfalecido de seu pai para casa. E foi aí que tudo aconteceu. Minha mãe viu a oportunidade e se agarrou a ela com a própria vida. Ela se aproximou da comitiva e lhes ofereceu todo

tipo de favores. Ela deu a eles tudo o que tínhamos, para falar a verdade. Toda a nossa comida e bebida, matou os dois únicos porcos e a única vaca que tínhamos e os deu de comer.

A moça soltou uma risada involuntária.

– Muito perspicaz a minha mãe! – continuou. – Ela era realmente uma mulher voraz! Ela enxergou através da armadura de Arwin a quilômetros. Ela conseguiu ver dentro dele. Toda a confusão, todas as dúvidas. Eu tinha certeza que ela podia sentir o cheiro de medo e ver seu espírito tremendo pela tarefa que seria empregada a ele pela coroa. Em segundos, ela descobriu tudo o que precisava e engendrou um plano infalível. Ela convenceu Arwin de que tudo o que ele precisava para ser aceito e governar sem ninguém desafiar sua posição era uma rainha!

– Uma rainha faria dele rei? – questionou Nemeria confusa. – Eu achei que fosse o contrário. Ele já não era rei?

– Era só uma forma de validar sua posição – explicou Enid. – Sabe como são os homens, precisam ficar se afirmando o tempo todo senão as bolas caem. Não que Arwin seja assim. Tudo bem, talvez um pouco, mas os velhacos do reino com certeza eram. E minha mãe fez questão de convencê-lo disso.

– Não entendo por que os homens e os bestiais se odeiam tanto... Eles são tão parecidos...

As gargalhadas ecoaram na dispensa semivazia.

– Mas era uma boa ideia – a moça retomou seu conto. – Afinal, Arwin tinha só quinze verões nas costas naquela época. Ele não tinha muita ideia do que estava fazendo... Se ao menos Fergus estivesse com ele naquele dia, talvez as coisas tivessem sido diferentes...

– O que quer dizer? – perguntou a feral ao ver a expressão que se formou no rosto da companheira.

– Bom... Ela teria me oferecido como rainha... Mas eu era mais velha que ele e isso seria completamente inaceitável. Então ela

sugeriu Rhaella.

– Sua mãe vendeu vocês? – Nemeria rosnou sua indignação. – Ela as ofereceu como mercadoria? Sua própria mãe as ofereceu como um pedaço de carne?

– Ah! Mas Rhaella amou a ideia! – pasmou Enid. – Acredite! Ela amou a ideia. Um dia ela se tornaria uma grande rainha de um reino charmoso. Rhaella e minha mãe se uniram em um propósito pela primeira vez em suas vidas. Elas costumavam se odiar, mas, naquele momento, elas eram aliadas até a morte! Até a morte...

– Bom, ela virou rainha – respondeu Nemeria. – Mas e o que aconteceu com seus pais?

Enid sentiu os pelos fantasmas de todo o seu corpo se eriçarem sob aquela pergunta.

– É complicado... – sussurrou.

– Conte-me! – insistiu a feral. – Talvez seja hora de falar sobre isso.

A moça limpou a garganta e deu um longo suspiro.

– Todos os preparativos estavam feitos. Arwin havia aceitado a mão de Rhaella em casamento e faria dela a nova rainha de seu reino. Só que... duas noites antes de partirmos para Miramir... nossa casa foi atingida por um terrível incêndio. Meus pais ficaram presos lá dentro. Tudo aconteceu tão rápido... as chamas começaram a subir por todos os lados e o calor queimava tão forte... – As lágrimas começaram a correr pelas maçãs coradas do rosto de Enid, que soluçava tentando conter o choro estrangulado. Ela puxou as longas mangas do grosso vestido que usava e exibiu as cicatrizes meio derretidas que se expandiam por toda a pele de seu braço nu. – E não foram só eles que ficaram presos... – a voz embargada parecia se recusar em partir dos lábios trêmulos. – Aquele dia me mudou completamente... Eu me tornei um monstro...

– Eu tenho experiência em ser um monstro e garanto que não é tão ruim – Nemeria ofereceu um sorriso amigável para a moça, que não conseguiu retribuir. – Além do mais, Alma não te acha um monstro.

– Alma é diferente. Ele vê o lado bom de todo mundo e tira o melhor de todas as situações, por isso nada parece incomodá-lo, tudo é uma piada para ele – ela soluçou mais uma vez. – Mas nem todas as situações têm lados bons... nem todas as pessoas... Algumas pessoas são monstros por dentro e por fora...

– Não se preocupe! – garantiu Nemeria. – Você é uma boa pessoa!

– Eu não tenho tanta certeza disso... Rhaella... foi Rhaella que começou o fogo... Ela fez questão de prender meus pais no quartinho para que eles não conseguissem sair... – Enid soluçava descontroladamente. – E... eu fiquei presa, eu não consegui me mexer... Eu fiquei paralisada de medo enquanto ela gritava para que eu me mexesse, e eu sentia minha pele derreter...

Nemeria a olhava com horror nos olhos sem saber o que dizer.

– Ela me convenceu de que aquilo era necessário. Que nossa mãe era uma bruxa cruel e que nunca nos deixaria viver em paz... Que era preciso – os olhos de Enid suplicavam por absolvição por seus pecados. – Eu... eu não queria, mas ela... ela...

O choro que crescia furiosamente em sua garganta finalmente havia vencido a batalha, o nó se desmanchou e as lágrimas jorraram por entre os cílios curvilíneos, ela não conseguia mais dar voz aos acontecimentos.

– Shh! Shh! Família é complicado – consolou Nemeria puxando a moça em um abraço apertado. Ela esfregava as costas da companheira em um afago caloroso. – Todos nós carregamos as cicatrizes. Todos nós temos um passado.

A feral se afastou um pouco.

– Ei... olhe para mim – pediu Nemeria. A moça a encarou, limpando os olhos molhados. – Eu sei como você se sente... Meu próprio pai tenta me matar há anos.

– O que?!

– Você se lembra de quando eu contei que havia sido capturada várias vezes? – perguntou Nemeria. – Bom... acontece que o líder

dos ferais que tanto me quer morta... é meu pai.

– Então... Nervall?

– Ah, sim! Nervall é meu irmão... bem, meio-irmão – explicou casualmente. – Isso mesmo! Palamar é meu pai, ele teve um caso passageiro com uma mulher que amava gatos. – Enid deu uma gargalhada involuntária misturada com um soluço choroso. – Família é complicado... – suspirou a feral.

Capítulo XIX

Honra e ardil

A chuva de flecha e fogo se misturava à nevasca.

O estampido agudo, que fazia a pedra da muralha trepidar, anunciava uma nova rodada de uma torrente de projéteis que descia do céu em intervalos regulares. O som de rocha contra rocha era perturbador e reverberava como de dentro para fora em cada um atrás das muralhas.

Os eventos de quatro noites atrás eram ainda mais perturbadores do que a iminência da batalha. O que antes era certeza no coração dos amotinados da Coroa – um cerco prolongado e tranquilo – havia se dissolvido e as dúvidas se tornaram uma onda crescente em suas mentes. A escassez de alimento era cada dia mais evidente e a fome já batia à porta. A bebida forte ainda queimava a garganta e as vísceras, mas já não trazia tanto conforto. O prospecto de que em breve teriam que romper as barreiras que eles próprios defendiam e partir para a batalha por suprimentos, pela própria vida, parecia se tornar cada vez mais real. O desconforto do que estaria por vir martelava mentes e ouvidos no mesmo compasso dos baques surdos, e o tintilar estridente fazia chover sobre a rocha da muralha. Era uma sinfonia de guerra.

Os pátio e jardins já não eram mais tão seguros. Os caminhos

convitativos, que chamavam por um passeio despreocupado – por trás da guardiã silenciosa que serpenteava por todos os lados em forma de pedra – já não eram tão sedutores. O salseiro de projéteis – de fogo, granito e aço – inundava todo o terreno.

– Por que nós não pegamos algumas coisas e vamos embora? – perguntou Alma para quem quisesse oferecer uma resposta. – Por que exatamente estamos aqui esperando? Eu não aguento mais esse barulho infernal.

– E abandonar meu lar? – indagou Fagorn tranquilamente. – Não, meu jovem. Eu não vou abandonar minhas terras para aquele almofadinha.

A risada fraca denunciava toda a falta de ânimo da banda de rebeldes.

– Nós poderíamos deixar os procurados saírem pelos túneis e tentar fazer um acordo com Quimir – sugeriu Dicelgar ao seu pai. – Ele provavelmente está tão cansado desse jogo quanto nós.

– Ah! Essa é uma excelente ideia! – concordou Aidan sarcasticamente. – Nós saímos pelos túneis, andamos por algum tempo e, se tivermos sorte de não ficarmos perdidos para sempre ou darmos de cara com as patrulhas do exército, que certamente já encontraram outros túneis, talvez nós consigamos, sei lá, andar no ermo congelado para sempre sem ter para onde ir no meio do inverno. É uma excelente ideia, de fato. Você pensou nela sozinho? O senhor deve ser algum tipo de gênio!

– Você tem uma ideia melhor, seu moleque insolente? – retrucou o homem irritado.

– Que tal parar de ser um garotinho chorão e guardar seus pensamentos covardes para si mesmo, como todo homem que tenha um pouco de honra faria? – desafiou o rapaz.

Dicelgar se levantou enfurecido e encarou Aidan de frente.

– Por favor! – disse Aidan afastando parte do casacão para revelar o punho brilhoso de sua espada. – Faça-me esse favor. Eu insisto.

O homem cuspiu no chão próximo aos pés do jovem que o enfrentava, olhou em volta com olhos enfurecidos e deixou o lugar.

– Ele tem um ponto – disse Alma tranquilamente apontando com a cabeça para o sujeito que se afastava pelo corredor rochoso. – Vocês sabem disso, certo?

– Ele definitivamente não tem um ponto – respondeu Fergus. – Quimir não parece nem um pouco preocupado em acelerar a situação. Para ser bem sincero, eu imagino que ele esteja se divertindo com toda essa... brincadeira. Nos deixar nervosos e nos privar de um sono tranquilo. É claro que ele próprio deve estar tendo belos sonhos em que ele mesmo cruza os portões desse forte e corta nossas gargantas pessoalmente. Não, ele não deseja uma trégua ou rendição, ele só quer se divertir.

– Eu concordo – disse o anfitrião. – Eu imagino que mesmo que nós nos rendêssemos, os mestres de Alys, ele ainda assim nos torturaria por mais algum tempo pelo simples privilégio de continuar com esse joguinho sádico. Não. Ele não pretende aceitar nenhuma rendição ou tomar qualquer prisioneiro. Quaisquer que fossem os planos antes, mesmo com as ofertas de trégua generosas, com certeza eles terminariam com pescoços entre cordas e corpos desmembrados. – O velho se levantou meio cambaleante e fez um gesto de mãos, despedindo-se de todos pela noite. – Mas eu, particularmente, não tenho problema nenhum em dormir com esse barulho infernal – proclamou Fagorn alegremente. – Eu já estive em outros cercos como este e o barulho já não me incomoda mais. Na verdade, eu até sinto falta dele em algumas noites.

Todos riram enquanto o homem partia. Eles ficaram em silêncio por mais alguns minutos, o único som que se ouvia era o do estalo suave das piras que ardiam ao redor e da turbulência lá fora.

– Ele só queria o acordo para levar Enid daqui... – disse Arwin baixinho, rompendo o silêncio.

O rapaz tinha passado a maior parte dos últimos dias quieto. Resmungava sua vontade por comida e bebida sempre que as questões lhe eram apresentadas, mas essas eram as únicas interações que ele havia proporcionado a seus companheiros desde

que vira sua não tão finada esposa.

– É... – respondeu Enid sem conseguir desenrolar o tema.

– Como ela pôde fazer isso? – insistiu Arwin por entre os dentes.

Todos o observavam sem saber o que fazer, sem saber o que dizer. Não existia remédio ou mesmo palavras para curar o tipo de dor que o rapaz sentia. O clima pesado parecia espremer as paredes, e o som dos pedregulhos se partindo contra a muralha do lado de fora se tornara reconfortante agora, os gritos dos soldados anunciando outra rodada do mar de rocha e fogo eram um alente.

– O que... – começou Arwin com a voz embargada, virando os olhos para alguém pela primeira vez no que pareciam eras.

Os companheiros o encararam, mas ele não sabia mais se tinha coragem de fazer a pergunta. Tinha medo do resultado daquela conversa.

– O que... – tentou de novo. As palavras se estrangulavam com o nó pesado que se formava em sua garganta. – O que aconteceu com meu filho?

– Filho?! – questionou Enid perfeitamente surpresa. – Qual filho?

– Eu não sabia que você tinha filhos – disse Nemeria impressionada.

Alma e Fergus também trocaram olhares confusos e ficaram expectantes pela resposta.

– É! – gritou o rei-caído às margens do desespero. – O meu filho! A minha criança!

– Do que vocês está falando, Arwin? – os olhos de Enid não tinham capacidade de demonstrar metade da preocupação que ela sentia.

– A criança que Rhaella estava esperando! – ele gritava inconformado. – Ela estava grávida quando eu parti!

– Rhaella nunca esteve grávida – a moça ficava mais confusa a cada segundo. – Ela sempre disse que era muito jovem para ter filhos e

que, no momento certo, vocês dois decidiriam sobre isso. Balbur fornecia a ela um chá de canela preta para que ela não corresse o risco de engravidar, eu achei que você soubesse disso.

– Mas... – ninguém se mexeu, eles apenas observavam a realização crescer no rosto do rapaz. – Ela não estava grávida? – ele buscava pela confirmação. – Na noite anterior à minha jornada, ela disse que esperava um filho meu.

– Não, Arwin. Ela nunca esteve grávida – respondeu Enid tentando reunir toda a compreensão em sua voz.

– Ela queria criar mais dúvidas em minha mente... – a voz trêmula carregava toda a incredulidade que ele tinha dentro do peito.

– Espera aí! – interveio Alma. – Então foi por isso que você congelou na frente daquele urso chifrudo quando estávamos perto de Vrendil?

Os olhos vidrados do rei arruinado davam a resposta que todos já esperavam. Sua expressão foi lentamente se dissolvendo e se alterando. A percepção das coisas e todas as peças se conectando o fizeram perder completamente a sensação de traição e ele foi tomado por uma revolta incontrollável.

– Finn! – ele berrou se levantando. – Finn fez questão de dizer o tempo todo o quanto havia se divertido torturando Rhaella e meu filho. Ele esfregou meu filho na minha cara o tempo todo! Ele tentava arrancar minhas pálpebras para que os meus olhos ficassem abertos e vissem seus desenhos macabros em que ele cortava o próprio sobrinho em mil pedaços e os servia aos porcos. Finn! Foi tudo ideia daquele bastardo desgraçado!

Arwin ofegava pesadamente e o estalar das chamas era tudo o que restava quando o eco dos berros indignados morreu no espaço.

– Está meio silencioso, não está? – questionou Aidan depois dos longos momentos que se seguiram.

– Tem razão, será que eles desistiram pela noite? – ponderou Alma intrigado.

A quietude espessa, que já se tornara perturbadora àquela altura, foi interrompida por um clangor estrondoso que ecoava nas passagens de pedra e eles se viraram para encarar pelo corredor a aproximação de um soldado que corria em passos apressados.

– Senhor! – disse o sentinela ofegante. – Venha! O senhor precisa ver isso, é urgente!

O homem se virou e correu pelo mesmo caminho que veio. Todos trocaram olhares confusos e dispararam atrás do sujeito. A ansiedade fazia martelar os corações enquanto eles trotavam passos desesperados em direção à superfície. Passaram por mais um portal de pedra e dispararam para o pátio.

A calma era o prenúncio do desastre.

Os rastrilhos monumentais que guarneciam a entrada do forte estavam completamente abertos. E, andando passos cheios de propósito, vinha Quimir, ladeado por Dicelgar, de um lado, e seu servo manco do outro. Pararam a meio caminho de distância. O filho do anfitrião do forte-cidade deu mais meia dúzia de passos em direção ao grupo de rebelados e atirou a cabeça decepada de seu pai, que rolou vários metros até parar aos pés de Fergus. O capitão ainda podia ver a expressão no rosto do velho decapitado, as marcas de decepção misturadas com o sangue úmido.

– Acho que isso resolve a falta de concordância – disse o homem com um sorriso sádico no rosto.

Em todo o entorno da muralha, os arcos, antes aliados, agora apontavam para os convidados da fortaleza.

– E meus soldados? – questionou Fergus casualmente.

– Alguns morreram – respondeu Quimir elegantemente. – Outros se ofereceram para servir ao rei e depois fugiram. Mas não se preocupe, capitão. A maioria se rendeu a serviço do soberano legítimo desta terra. Eles não vão ter qualquer problema em se restabelecer nas linhas do nosso querido governante. Eu posso garantir, nenhum deles será ferido enquanto servirem da Coroa. Muito pelo contrário, todos serão muito bem recompensados por

seu serviço e coragem.

– Pois bem! – disse Fergus, que deu dois passos à frente e se virou para os companheiros. – Eu vou precisar que vocês corram agora.

– O que?! Não! – disparou Aidan. – Você não pode!

– Eu não vou conseguir segurá-los indeterminadamente, mas talvez eu consiga comprar algum tempo para que vocês escapem – a voz profunda não carregava nenhuma dúvida. – Encontrem Nervall. Avisem os ferais. Acabem com essa loucura.

O rapaz correu para o lado de seu capitão e o segurou pelo braço.

– Você não pode fazer isso! – as súplicas se misturaram às lágrimas enquanto a voz trêmula tentava oferecer alguma razão ao capitão. – Venha conosco. Nós podemos fazer isso. Nós podemos escapar juntos!

Fergus olhou para a mão em seu cotovelo e encarou o rapaz com um sorriso no rosto.

– Eu já lhe ensinei tudo o que eu podia, Aidan. Você é um bom garoto. Vá e sobreviva. Viva! Viva para lutar um outro dia, em um outro lugar. Viva para se tornar o grande o homem que eu sei que você está destinado a ser – ele se virou com olhos orgulhosos para os outros pupilos. – Alma... Arwin... cuidem dele, sim?

Os amigos de infância não disseram uma palavra. A admiração que eles sentiam encher o peito falava por si só e transbordava pelos olhares. Era como o capitão um dia havia ensinado. Lutem por aquilo que faça aquecer os corações. E eles sabiam que aquela era a luta da vida de Fergus.

– Vão! Depressa! Eu vou conseguir algum tempo – trovejou a voz do capitão.

Fergus sorriu uma última vez e podia ver diante de seus olhos os meninos que ele viu crescer e lutar. A banda de amigos se virou em seus calcanhares e partiu pelos corredores de pedra.

Os olhos do veterano agora queimavam uma chama poderosa.

Retirou as placas de aço pesadas, revelando o cobre de seus ombros fortes e os muitos traços herdados da guerra em seus braços. Queria estar leve para ir em direção ao seu destino. Queria usar toda a sua agilidade para o que viria a seguir. A espada foi desembainhada lentamente e ele a analisou com um sorriso sanguinário estampado no rosto.

O estampido agudo das peças da armadura se chocando contra o chão foi o último sinal de aviso para a investida furiosa. Fergus se lançou ao ataque com um ímpeto violento e o batalhão inimigo respondeu ao seu grito de batalha. O capitão era uma máquina de guerra. Cortou as fileiras de soldados como um furação. A massa corpulenta lhe dava uma enorme vantagem no embate. Os guardas se atiravam em sua direção e ele respondia golpeando-os com o próprio corpo. Atirando braços, pernas e ombros contra os adversários, que batiam no chão de forma violenta. O universo foi tomado por uma sinfonia de metais pesados tocando uma orquestra de ruína.

Fergus avançava com olhos determinados em busca de um único alvo: *Quimir!*

Aparou golpes com sua espada, fez giros dignos de um acrobata muito mais leve que ele e avançou furiosamente até chegar ao seu destino. Levantou a espada o mais alto que pôde e desceu com todas as forças sobre o Mestre Conselheiro, que sequer vacilou ao golpe quando a lâmina parou a um par de dedos do enorme nariz ganchoso.

Os braços do capitão tremiam enquanto ele tentava com esforço descer o pouco espaço que restava para vingar o amigo decapitado. Mas ali, parecendo não ter a menor dificuldade para conter o golpe, estava o servo manco de Quimir. Seus olhos eram vermelhos como sangue e ele rosnava baixinho no fundo da garganta.

Capítulo XX

Caça e caçador

O ar gelado do subsolo espremia os pulmões de todos ali.

Os fugitivos do cerco de Alys se lançaram em uma corrida desesperada pelos intermináveis túneis subterrâneos. Nemeria puxava à frente e os outros acompanhavam enfileirados como podiam. As longas e musculosas pernas da feral faziam com que ela empregasse um ritmo virtualmente impossível de ser mantido pelos companheiros. O caminho era sinuoso e cheio de curvas cegas. Sempre que eles passavam por uma nova passagem, outra câmara com dúzias de novos caminhos se apresentava à frente. O vento gelado soprava por todos os lados e fazia com que fosse impossível dizer exatamente qual era o rumo certo a se seguir, todos precisavam confiar nos instintos de Nemeria para conseguirem sair dali com vida.

O tinido turbulento das armaduras e os gritos dos algozes que os perseguiam pareciam ser amplificados mil vezes pela arquitetura do lugar. Os corredores baixos faziam todos os sons reverberarem na parede gélida e vibrar as entranhas de cada um. Mas nada disso se comparava ao rugido animalesco que ressoava de todas as direções, alimentando consideravelmente a sensação de urgência e fazendo congelar a espinha de todos os fugitivos.

A estrutura dos túneis deixava Arwin especialmente desconfortável. Sentia-se de volta a Miramir, com a mesma sensação claustrofóbica de quando tinha que se sentar, às vezes por horas, no salão dos conselheiros para ouvir um espetáculo de argumentos inúteis que em nada lhe interessavam – ou sequer lhe proporcionavam algum alento. A náusea apertava no fundo de seus olhos e ele lutava para conter os flashes do passado que ele tentava esquecer.

Horas pareciam ter se passado no meio daquela corrida perturbadora. Nemeria parou em uma câmara apertada e não conseguia se decidir. Ela sentia os calafrios tomarem conta de seu corpo. O rugido que ressoava nos corredores por cima de seus ombros a deixava mais nervosa a cada segundo.

– Esperem! – disparou Aidan, parando no meio da corrida. – Skarlet! Nós precisamos voltar para buscar Skarlet!

– Não temos tempo para isso! – berrou Arwin de volta.

– Mas eu preciso! – insistiu o rapaz com as lágrimas se formando em seu rosto. – Ela é tudo que eu tenho agora! Nós precisamos voltar!

– Eles não vão fazer mal a ela! – apontou Alma. – Não há batalha, não há nada acontecendo lá atrás. Ela vai ser bem tratada, ela é uma égua de guerra. Eles não vão feri-la.

– Não faça o sacrifício de Fergus ser em vão! – rosnou Arwin. – Vamos! Viva para vê-la outro dia.

Aidan fechou a cara com uma expressão emburrada.

– PARA QUE LADO, NEMERIA? – gritou o rapaz contrariado.

A feral olhou de um lado para outro, virava-se passagem por passagem, parando vários segundos para encarar o caminho antes de se virar para a seguinte. A respiração pesada pressionava os ouvidos e parecia preencher cada centímetro do lugar enquanto os companheiros tentavam recuperar o fôlego.

O berro do animal que os caçava parecia cada vez mais próximo e o som metálico de uma possível batalha se aproximando fazia o chão tremer.

– Nemeria! – berrou Aidan novamente. – Por onde?!

Mais uma vez ela olhou de um lado para o outro. Uma decisão errada naquela encruzilhada e eles estariam perdidos; mortos. Seus olhos disparavam para cada ombreira rochosa, o suor escorria profusamente pelo seu rosto. Não conseguia se decidir. Não podia.

– Nemeria! – berrou Alma.

– Eu não sei! – foi tudo o que ela conseguiu lhes oferecer antes de cobrir o rosto e se enrolar em uma bola. – Eu não sei! Eu não sei! – repetia como uma prece.

Aquele rugido estava tirando completamente sua calma. Balançava para frente e para trás e se sentia como uma presa prestes a ser

dilacerada por um predador implacável.

Arwin deu um passo à frente e colocou uma mão quente no ombro de Nemeria.

– Está tudo bem – o sorriso em sua voz fez os olhos se encontrarem.

Os dois se olharam por alguns instantes e o rapaz tomou sua decisão.

– Por aqui! – gritou Arwin apontando para um túnel.

Todos o seguiram sem hesitar e correram como puderam. Arwin os guiava pelos caminhos cheio de certeza, cortando corredores sem titubear. Conforme eles avançavam pelo túnel, o ar foi ficando cada vez mais gelado e úmido. Estavam perto da saída.

Os tamborilar pesado das pernadas dos soldados parecia cada vez mais próximo dos fugitivos. Um baforar furioso soprava mais e mais perto. Todos eles sentiam o peito arder no ar gelado, como se os pulmões fossem se romper a qualquer momento. A dor do esforço já se espalhava para o fígado e mesmo assim eles correram. Correram com todas as forças.

Aidan corria na frente e suas botas fizeram um guincho horripilante, que ecoou por toda a passagem quando ele cravou os dois calcanhares no chão para interromper a corrida. Deslizou um longo caminho antes de parar na beirada escorregadia de um precipício. O túnel desembocava na encosta de uma enorme cachoeira meio congelada.

– E agora? – berrou Aidan, a voz corria desesperada para fora de seus lábios.

Eles se viraram para o túnel e podiam sentir o predador farejar o ar. Para além da escuridão, um par de olhos assassinos brilhava um encarnado cintilante.

– Poxa! E agora, não é mesmo? – disse Alma despreocupadamente colocando a mão nas costas de Aidan.

O jovem soldado empurrou o companheiro para além da beirada e o

rapaz desapareceu no vazio, seu grito de desespero ecoando no universo congelado lá fora.

– Que foi?! – perguntou Alma dando de ombros sob o olhar de desaprovação dos demais.

Os outros o escrutinaram por mais um segundo e, então, pularam.

O mundo ao redor deles passava em um borrão alvo. Caíram e caíram pelo que parecia uma vida. O vento gelado cortava seus rostos como navalhas e era impossível manter os olhos abertos por mais de um segundo. No fim da queda, o baque seco e o som da superfície das corredeiras sendo rompida. Eles aterrissaram pesadamente em um rio congelado. Todos lutaram contra as correntes e se debateram violentamente, tentando alcançar terra firme. Chegaram ao leito do rio e se deitaram nas margens, com os pulmões encharcados, tossindo arduamente os fragmentos caudalosos das torrentes gélidas.

Alma ouviu um grito furioso e se levantou desesperado, procurando por seu inimigo. Quando se virou, viu Aidan se lançando em sua direção e o empurrando com todas as forças de volta para a água congelada.

– Você poderia ter me matado, seu desgraçado! – berrou o jovem soldado.

– Bom, você está vivo, não está?! – gritou de volta enquanto lutava desesperadamente para voltar à terra firme.

Ele se deitou no chão ao lado dos companheiros e todos começaram a rir. E eles riram por um longo tempo, até que um rugido furioso rasgou a noite mais uma vez.

– Vamos, é melhor a gente sair daqui – disse Arwin.

Todos se levantaram com dificuldade e correram para a noite nevada.



A paisagem em volta dos fugitivos era desoladora. As lanças de gelo que se formavam nas copas das árvores os mantinham em alerta constante pela possibilidade de qualquer acidente. A nevasca lhes castigava os rostos com navalhas geladas e o vento glacial fazia até os ossos tremerem. A ventania pesada do inverno e o uivo furioso de suas rajadas tornavam a comunicação praticamente impossível e era difícil manter o passo. Eles precisavam ficar atentos para não se perderem um dos outros. As roupas pesadas estavam encharcadas de neve e uma crosta de gelo havia se formado sobre as peles que eles usavam, tornando a tarefa de vesti-las ainda mais extenuante.

– Será que nós não podemos parar um pouco? – perguntou Enid. – Já faz três dias!

– Quanto antes chegarmos a Vrendil, melhor – respondeu Nemeria sem se virar.

– Quão longe nós ainda podemos estar? – gritou Aidan.

– Longe! – respondeu a feral.

– Então nós precisamos descansar e comer alguma coisa – sugeriu o rapaz tentando vencer o vento. – Nós não vamos chegar muito mais longe nessas condições!

Nemeria ignorou os argumentos e apertou o passo, mas Aidan correu para o seu lado e a segurou pelo braço.

– Nós precisamos descansar um pouco! – gritou ele de novo.

– Não podemos, aquela coisa ainda está atrás de nós! – os olhos vermelhos ainda carregavam lágrimas congeladas. – Ele vai nos despedaçar! Não temos chance contra aquilo. Nós precisamos continuar andando!

A feral se virou e começou a andar de novo, mas o rapaz a conteve mais uma vez com o aperto firme.

– Nós não temos escolha! – ele protestou. – Nós precisamos de comida e descanso. Se não pararmos agora, estaremos nós mesmos fazendo o trabalho dele! Vamos morrer congelados antes mesmo que ele nos alcance.

– Ele tem razão! – gritou Arwin. – Nós precisamos parar um pouco!

Nemeria puxou o braço com força e se libertou do aperto de Aidan.

– Que seja! Se vocês querem morrer logo... – o rosnado contrariado se perdeu no espaço.

Arwin acenou para todos se encostarem em uma árvore grossa.

– Nós precisamos encontrar um conjunto de árvores que nos proteja do vento o suficiente para fazermos uma fogueira! – ele berrava tentando vencer o uivo do vento. – Espalhem-se e procurem um conjunto de pelo menos três árvores bem próximas!

Os errantes se separaram e andaram pela relva congelada. Era difícil enxergar muito longe, o vento cortante não os deixava manter a cabeça levantada por tempo suficiente para analisar o horizonte.

– Por aqui! – gritou Enid, mas sua voz morreu em meio ao vento.

Ela encheu os pulmões o quanto conseguiu, juntou um par de dedos entre os lábios – podia sentir a mão muito gelada, como se estivesse perdendo a vida – e assobiou com todas as forças. Todos lutaram para chegar no ponto de encontro indicado pelo sinal estridente. Encostaram-se em uma formação côncava feita dos troncos de quatro árvores muito grossas, a proteção perfeita para o vento.

– Cavem na neve e procurem por raízes secas! – ordenou Arwin. – As raízes talvez estejam apenas com a casca congelada e o miolo seco. E talvez consigamos fazer fogo com elas.

Eles cavaram desesperadamente com as próprias mãos por um longo tempo, juntando todos os galhos e raízes que tivessem uma camada grossa de gelo que pudesse ser removida sem derreter e molhar a lenha para a fogueira.

Os dedos entorpecidos pelo trabalho finalmente foram colocados sobre o braseiro quente que Alma havia acendido com muito custo.

– Fiquem todos perto, assim podemos nos proteger do frio! – gritou Arwin.

Os companheiros se aproximaram uns dos outros o máximo que puderam. O vento forte soprou a noite toda e a proteção das árvores ofereceu um abrigo precário, mas o suficiente para sobreviverem ao relento.

Aidan abriu os olhos de sobressalto e se levantou assustado quando percebeu que dormia com seu rosto colado ao de Alma. Todos acordaram rindo ao notarem a situação.

– Não se preocupe, garoto – aconselhou o jovem soldado em meio a um bocejo preguiçoso. – Você não faz meu tipo.

– Cuidado, Enid! – debochou Arwin. – Parece que você tem concorrência.

Depois de mais uma rodada de risadas, eles olharam o amanhecer suave aparecer por cima das árvores. A nevasca tinha deixado suas marcas, mas o clima estava muito mais agradável – ou um pouco menos opressor. O frio, que mordida seus rostos, era suportável e eles se prepararam para enfrentar mais um dia.

– Bom, seria interessante se conseguíssemos algo para comer – disse Alma tentando se desviar da zombaria.

– Eu acho que consigo cuidar disso – respondeu Nemeria de prontidão.

– Eu vou com você – ofereceu-se Aidan já se levantando.

A feral o encarou com desprezo e caminhou para longe em passos ligeiros, sem dizer uma palavra. O rapaz correu atrás dela.

Os dois andaram pela cena nevada por um longo tempo. O silêncio era tão gelado entre eles quanto o próprio ar. A mata parecia desabitada, não ouviam nenhum som, fosse da fauna ou da flora sofrendo a fúria do inverno.

– Que diabo foi aquilo na noite passada? – Aidan finalmente conseguiu reunir coragem para romper a barreira invisível que havia entre eles. Fez questão de garantir que eles já estavam longe dos ouvidos curiosos dos companheiros antes de abordar o assunto.

– Nada!

– Não me pareceu que não foi nada – insistiu o rapaz.

Nemeria continuou andando e tentou ignorar o assunto, mas Aidan acelerou o passo e tocou gentilmente o cotovelo da companheira, que moveu o braço assustada.

– O que você quer?! – o berro apavorado fez ele tropicar dois passos nervosos para trás.

– Definitivamente isso não é “nada” – disse preocupado. – Por que está tão inquieta?

A feral abaixou o rosto e suspirou, as lágrimas se formaram em seus olhos.

– Aquela... aquela coisa que estava atrás da gente... eu já a vi antes – ela levantou os olhos marejados para o rapaz. – Na noite em que minha mãe morreu...

Aidan arquejou seu espanto.

– Você não sabe do que ela é capaz... – completou a mulher.

– Eu não vou deixar quem quer que seja lhe ferir! – declarou Aidan com sinceridade.

Nemeria não conseguiu conter a risada que escapou em um suspiro.

– Eu imagino que você seja tão corajoso quanto os outros – respondeu a feral oferecendo um sorriso enquanto limpava as lágrimas. – Mas eu sei me cuidar. Obrigada!

– Além do mais... – continuou o rapaz. – Você ainda me deve por aquela paulada na cabeça.

– Não foi assim tão forte – ela riu baixinho.

– Eu acho que minha cabeça ainda está rachada.

– Isso explicaria muita coisa! – outra gargalhada escapou por um

suspiro e desenhou seu divertimento no ar de inverno. – Eu precisava fazer parecer o mais verdadeiro possível. Você não queria estragar seu disfarce, não é?

– Verdadeiro demais – o rapaz esfregou a parte de trás da cabeça com um sorriso torto nos lábios.

Mais um par de risadas impetuosas, apertadas na garganta para não afastar possíveis presas, e eles retomaram seu caminho em busca de alimento. O frio opressor soprava uma brisa decadente por todos os lados, tornando difícil ouvir os sons da mata.

– Ouviu isso? – sussurrou Aidan depois de uma longa caminhada. – Por aqui!

Com olhos atentos e passos suaves, eles caminharam pelo cenário esbranquiçado até chegarem em uma clareira. Para além dos arbustos, um cervo majestoso tentava alcançar as folhas de uma árvore meio congelada.

– Eu vou dar a volta e espantá-lo para cá – suspirou o rapaz para a companheira. – Você acha que dá conta dele?

Nemeria ronronou sua aprovação com um sorriso assassino no rosto.

Aidan avançou sorrateiro em volta da clareira, desviando cuidadosamente dos galhos no chão e do gelo acima de sua cabeça. Parou do outro lado, virou-se em direção à companheira e fez um aceno, gesto que foi repetido por ela. Então, levantou a mão para dar o sinal, indicando o momento para o ataque, mas o animal disparou a correr para dentro da floresta. Os sons de galhos se partindo e um rugido ensurdecedor romperam o ar por toda a mata.

Por detrás de um conjunto de árvores, no limiar da alameda, uma besta colossais rompeu o paredão de madeira e se lançou em direção à Nemeria em um borrão esbranquiçado. A feral se jogou para fora do caminho e o monstro colidiu estrondosamente com um tronco grosso, arrancando-o até a raiz.

Nemeria se levantou e correu desesperadamente para a clareira e o

caçador em seu encalço. O monstro corria sobre as quatro patas. Seu pelo branco se misturava quase que perfeitamente à neve, exceto pelas listras negras e muitas marcas de sangue na pelugem. Os olhos do predador felino eram vermelhos e injetados, e a pupila negra, na vertical, estava tão contraída que parecia querer sumir. Os caninos, de pelo menos dois palmos, estavam à mostra e uma baba viscosa voava pelo ar.

Aidan empunhou sua espada e soltou um grito de guerra, correndo para amparar a companheira em perigo.

– Não! – gritou Nemeria desesperada quando o rapaz passou por ela disparado na direção oposta.

Ele correu até o animal carregando sua espada com apenas uma mão e os braços abertos. Quando chegou na distância certa, deslizou pelo chão e atravessou por debaixo da besta, a espada passou firme pela parte de dentro de uma das patas traseiras do bicho, deixando um corte profundo em seu rastro.

O berro pungente da fera encheu a floresta mais uma vez e ela partiu para cima de sua presa. Mas Aidan estava preparado. No momento em que o animal se aproximou o suficiente, ele apoiou todo o peso de seu corpo sobre uma perna e, no instante exato, jogou-se para o outro lado, passando a espada mais uma vez sobre o couro grosso. No mesmo movimento, ele girou no próprio eixo e decepou a ponta do rabo do felino, que guinchou outro brado estridente e fez com que as navalhas congeladas da vegetação descessem sobre o copado.

A besta circulou o soldado, lentamente, saboreando sua carne no ar. Os dois gladiadores, caça e caçador, respiravam ofegantes, o vapor das respirações pesadas desenhando seus esforços no espaço. Mais um rugido anunciou o novo ataque. Aidan correu para seu inimigo e os dois se encontraram no meio do caminho, quando o jovem cravou o calcanhar no chão, desviando-se de uma pata pesada, e se virou para dar outro golpe com sua lâmina afiada, mas dessa vez não foi rápido o suficiente. A criatura bateu com força no seu flanco e ele voou para longe. Aidan bateu forte no chão e não se mexeu mais.

O predador se aproximou com passos triunfantes, pronto para provar da carne de sua presa, mas outro par de gritos de guerra encheu o ar na clareira. Arwin e Alma se lançaram ao ataque impetuosamente. Correram com espadas cruzadas e trocando de lado enquanto disparavam em assistência ao companheiro combalido.

A fera parecia confusa.

Arwin correu para direita e se colocou entre o animal e o soldado caído. Alma deu a volta na clareira e atacou a besta pelas costas. O monstro desviou de um golpe forte direcionado a uma das patas e bateu no peito de Alma, que cambaleou para trás sem ar. Arwin correu para frente e tentou acertar as patas traseiras do bicho, mas seu oponente foi mais rápido e o chutou no rosto.

Nemeria se esforçava para se mexer, mas estava completamente paralisada pelas memórias aterrorizantes que aquela besta assassina estampava em sua mente. Podia ver um turbilhão de imagens carminadas e os gritos desesperados de sua família. Ecoavam em sua memória os ruídos agonizantes de todos a quem amava sendo dilacerados por um predador implacável.

O caçador voraz se virou para Alma mais uma vez. O rapaz, que tentava se levantar, ergueu a espada com as mãos tremendo. Caiu mais uma vez de joelhos e viu a boca cheia de dentes predadores. Mas Arwin cortou o espaço e se lançou para cima, pulando nas costas da fera. Apertava com todas as forças a garganta do adversário brutal. As pernas da besta pareciam estar perdendo força enquanto ela balançava descontroladamente de um lado para o outro, tentando se livrar da prensa que a privava da respiração.

Quando a batalha parecia vencida e o oponente se abaixava cedendo à falta de ar, o animal deu um impulso poderoso e pulou bem alto, aterrissando sobre o próprio dorso. A monstruosidade ardilosa se levantou lentamente, revelando o corpo inerte de Arwin, e abaixou-se para se banquetear finalmente da carne que já caçava há dias, quando foi atingida na lateral da cabeça por uma pedra de gelo pesada.

A fera se virou para ver Enid, que procurava por outra pedra para

atirar no animal. A besta rugiu bem alto e disparou na direção da nova oferta de alimento como um relâmpago branco. A moça soltou a pedra que havia encontrado e encarou paralisada a bestialidade gigantesca que galopava furiosamente ao seu encontro. Virou o rosto e aguardou pelo impacto.

O golpe nunca veio. Quando ela abriu os olhos, viu Nemeria segurando as mandíbulas do animal com as próprias mãos. A feral o segurava pelos dentes com todas as forças. As palmas de suas mãos sangravam enquanto as presas afiadas perfuravam sua carne e a empurravam contra o solo nevado. Desceu lentamente sobre os próprios joelhos enquanto protegia Enid. O bafo opressor da fera roçava quente na pelugem fina de seu rosto.

Nemeria sentiu seus músculos falharem e olhou no fundo da garganta de seu algoz, esperando pelo fim. A escuridão já preenchia sua mente quando enxergou o brilho no fim daquele túnel fedorento. Por cima da cabeça do animal, ela viu uma espada atravessar o bicho pela nuca. A lâmina brilhante, fincada até o punho, saiu pela boca da besta e fez jorrar o sangue preto e viscoso por entre as presas. O monstro soltou mais um rosnado agonizante e despencou sobre a neve alva.

– Eu disse que não deixaria ninguém lhe ferir – declarou Aidan com um sorriso no rosto antes de tombar ao lado do animal.

Capítulo XXI

A quarta face do jogo

A brisa gelada dançava entre as tendas da cidade improvisada.

O rei havia chegado à caravana e esperava pelas boas novas da vitória no longo e demorado cerco. A barraca montada para o soberano era deslumbrante. O próprio castelo parecia ter sido montado para ele no centro do acampamento. Os panos pesados, que se esticavam para os céus, criavam uma sombra imponente

sobre o quartel de campanha e formavam um palacete realmente formidável. No interior, todas as pompas para um imperador. O soberano havia ordenado que todos os adereços de seus aposentos reais fossem transportados para o acampamento, incluindo a estátua altiva da altura de três homens – que ficava esquecida em uma das esquinas de seu quarto. Todos os pratos desenhados, tapeçarias ilustradas, quadros, pinturas, todo tipo de livro e pergaminho que meramente citasse o nome ou fizesse menção de seus títulos estavam ali. A cidadela de fabrico estava perfeitamente aquecida por uma lareira de pedra pesada, construída especialmente para as acomodações reais.

– Pois então, onde estão meus prisioneiros? – questionou o rei gentilmente.

– Majestade... – começou Quimir elegante. – Infelizmente nós perdemos os rebelados.

O fidalgo passeou por sua tenda olhando ao redor com olhos alegres. Loran estava sentado, imóvel, em um banquinho próximo à lareira de pedra – como sempre, ele estava coberto da cabeça aos pés pelos panos que agora faziam parte de sua vida. O patriarca passou por Rhaella sem se virar, e a rainha o observou com olhos apreensivos.

– Entendo... – respondeu suavemente depois de vários segundos de uma passada tranquila pelo ambiente. Parou na sua mesinha de estudos, a mesma que ficava em seu quarto nos tempos de regente, e serviu uma taça de vinho. – Qual foi a dificuldade do cerco? Eu imaginei que você tivesse tudo sobre o mais perfeito controle. Ou eu estou enganado em creditá-lo da confiança de comandar meu vasto exército nesta campanha, meu caro Mestre Conselheiro?

Quimir limpou a garganta e se levantou.

– Meu Senhor, eu garanto que eles serão capturados em breve. Eu enviei meu homem mais competente para a missão. Em breve eles estarão aqui... – ele fez uma pausa e completou maliciosamente. – Ou pelo menos os seus pedaços estarão.

O rei deu um longo gole em seu cálice reluzente, um sorriso

pretencioso estampava seu rosto.

– Bom, eu espero que não esteja falando daquele seu cão de caça manco, porque, francamente, eu acho que meu irmão já passou por coisas muito piores – o timbre casual se fundia ao aroma amadeirado do fermentado em seus lábios.

O nariz avantajado se agitou para todos os lados, tentando disfarçar a perplexidade que tentava tomar suas expressões. Os olhos se arregalaram por um segundo e a confusão espremeu seu cérebro.

– Oh! Sim! Você deve estar se perguntando como eu sei, não é mesmo? – o patriarca se virou para Loran. – Ele quer saber como eu descobri. Não é engraçado? – A figura de Loran se mexeu para frente e para trás, acompanhando as risadas forçadas do imperador. – Ora, meu caro conselheiro – continuou enquanto servia outras duas taças de vinho. Encheu generosamente as peças de ouro, que transbordaram sobre a mesa. – Eu achei que já tinha ficado claro que meu papel é saber das coisas. E eu tenho tomado muito cuidado para não perder nada.

Ele deu uma risadinha e desfilou mais uma vez pelo espaço. Forçou uma taça entre as mãos de Rhaella e a outra deu para o seu conselheiro pessoal.

– Bebam! – demandou friamente.

Os convidados trocaram olhares desconfiados e levaram as taças até a boca, engolindo o líquido cautelosamente.

– Maravilhosa safra, não é mesmo? – recomeçou o anfitrião, mudando de assunto pelo momento. – Eu a encontrei no caminho para cá... na dispensa de Sorim... – Deu outro longo gole no líquido carmesim. – Ah! É magnífico, não é? Aquele nobre safadinho escondeu esse néctar maravilhoso da Coroa – fez uma pausa para apreciar o aroma que enchia suas narinas. – Ah! Eu tenho quase certeza de que ele desviava esses bens preciosos das adegas reais... Essa é a única explicação. Esplêndido! Esplêndido! Não acham?!

Rhaella e Quimir apenas o observavam falar pelos cotovelos.

– Ah, sim! Sim! – e continuava. – É mesmo maravilhoso! – Fez outra pausa para reverenciar o sabor de sua bebida. Virou-se, caminhou em volta da mesa e se sentou pesadamente no trono de ouro que lhe era cativo. – E então, meus queridos – a voz casual, com um embaraço forçado, convidava para uma franca troca de confidências enquanto enrolava os cabelos entre os dedos. – Digam-me, como foram as negociações para recuperar a mocinha bem passada?

Os convidados trocaram olhares preocupados.

– Ah! Não se preocupem – uma risadinha forçada e outra piscadela para Loran se misturaram no ar. – Eu sei tudo sobre isso. Eu já esperava, de certa forma, que a nossa estimada rainha não conseguiria viver sem a irmã tostadinha. Afinal, a família é realmente algo precioso que devemos cuidar com muito amor e carinho, não é mesmo?

Rhaella fez um movimento para responder, mas foi impedida por Quimir.

– Olhe só! Ela está irritadinha, não é uma graça? Ela não é uma graça?

– Escute aqui! – vociferou Rhaella.

– NÃO! ESCUTE AQUI, VOCÊ! – berrou o imperador se levantando de seu trono. – VOCÊS COLOCARAM TUDO A PERDER COM ESSE JOGUINHO IMBECIL PARA RECUPERAR AQUELA COISA ASQUEROSA QUE VOCÊ CHAMA DE IRMÃ!

O senhoril suspirou e arrumou sua túnica magenta pomposamente – o cetim se acomodou mais uma vez no perfil esguio.

– Você precisava, não é mesmo? – sentou-se e continuou casualmente. – Precisava se mostrar para sua querida irmãzinha. Você não podia deixar que eu cuidasse de tudo. Eu tinha tudo sob controle, mas não! Você não podia esperar.

– Meu Senhor! – interveio Quimir. – Por favor...

O patriarca fez um gesto com a mão e o homem parou de falar. Voltou um largo sorriso para Loran, que fez um gesto suave com o

corpo, e o soberano, então, virou-se de volta para o conselheiro e fez um novo sinal para que continuasse. Quimir sentiu seu rosto esquentar e tinha de certeza de que suas orelhas haviam ficado vermelhas. Aquela situação estava se tornando insustentável para o Mestre Conselheiro.

– Meu Senhor, o cerco estava sob controle, mais alguns dias e nós teríamos conseguido tudo o que queríamos – as palavras saíram estranguladas por entre os dentes trincados.

O soberano se virou novamente para Loran e aguardou a anuência na linguagem corporal do conselheiro taciturno. Quimir se sentia cada vez mais ofendido.

– Ah, sim! Claro! Claro! – disse o imperador simulando um grande interesse. – A oferta de cargos e o precioso perdão real. Sim, eu sei! Mas, veja bem, eu nunca cumpriria tais termos. E mesmo que essas ofertas generosas fossem uma tentativa de lograr os revoltosos, você as fazia em meu nome, e alguém da minha estatura não pode se dar ao luxo de ter o nome usado como oferta de barganha com quaisquer bandidos que sejam. Não importa quais sejam os seus crimes.

Levantou-se mais uma vez e andou até o centro da tenda, onde poderia se dirigir a ambos os convidados

– Mas, claro! Vocês acharam que aqueles planos que você bolaram, de fazer ofertas generosas, surtiriam muito efeito, não é mesmo? – o rei se dirigia a seus convidados em turnos. – Não é? Não é?! Seria maravilhoso, não é? Era realmente um plano magnífico. Claro que existia a pequena possibilidade de eles perceberem a armadilha no horizonte como um mar de corvos. Dois antigos capitães da Guarda Real, um deles com quase quarenta outonos de serviço à Coroa, dois soldados veteranos de guerra, um deles o antigo rei e o outro, conselheiro deste mesmo rei. Cada um com mais tempo de combate e estratégia militar que vocês dois juntos têm na corte do rei! Oh, não... não... não... Eles *nunca* perceberiam esse plano brilhante que vocês haviam traçado para ludibriá-los. Não, era um plano perfeito. Eu realmente estou comovido com a habilidade que vocês dois desenvolveram em passar vergonha.

– Nós fizemos o que era necessário! – gritou Quimir. – Foi você que decidiu não matar o rei quando teve a oportunidade!

– O rei? – indagou o imperador em um sussurro venenoso. – Arwin nunca foi o rei! Nunca poderia ter sido! Ele é uma aberração do acaso. Uma falha das circunstâncias e apenas isso.

O Mestre Conselheiro fez outro gesto para empregar seus argumentos, mas o soberano o interrompeu com um aceno manual seguido do movimento habitual de se virar para pedir a opinião de Loran.

– Qual é o seu maldito problema?! – berrou Quimir histericamente. – Por que continua se virando para esse lacaios? Ele nunca fala nada!

O patriarca encarou o nariz ganchoso com olhos arregalados.

– Oh! Mestre Conselheiro, por favor, não se irrite! – ele se aproximou fingindo uma apreensão desmedida e pegou Quimir pelo braço, levando-o para o divã onde Rhaella estava sentada. – Venha, sente-se aqui. Vamos conversar.

O rei pegou um banquinho de madeira, colocou-o de frente para os convidados e se sentou cruzando as pernas e apoiando o rosto na mão com o cotovelo sobre o joelho.

– Vamos, contem-me! Qual o motivo de tanta irritação?! Vamos, contem-me. Não sejam tímidos. Não! Não! Não me escondam nada. Vamos aliviar esses coraçõezinhos. Uma alma leve é uma alma produtiva. Vamos, desembuchem!

Mesmo com o acordo de manter-se silencioso, Loran não conseguiu evitar tossir uma risada ao ver o deboche exagerado do patriarca.

Os olhos da rainha se injetaram de ódio olhando os panos se sacudirem e ela se voltou para o rei.

– Não se esqueça de quem colocou essa coroa em sua cabeça! – explodiu a voz aguda. – Não esqueça por que você é rei! – A expressão do imperador endureceu, mas ele não se mexeu. Rhaella se levantou e deu passos largos pela tenda. – Não se esqueça de quem lhe deu as armas para que você pudesse se tornar rei! – dizia

a rainha em toda a sua estatura. – Não se esqueça de quem lhe mostrou a verdade e lhe deu os meios para tomar o que era seu por direito! Não se esqueça de quem achou as provas necessárias que validariam todos os seus planos. Os meus planos!

Quimir engoliu a seco quando viu o imperador se levantar lentamente e flutuar passos suaves em direção à Rhaella.

O soberano parou em frente à rainha e mergulhou fundo no oceano esmeralda.

– Eu não me esqueci das coisas que você me revelou, cunhadinha – um timbre perverso desenhava suas palavras, fazendo Rhaella sentir a própria nevasca que aniquilava o mundo lá fora correr por sua espinha. – O senhoril deu mais um par de pegadas e falou bem perto da orelha da rainha em um sussurro soproso, como uma serpente preparando o bote. – Mas você também não se esqueça de quem eu sou... Nunca se esqueça.

Caminhou mais duas dúzias de passos e a matriarca o acompanhou por todo o trajeto, como se estivesse hipnotizada. O rei parou ao lado de uma tela coberta e puxou os panos que cobriam a pintura. A concepção, em tamanho real, era uma representação de cores exuberantes que retratavam à perfeição os rostos mutilados de Rhaella e Enid empalados em lanças negras.

Capítulo XXII

Acordes

Mais ao sul, a opressão atmosférica não era tão severa.

Arwin ainda se recordava de como era o inverno naquela floresta, muito diferente da estação em sua terra natal. A falta de neve e a presença constante de chuvas o deixavam muito confuso quanto ao período do ano. Costumava esperar esse tipo de clima no outono ou até mesmo na primavera, mas nunca no inverno.

Os viajantes cobriram um grande espaço de terra nos dias que se seguiram ao encontro com a besta que os perseguia. Desde que deram partida com a carcaça inerte do animal, a urgência já não era tão grande e eles já não se sentiam mais como se estivessem sendo caçados. A fera era tão vistosa que agora todos usavam casacos da pele do bicho, que os aqueciam na medida certa para enfrentarem a viagem. A única que parecia não se importar muito com o tempo era Nemeria, que caminhava tranquilamente à frente da companhia.

Os arquejos de Aidan e Enid encheram o ar quando eles pararam para observar o vale que se esparramava no horizonte. De olhos arregalados, eles contemplaram o mar de verde que viajava para longe e, para além dele, a onda de sequoias gigantescas pintava o cenário de fora a fora e do chão ao céu.

Era magnífico.

Os demais deram a eles alguns momentos para apreciar a vista antes de retomarem sua jornada. O grupo cruzou o vale em passos ligeiros, sem oportunidade para apreciar a paisagem com calma. O tempo, que já era curto, escoava aos baldes.

Assim que pisaram na floresta dos ferais, Arwin começou a se sentir esquisito. Como antes, uma apreensão inexplicável crescia em seu peito e, a todo momento, ele podia ter certeza de que estava sendo

observado, seguido, medido e pesado.

Eles correram por entre as árvores em busca do acampamento dos ferais.

– Eles estão perto – Nemeria disse baixinho. – Eu posso sent...

– Ora! Mas vocês não aprendem mesmo, não é? – proclamou uma voz gutural.

Eles se viraram para ver Grafan, que caminhava sozinho na direção dos viajantes. O feral corpulento se aproximou com passos tranquilos. Os pelos acinzentados, pintados de carmesim para a guerra, esvoaçavam suavemente na brisa invernal. Arwin não podia deixar de notar que a expressão de seu anfitrião era muito menos grave do que da última vez que se viram, até um pouco simpática. Por algum motivo, ele não sentia nenhum rancor pelo que aconteceu em meio àquelas árvores em sua última visita.

– Venham comigo. Nós já os esperávamos.

Nenhum deles se mexeu, apenas olharam em volta e consideraram o feral em silêncio.

– Por favor, você estão cercados desde que entraram na floresta – garantiu Grafan com um ar enfadado. – Vamos, sigam-me.

A banda de companheiros deu de ombros e cruzou a floresta atrás de seu novo guia. A caminhada era tranquila, em passo despreocupado. Arwin tentava controlar a urgência que crescia dentro dele. Por todos os lados de sua mente, ele sentia o retumbar compassado do tempo e já se perguntava se os outros experimentavam a mesma ansiedade. Sua vontade era de partir, correr, cruzar aquelas florestas o mais rápido que podia. Avisar a todos sobre o perigo, sobre o inimigo que estava à porta. Observava seus arredores e piscava os olhos com força. Impressas em sua retina, ele podia ver as árvores carbonizadas de seus sonhos comatosos. De alguma forma, ele sabia que todos ali corriam perigo. Arwin sabia que todos os ferais seriam dizimados e que a floresta queimaria até as raízes das árvores colossais, deixando um rastro de carvão pelo caminho, e não havia nada que qualquer um deles

pudesse fazer. Lutava uma batalha titânica dentro de si. *Vamos! Rápido! Eles precisam saber! Vamos!*

A passada lenta fazia a caminhada durar para sempre, e o rapaz sentia o peito espremer sobre seus pulmões enquanto eles andavam preguiçosamente pelo acampamento. Tudo ali era familiar. As tendas altas, feitas de troncos largos e couro de animais, tinham um fogareiro ou mesmo uma fogueira comum na frente de cada entrada. Varões pesados, feitos de madeira grossa ou de ferro, formavam suportes para carnes, peixes e, em alguns casos, animais inteiros ou peles esperando para virar couro curtido. Ele conhecia o caminho e queria trocar o passeio tranquilo por uma carreira acelerada.

Os olhares felinos, de homens e mulheres ferais muito grandes e fortes, acompanhavam a procissão silenciosa. As roupas rústicas de couro não tratado e os adornos de ossos e cinturões vistosos chamavam muita atenção dos novos visitantes. Seus rostos eram ferozes e eles carregavam, como Arwin já esperava, uma enorme sorte de objetos de guerra, machados de duas faces, malhos intimidadores, espadas de duas mãos gigantescas e até uma maça enorme presa em uma corrente grossa ele viu. Testemunhou uma vez mais a criatura gigante que ostentava chifres de veado – provavelmente os mesmos que viu da última vez que esteve no meio daquele povo tão peculiar.

Grafan parou na frente da tenda de seu pai – a construção rústica, de lona verde, era ornada em todos os lugares com desenhos de garras carminadas e a entrada parecia tentar tocar o firmamento – e aguardou. Momentos depois, eles foram convidados a entrar. Diferente de antes, o barracão estava vazio, exceto pela jaula que abrigava Nervall – em seu corpo de Onbero – e pelo gigantesco chefe daquela horda, Palamar.

O líder feral se levantou e saudou os visitantes. Os grossos pelos acinzentados que percorriam seu corpo conferiam a ele uma aparência envelhecida. E ostentava no peito, pendurado em um grosso cordão, uma enorme pata de urso pardo.

– Parece que o destino não cansa de nos reunir, não é mesmo, Rei dos reis? – a voz gutural parecia reverberar em seus corpos de

dentro para fora. – A que devo a honra de tão prazerosa visita, Majestade?

Alma sentiu Enid tremer ao seu lado e tomou a mão da moça entre seus dedos.

– Não se preocupe, ele não é tão mau quanto parece – ele sussurrou baixinho para a companheira, apertou os dedos firmes nos dela e depois se virou para Aidan. – Sua mão eu não vou segurar não, sinto muito.

Nemeria, ouvindo a declaração do jovem soldado, deu um passo à frente e agarrou a mão do rapaz, os dois se olharam e sorriram.

– Palamar, líder dos ferais, eu não sou mais o rei, mas trago notícias importantes! – disse Arwin se apoiando sobre um joelho. – São notícias graves do Norte!

– Sim, eu já sei de tudo – dispensou Palamar, gesticulando seu desinteresse com um aceno, ele se sentou no trono mais uma vez, a expressão totalmente entediada. – Seu irmão quer sua cabeça e blá blá blá. Meu garotinho aqui já me contou tudo. Ele garantiu que vocês viriam até aqui para buscá-lo. Eu duvidei que alguém iria querer algo com ele, mas estou impressionado. Vocês realmente vieram em seu auxílio. Por isso, eu vos saúdo.

Arwin se levantou e deu um passo à frente, ao que o líder feral rosnou baixinho.

– Meu Senhor, por favor. A ameaça é real – insistiu o rapaz. – Meu irmão... O rei reuniu um exército gigantesco e marcha para cá para destruir a tudo e a todos. Ele não se importa mais comigo. Ele quer aniquilar todos os bestiais.

As pupilas do chefe feral se contraíram ameaçadoramente e sua expressão se contorceu rapidamente à luz daquelas informações.

– O que quer dizer com bestiais? – um rosnado inquisitivo encheu o ar.

– Eles sabem – respondeu Nemeria.

Palamar se levantou e rugiu alto.

– SILÊNCIO, ABOMINAÇÃO!!

– Siênsio abiminição – debochou Alma baixinho. O feral monstruoso mostrou os dentes e apontou um dedo garrudo para o jovem soldado. – Desculpe-me – suspirou o rapaz, pálido como novelo de algodão novo. – Eu não resisti...

Palamar rosnou por entre os dentes e virou a cabeça, sentando-se mais uma vez.

– Nós faremos um acordo com o rei e tudo será resolvido – dignificou o feral, apoiando a cabeça no punho cerrado, com o cotovelo ancorado em seu trono. – Como fizemos antes. Não é o mais digno, mas pelo menos ele nos deixará em paz... Eles sempre deixam...

– Foi por isso que você me entregou para ele? – indagou Arwin, sua voz em um crescendo. – Foi por isso que você destruiu minha vida? Por um acordo que sequer será honrado?

O líder feral se lançou para fora do trono e caiu pesadamente na frente do rapaz. Mostrou os caninos – uma das presas tinha a ponta quebrada e todos os dentes eram amarelados – e a baba escorreu pelo canto da boca. As garras à mostra estavam prontas para dilacerar sua presa. Aidan e Alma levaram a mão às espadas, mas Arwin não se mexeu, encarou seu adversário no fundo dos olhos sem qualquer temor; um dos olhos, há muito ferido, exuberava a cor pálida que a cegueira lhe causou.

– O que vai fazer?! – questionou Arwin despreocupado. – Nada do que você pretenda fazer comigo vai chegar aos pés do que meu próprio irmão já fez, e por mais de uma era! Ele cavou fundo em minha alma, ele explorou meus piores e mais profundos medos, alguns que eu sequer conhecia. Confie em mim, grande Palamar, poderoso líder dos ferais, não existe qualquer brutalidade hedionda que você possa fazer ao meu corpo que meu próprio irmão já não tenha feito mil vezes pior à minha alma.

O olhar bestial do predador não abandonou sua presa. Palamar

considerou a bravura de Arwin por mais um par de segundos e relaxou. Escondeu suas garras e caminhou lentamente até o trono.

– Eu achei que nós fôssemos uma raça orgulhosa! – bravejou Nemeria. – A parte bestial que corre em minhas veias jamais faria um acordo como este para salvar a própria pele. Para viver com o rabo entre as pernas. Viver de joelhos! E a minha parte humana, que eu mostro em minha carne, jamais sucumbiria à vergonha de se ajoelhar diante de um usurpador! Um covarde que nunca venceu ou sequer lutou em uma batalha!

– Aquilo foi... diferente... – dispensou o líder feral.

– Diferente?! – a voz de Nemeria ficava mais poderosa a cada segundo. A besta dentro dela tentava se libertar e o som gutural rosnava em sua garganta. – Você aprisiona o próprio filho. Tenta matar a própria filha, repetidamente. O fruto de uma decisão que você mesmo tomou, fruto de seus próprios erros! Você se sente orgulhosamente nesse trono e fala com pompas sobre como um feral tem que honrar sua linhagem. Que espécie de honra torpe é essa? Que tipo de orgulho distorcido e seletivo é esse? Que mata a própria raça e tem medo de se erguer contra um humano franzino que nunca pegou em uma arma! Quem é você para falar de orgulho? O líder mais covarde e irracional que os ferais já tiveram.

– CHEGA! – rosnou Palamar se lançando à frente mais uma vez.

– NÃO! – rugiu Grafan se colocando entre seu pai e Nemeria. – Ela tem razão!

Os dois ferais monstruosos se encaravam intensamente e o rosnado que borbulhava ruidosamente em seus peitos colossais preenchia cada espaço da atmosfera. A vontade assassina que existia entre eles fazia com que todos ali se sentissem oprimidos e se encolhessem enquanto a tensão crescia.

– Conte a eles! – demandou Grafan com mais um rugido colossal.

O líder dos ferais se projetou intensamente outra vez. O rosnado crescente foi substituído por um suspiro exasperado e seus ombros musculosos relaxaram. Virou-se e caminhou até seu trono. Sentado,

apoiou a testa sobre o punho cerrado mais uma vez e comandou sem levantar a cabeça.

– Faça-as entrar.

Momentos depois, quatro ferais entraram na tenda. Todas as mulheres eram baixas – pelo menos para os padrões bestiais – e usavam longas túnicas acinzentadas. Alinharam-se de frente para o trono.

– Vocês sabem o que fazer – declarou o chefe.

As ferais observaram a banda de companheiros por um longo tempo.

– Será possível? – perguntou uma delas, um pouco mais baixa.

– Ele está assim há muito tempo, talvez não tenha como trazê-lo ao seu estado natural.

– Parece muito enfraquecido, a própria essência quase desapareceu.

Palamar rugiu mais alto do que nunca, fazendo toda a tenda tremer.

– ANDEM LOGO!

As ferais se encolheram tremendo até os ossos.

– Sim, Meu Senhor!

As curandeiras curvaram a cabeça e apertaram os olhos. Estenderam as mãos espalmadas à frente, como que fazendo uma prece, e ficaram naquela posição por um longo tempo. Elas murmuravam baixinho o tempo todo e o mantra foi se intensificando e crescendo no ar.

O ritual perene se alongava cada vez mais e Arwin começou a se sentir esquisito. O rapaz olhava à sua volta e sentia que tudo estava diminuindo. Seus olhos começaram a enxergar cores e formas de um jeito diferente e ele sentia um calor enorme sob as vestes pesadas que o protegiam do inverno. Seus sentidos se aguçaram lentamente e ele podia ouvir até mesmo a pulsação de todos

naquela tenda.

Arwin olhou seus companheiros e eles o encaravam com olhos atônitos.

– Mas que merd... – começou Alma.

– Como... – sussurrou Aidan.

– Qual o problema de vocês? – Arwin não entendia. Perguntava-se se Palamar e seus filhos haviam encolhido. E as expressões que ele sentia cravar em sua pele o deixavam perfeitamente desconfortável.

– Eu acho que agora você vai mesmo vomitar bolas de pelo – declarou Alma só para receber um cutucão de cotovelo de Enid.

– Isso explica tudo! – exclamou Enid.

– Isso não explica nada! – respondeu Nemeria.

– Do que vocês estão falando? – Arwin sentia o mundo rodar.

– Suas mãos... – sussurrou Enid.

Arwin levantou as mãos na altura dos olhos e não conseguiu acreditar no que via. Seus dedos agora eram grossos e peludos e ele tinha garras afiadas no lugar das unhas bem aparadas. Correu para um cristal muito polido ao lado do trono e o rugido encheu o ambiente enquanto ele berrava com todo o ar que tinha em seus pulmões.

Arwin não podia acreditar no reflexo feral à sua frente.



– Eu posso fazer carinho atrás da sua orelha? – perguntou Alma.

Arwin disparou um olhar furioso com seus novos olhos amarelados. Encarou um longo tempo seus dedos peludos. Suas garras eram tão afiadas que ele sentia que nunca mais precisaria segurar uma espada na vida. A pelugem caramelo brilhosa – quase dourada –

que preencheu todo o seu corpo o aquecia o suficiente para obrigá-lo a tirar o casacão que usava – sentia sua pele se espremer contra as roupas. Percebeu o quanto era grande, sua estatura estava muito acima de qualquer outro homem, mesmo Fergus seria um sujeito pequeno ao seu lado. As cores e formas sobre seus olhos eram meio turvas e ele sentia que podia enxergar a temperatura e a distância das coisas, ele não sabia explicar exatamente. Seus reflexos estavam muito aguçados e ele podia ouvir o sangue correndo pelas próprias veias. Algumas horas já haviam se passado e ele ainda tentava entender como aquilo era possível. O seu mundo continuava a rodar e sua mente não parava de correr.

– Como é? Sua orelha parece ser tão fofinha – insistiu Alma esticando uma mão para apertar as orelhas do amigo.

Arwin rugiu bem alto e sentiu pela primeira vez a presença animal dentro de seu peito.

– Eu vou encarar isso como um não – respondeu o jovem soldado recolhendo a mão lentamente.

O silêncio pressionava mais uma vez os espaços entre eles e a respiração pesada do recém-descoberto feral parecia que nunca se estabilizaria.

– Como isso aconteceu? – indagou Enid para Palamar quando conseguiu reunir coragem o suficiente.

O líder dos ferais rosnou para a moça, que se encolheu.

– Conte a eles! – demandou Grafan. – Ou eu conto!

– Será que eu posso sair da jaula para ouvir a história? – gritou Nervall tentativamente.

Palamar revirou olhos impacientes e suspirou. Fez um gesto para Grafan, que cruzou a tenda para liberar o irmão de sua prisão. Todos se sentaram em volta do trono e esperaram ansiosos pelo conto.

O feral respirou bem fundo e passou a mão na testa.

– Há muito tempo, há quase trinta invernos, para falar a verdade...
– ele começou sem levantar a cabeça, ainda apoiando a testa abaixada entre os dedos. – Quando o Rei Sinn desenhava uma campanha violenta que arrastava todos os povos de Galabor, um acordo foi oferecido e firmado... Os ferais eram poderosos. Poderosos demais até mesmo para um rei tão imponente e com um exército tão formidável quanto o que ele tinha. O Rei Sinn buscou de todas as formas preservar suas forças e levar sua campanha ao sul sem precisar lidar com os bestiais. Meu pai, Balmor... meu pai... sabia que poderia vencer as tropas do rei sem dificuldades. Mas a oferta que lhe foi feita...

Palamar levantou os olhos e encarou todos ali. Os olhares curiosos o observavam avidamente, prendendo-se em cada palavra que dizia. Ele levou um longo tempo para retomar a história.

– A oferta que foi feita pelo Rei Sinn... era boa demais para ser recusada.

– Que oferta alguém poderia fazer a um líder que sabe que pode vencer uma batalha a ponto de ele desistir da ofensiva? – perguntou Aidan confuso.

O rapaz se encolheu quando o feral o encarou nos olhos.

– Por favor, continue, vossa bestialidade – ele disse baixinho.

Nem mesmo Palamar conseguiu conter a gargalhada.

– Ah! Era uma oferta que nem eu mesmo recusaria, isso é, se eu não soubesse das consequências que nos traria – disse Palamar mais relaxado. – O Rei Sinn fez uma oferta praticamente irrecusável aos ferais. Ele ofertou a troca de filhos!

Todos arquejaram de surpresa, menos Alma, que olhava tudo aquilo perfeitamente perdido.

– Como assim troca de filhos? – perguntou o rapaz confuso erguendo a mão direita.

– O Rei Sinn ofereceu o filho dele em troca do herdeiro do líder feral – explicou Enid.

Mas a resposta parecia não ter sanado todas as dúvidas de Alma, que ficava cada vez mais perdido com tudo aquilo.

– Mas que finalidade isso teria? – perguntou o jovem soldado.

– Deixe ele terminar a droga da história – interferiu Nemeria irritada. – Prossiga, pai... Palamar.

O chefe dos ferais limpou a garganta desconfortável e continuou.

– A oferta era simples. Um filho seria oferecido e, um dia, um líder feral seria o rei de todo o reino. Um amplo e poderoso reino que uniria homens e ferais.

– E eu era esse filho?! – disse Arwin, era mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Você! – respondeu Grafan. – Você é o filho mais jovem de Balmor!

– Tio?! – perguntaram Nervall e Nemeria em um coro.

Palamar rosnou baixinho e todos ficaram em silêncio de novo.

– O plano era que você assumisse o trono quando o rei desse partida deste mundo. Meu pai se preocupou com o curso dos planos, o Rei Sinn já tinha um herdeiro e seria impossível explicar como um outro havia surgido da terra. Mas ele garantiu, com sua palavra, que aquele acordo seria honrado e que você assumiria o trono, não importando as consequências.

– Mas, então, por que os povos não se uniram? – questionou Nemeria curiosa.

Palamar respirou fundo.

– Nem todos ficaram felizes com a escolha de meu pai – o líder feral fez uma pausa, levantou-se e andou pela tenda vazia. – Muitos se ressentiram com a decisão que ele havia tomado e por não tê-los consultado. Não que qualquer um deles fizesse uma escolha diferente em seu lugar, era uma oferta melhor que qualquer outra. Mas isso não importou, alguns se rebelaram e partiram. Os que ficaram cortaram a cabeça de meu pai e a penduraram em uma

estaca bem no alto para mostrar o que acontecia quando os feraís se sentiam contrariados. Esse acordo acabou sendo completamente esquecido. Aparentemente por ambos os lados.... Naquele dia, a tribo se separou e várias pequenas tribos foram espalhadas por toda a Galabor.

– Mas e o que aconteceu com o filho do rei? – perguntou Aidan curioso. – Vocês o mataram?

Dessa vez quem rosnou alto foi Grafan.

– Nós não matamos crianças! Nós não somos monstros como os homens!

– Grafan, acalme-se – pediu Palamar com uma voz tranquila. – Ele voltou para a companhia de sua própria raça. Voltou para sua cidade natal e foi batizado de Garik.

– O padeiro? – disse Alma sem pensar. – Mas que mundo pequeno! Ele é um padeiro hoje em dia, sabiam? – Ele se encolheu sob os olhares incrédulos lançados sobre ele. – Desculpem-me... – sussurrou com um sorriso amarelo no rosto.

– Como isso é possível?! – perguntou Arwin colocando a cabeça entre seus longos dedos peludos. Era impossível acreditar naquela história toda.

– Mas agora tudo parece fazer sentido! – disse Enid.

Todos a olharam curiosos.

– O que quer dizer? – perguntou Alma com uma sobrancelha levantada.

– Tudo! – exclamou a moça. – Tudo!

– Ok, você vai explicar ou vai ficar enrolando para sempre? – perguntou Nervall incomodado.

– Olha como fala! – ameaçou Alma.

– Olha você como fala! – rosnou Grafan.

– CALEM A BOCA! – rugiu Arwin e todas as vozes morreram no ar. Ele se virou para Enid e disse suavemente. – Por favor, explique.

Os olhos de Enid se encheram de apreensão e ela limpou a garganta.

– Há algum tempo... bom, agora há muito tempo, na verdade... Algumas luas antes de vocês partirem naquela fatídica jornada, eu descobri que Rhaella tinha desenvolvido um interesse muito peculiar por documentos da Coroa. Eu percebi que ela estava estudando muitos decretos e tratados antigos. Um acordo tão grandioso como esse, com tanta coisa em jogo, com certeza não deixaria de ser registrado com todas as certificações possíveis. Um dia, eu estava organizando os papeis na mesinha de Rhaella e encontrei algo referente aos ferais. Eu não consegui ler do que se tratava, mas falava de todos os bestiais.

– Ah! Então é assim que você sabe a respeito disso? – perguntou Nemeria.

– Sim! – disse Enid orgulhosa. – Depois que eu li o nome, pesquisei e li bastante sobre todos os bestiais... Sei de como se separaram e conheço as lendas sobre Bal...

Enid engoliu a seco quando viu a expressão no rosto de Arwin. Limpou a garganta e continuou.

– Pois bem, ela estava estudando esses documentos e provavelmente descobriu sobre o acordo.

– Isso explicaria esse novo ódio que Finn nutre pelos bestiais – afirmou Arwin baixinho com sua nova voz gutural. – Mas isso não explica por que Rhaella me trairia.

– Talvez explique... – disse Enid com a voz compreensiva. – Talvez ela não quisesse um marido... diferente.

Arwin abaixou a cabeça por um segundo.

– Isso não explica por que vocês me traíram! – rugiu Arwin se virando para Palamar. – Se você sabia quem eu era... Se sabia o que meu irmão planejava, por que deixou que ele fizesse aquilo comigo?

Por que concordou com aquilo?

– Bom... – começou Palamar despreocupado, caminhando lentamente até seu trono, onde se acomodou. – Eu queria que você morresse! Se você morresse, todos os problemas seriam resolvidos. Afinal de contas, você não é um de nós, nunca foi e nunca será. Seu papel era simplesmente nos dar uma vantagem para espalhar nossas tribos e nem isso você conseguiu fazer. Ah, não! Você merecia morrer, filho de Sinn... Foi por sua causa que o meu pai foi morto. Seria nada menos do que justo. E se você sofresse no processo, por que isso seria problema meu?

Arwin rosnou com todas as forças que conseguiu reunir. Suas presas e garras estavam à mostra e as pupilas contraídas, prontas para o ataque. Levantou-se como se se preparasse para a carnificina.

– Poupe-me, moleque! – dispensou Palamar.

O feral recém-descoberto bradou sua frustração mais uma vez, virou as costas para todos e saiu pela tenda em passos pesados.

– Arwin... – Alma tentou erguer uma mão para conter o companheiro, mas o toque foi rejeitado pelo amigo de infância, que partiu.

Arwin correu pela floresta com todo o vigor que conseguiu reunir em seus novos músculos. Seu sonho passava mais uma vez na frente de seus olhos, mais real do que nunca, mais familiar do que antes. O turbilhão de imagens cruzava sua mente e ele via o verdejante se misturar ao carbonizado a cada passo que dava.

O novo feral se lançou em um salto poderoso, balançou de um galho grosso de uma árvore para o outro, subindo cada vez mais alto até se aninhar no tronco de uma sequoia que se perdia aos céus, muito longe do chão. A vista dali de cima era surreal e ele não sentia qualquer receio de estar tão longe da terra.

Desenhando os contornos do horizonte que já se curvava à vinda da noite, Arwin se perguntava como aquilo poderia ser real. Quanto mais ele buscava saber quem era, mais distante as respostas pareciam estar.

Livros dessa série

Peças do Destino

A Jornada do Rei

Arwin vê as sombras da incerteza crescerem em sua mente quando a ameaça de uma revolta coloca em risco tudo aquilo em que ele acredita. Em um mundo onde (quase) nada é o que parece, o jovem rei parte em uma jornada desesperada para restaurar o equilíbrio em seu reino.

Livros deste autor

Acontece

Gregório é um diagramador na casa dos vinte e poucos anos que luta para superar a um relacionamento fracassado e os problemas emocionais que ganhou de brinde. A insegurança e a ansiedade são parte comum do seu cotidiano, o que faz com que lidar com pessoas se torne cada dia mais difícil. Os dias passam devagar (escorrem pelo ralo), com pouca ou nenhuma novidade, até que, em um momento de pura insanidade, ele instala um aplicativo de relacionamentos e acaba conhecendo Lisa. Essa nova amizade vai despertar em Greg uma vontade de conhecer e se conectar com as pessoas. Mas as coisas ficam estranhas quando ele descobre que Lisa também tem seus problemas, que serão um desafio à parte na vida de Gregório.